

COMPRA
ABR 1940

SERÕES



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 53 - Novembro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as hexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: **CARLOS MONIZ TAVARES**

Endereço telegraphico: **Vaccina**

Numero telephonic: **548**

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 4 a 5 pessoas	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas.	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista.	2\$000 »

Preços especiaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fórma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

MAGAZINE

PAG.

DUQUEZA DE PALMELLA (Frontispicio)	354
O CULTO DOS MORTOS (8 illustrações e 1 vinheta) por A. BELISARIO	355
OS CAFÉS DE LISBOA (6 illustrações) por PINTO DE CARVALHO (TINOP).	363
NO CALVÁRIO (Soneto) de J. REGALLA	368
A LOBA (1 vinheta) por GUILHERME RUBIM	369
CINTRA (7 illustrações) por PAULO DE MORAES	377
CASAMENTOS Á FORÇA (7 illustrações e 1 vinheta) por FAUSTINO DA FONSECA	387
O PÔMO DA DISCORDIA (Versos) de ALEX KELLER, versão de M. CARDOSO MARTHA	394
O CAMPO DE SANT'ANNA — RECORDAÇÕES DE ENTÃO (11 illustrações) por CARLOS ABREU	395
O PUNHAL DO DESTINO (1 illustração e 1 vinheta) versão do inglês de MANUEL DE MACEDO	404
LOUVOR DO AR (Versos) de João DE BARROS	409
A DISCIPLINA ESCOLAR E O CASTIGO (1 vinheta) por MARQUES MANO	410
QUEREMOS MARINHA DE GUERRA (1 illustração e 2 vinhetas)	414
COMO SE TEM EDUCADO O POVO PORTUGUEZ (1 illustração e 1 vinheta) por CARNEIRO DE MOURA	417
ECCOS E REFLEXÔS (17 illustrações)	427

A MUSICA DOS SERÕES

VISÃO D'AMOR, por ISIDRO PERES	4 pag
--	-------

OS BASTIDORES DO NIHILISMO

POR

MAX PEMBERTON

TRADUCCÃO DO INGLEZ DE

EDUARDO DE NORONHA

OBRA ILLUSTRADA COM 16 GRAVURAS

INDICE DOS CAPITULOS

Capitulos	Pags.	Capitulos	Pags.
I— Bruce Ingersoff principia a sua historia	7	XIX— Na praça de touros	255
II— Adeus a Cambridge	17	XX— O dr. Luthero James	27
III— Jehan Cavanagh	29	XXI— Barcelona	299
IV— A casa do Fen	41	XXII— No palacio da Ponte	321
V— As noticias do jornal	55	XXIII— As desconfianças de Paulina	331
VI— O grito nocturno	65	XXIV— O regresso a Inglaterra	337
VII— A mulher e a creança	77	XXV— Fédoro	351
VIII— O destino de Cavanagh	93	XXVI— Um conhecimento	367
IX— Prospero de Blondel	105	XXVII— Jornada nocturna a Waterbeach	377
X— A festa do Corpo de Deus	119	XXVIII— A dama do bosque	395
XI— A luz da janella	143	XXIX— Na bibliotheca	403
XII— Ainda Paulina Mamavieff	165	XXX— O barco	413
XIII— A prisão de Bruges	177	XXXI— Robiniof	429
XIV— A encarcerada	189	XXXII— A sua familia	437
XV— A segunda entrevista	203	XXXIII— Paulina emmudece	447
XVI— Raiz e tronco	217	XXXIV— O milagre	461
XVII— O homem de cabelo ruivo	229	XXXV— A memoria de Jehan Cavanagh	469
XVIII— O expresso de Vienna	249		

PREÇO 500 RÉIS

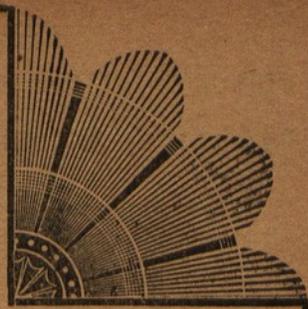
Á venda nas principaes livrarias

e no deposito, Livraria Ferreira, editora

132, Rua do Ouro, 138

LISBOA

Typographia
DO
ANNUARIO
COMMERCIAL



DE PORTUGAL

Propriedade de **MANOEL JOSÉ DA SILVA**

≡ OFFICINA TYPOGRAPHICA ≡

Movida pela electricidade — Instalação apropriada

Executam-se trabalhos typographicos em todos os generos, e mui especialmente os que dizem respeito ao commercio, como facturas, memoranduns, livros de escripturação, etc., garantindo-se perfeito acabamento e modicidade de preços.

Reprodução de planos. Cartas Geographicas.
Laminas e pergaminhos antigos. Quadros a oleo e aguarella
em tamanho natural, ampliado ou reduzido

≡ ESCRITORIO E OFFICINAS ≡

Praça dos Restauradores, 27 (PALACIO FOZ)

≡ CALÇADA DA GLORIA, 5 ≡

Telephone 1:239        **LISBOA**

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANUARIO COMMERCIAL)

Telephone **805**

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, offerece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecede o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção

Por um anno, ou sejam, 12 inserções

1 pagina	6\$000 réis		1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »		1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »		1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 500 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	-	Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	-	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS **Serões**

Praça dos Restauradores (Passagem do Anuario Commercial) **27**

Telephone **805**

LISBOA

SERÕES

N.º 53 — NOVEMBRO



LIVRARIA FERREIRA—EDITORA

139, RUA DO OURO, 135 LISBOA



DUQUEZA DE PALMELLA

Camareira-mór, fidalga pelo nascimento e pela sua inexcedível caridade,
artista de grande merito.



TUMULO DA PRINCEZA ALICE DE HESSE, E DE SUA FILHA

O culto dos mortos

Alguns tumulos históricos

A festa dos defunctos na antiguidade — O tumulo da princeza Alice de Hesse e da filha, causa da sua morte — Tumulo de Theodorico em Ravenna — Tumulo de Jean Jacques Rousseau — Tumulo de sir John Moore — Tumulo de Napoleão em Santa Helena — Os tumulos dos Kalifas no Cairo — O famoso tumulo dos Cardeaes d'Amboise — O tumulo de Alexandre Herculano.



DESDE OS mais antigos tempos procuraram os vivos honrar a memoria dos mortos, consagrando um dia em cada anno á commemoração dos que partiram para a viagem mysteriosa, da qual «viajante algum voltou ainda». Na antiguidade eram os mortos venerados sob o nome de *manes*, tendo a designação de *ferales* as solemnidades annuaes a tão piedoso culto destinadas. Com mais ou menos variantes, ou revestindo as mais diversas modalidades, todas as raças e

todas as crenças teem professado o culto pelos seus mortos. A generalisação, porém, d'esse culto deve-se á igreja catholica.

Foi S. Odilon, abbade de Cluny, como é sabido, quem, no anno de 998, instituiu em todos os mosteiros da sua congregação, a chamada festa dos fieis de Deus, ou, mais vulgarmente, dos fieis defunctos. Submettida esta innovação á consulta do sacro collegio de Roma, foi approvada pelo Papa e em breve se espalhou a todo o orbe christão, designando-se para ella o dia 2 de novembro de cada anno.

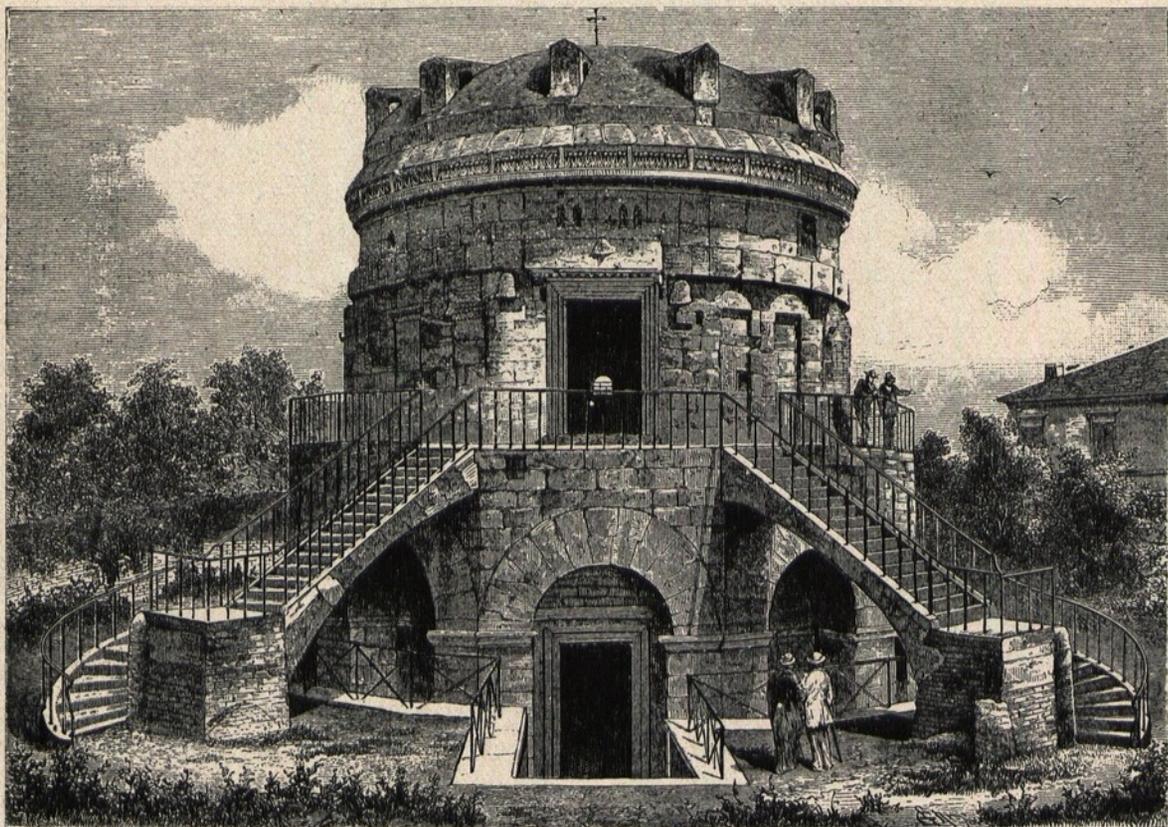
De modo que, ou surja com a força da intuição o monismo grego, ou brilhe na sua dialectica divina o dualismo de Platão,

ou se affirme, logico e rigoroso, o experimentalismo aristotelico; quer triumphe o mysticismo da fé christã, quer dominem, pela palavra, pelo ferro ou pelo fogo, as doutrinas de cem prophetas, quer se expandam pela terra: o pantheismo de Bruno, o darwinismo, a theoria atomica, e a concepção da evolução organica do mundo, em toda a doutrina, em toda a raça, em toda a época, essa homenagem dos vivos ao phantasma da morte é um facto, que muda relatividades e fórmulas, mas que domina «imperecível como a substancia do ether».

O dia dos mortos, — como disse algures um escriptor cujo nome não temos presente, mas cuja affirmacão jámais nos esqueceu — é uma janella aberta para a noite do Mystério, janella em que todos os espiritos se debruçam, uns como que a investigar a tréva que a descrença lhes cerrou, pavorosa e formidavel, outros como que á espera do raiar da apotheose d'uma vida nova, que são aquelles para os quaes, n'essa noite negra, se rasga o luar da fé no esplendor triumphal da paz absoluta, em tom suave de madrugada primaveril. As almas dos vi-

vos parecem unir-se com as dos mortos, em amplexo amoroso, sobre todas as religiões e sobre todas as descrenças, porque o certo é que acima da credulidade, como acima da duvida, paira o amor sempre forte e todopoderoso, erguendo os mortos na grande evocacão da saudade.

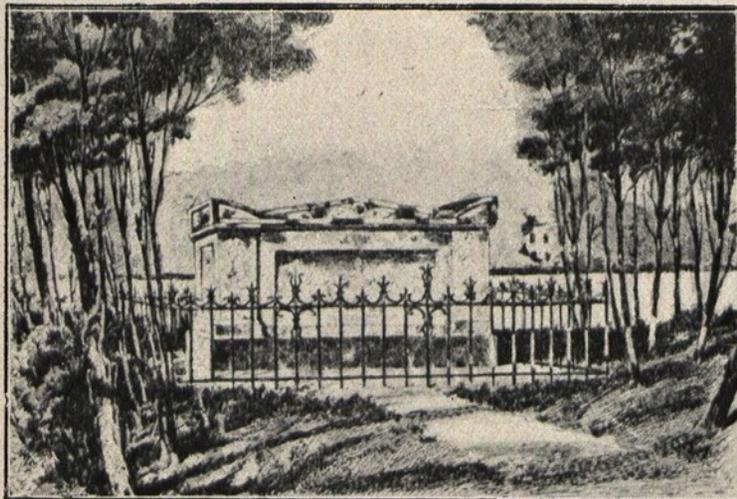
Acompanhando a commemoracão dos mortos, que n'esta época se realisa, não iremos descrever agora como se inventaram as sepulturas — mais por causa dos vivos do que dos defunctos, como asseverou Seneca —; quaes eram os ritos sepulcraes dos gregos, imitados depois pelos romanos, até ao momento em que começaram depositando os cadaveres em verdadeiros aposentos, que podiam dizer-se confortaveis, verdadeiras camaras subterraneas, como se para vivos se destinassem; nem repetiremos aqui como foi que na primeira metade do seculo IV, antes de Christo, no reino de Caria, na Asia Menor, a rainha Artemisa, viuva do rei Mausolo, querendo perpetuar atravez dos seculos



O TUMULO DE THEODORICO, EM RAVENNA

a saudade da sua inconsolável viuvez, mandou construir o famoso monumento, que do nome do rei morto se ficou chamando *mausoleu*, verdadeira maravilha da arte grega. Alongariamos demasiadamente este artigo e não contariamos novidade alguma a nossos leitores, versados, seguramente, em taes assumptos da historia geral.

Limitar-nos-hemos, portanto, a pontos de historia especial, que não é tão provavel se-



TUMULO DE JEAN JACQUES ROUSSEAU,
EM ERMENONVILLE

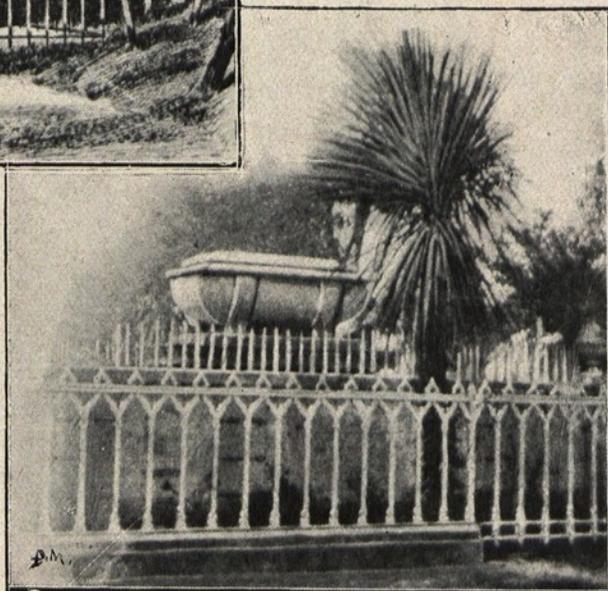
jam de todos conhecidos, acompanhando de alguns ligeiros apontamentos varias gravuras de diversos tumulos, mais ou menos notaveis, quer pela memoria dos personagens, cujas cinzas encerram ou encerraram, quer pelas manifestações artisticas, que, como monumentos, esses tumulos representam. Muitos são os que existem dispersos pelo mundo; mas de todos fazer-se aqui referencia seria absolutamente impossivel.

Escolhemos, portanto, ao acaso, alguns entre muitos; e confiamos em que a escolha feita não desagradará aos nossos leitores.

Começaremos pelo tumulo cuja gravura vae em *en-tête*. E' o da princeza Alice de Hesse, filha da rainha Victoria. Hesse é uma região da Allemanha, delimitada pelo Rheno a oeste, pelo Weser a nordeste, pelo Diemal ao norte, e ao sul pelo massiço do

Rhoen. O paiz foi organizado por Carlos Magno e pertenceu aos landgraves da Thuringia, por herança dos condes de Gudensberg, reinando essa familia até 1866, com o titulo de gran-duques. Foi com um d'esses principes, do ramo Hesse-Darmstad, que casou a princeza Alice. Não tardou em ter successão. Feliz e adorada pelo seu povo, graças ás qualidades que a tornavam verdadeiramente estimavel, deixou de si memoria imperecedoura, não tanto por ter sido grã-duqueza, mas porque soube ser, acima de tudo, uma verdadeira mãe. Uma de suas filhas foi atacada, ainda creança, do terrivel mal que a medicina designa pelo nome de *crup*, excessivamente contagioso.

A princeza Alice, resis-



TUMULO DO GENERAL INGLEZ SIR JOHN MOORE,
NA CORUNHA

tindo a todos os pedidos e a quantas recommendações lhe fizeram, não quiz deixar de ser a unica enfermeira de sua filha, não a desamparando dia e noite. O contagio da doença manifestou-se a breve trecho, não havendo meio de salvar nem a mãe nem a filha, arrebatando-as a morte no mesmo dia. O tumulo onde filha e mãe dormem o ultimo somno, commemora tão notavel exemplo de amor maternal, pela fórma que a nossa gravura representa. A estatua jacente da prin-

ceza Alice lá se vê apertando contra o peito a filhinha estremecida, que foi a causa da sua morte, sendo também a causa de que ainda hoje o nome da chorada soberana seja proferido com respeitosa e merecida sympathia em todo o gran-ducado de Hesse.

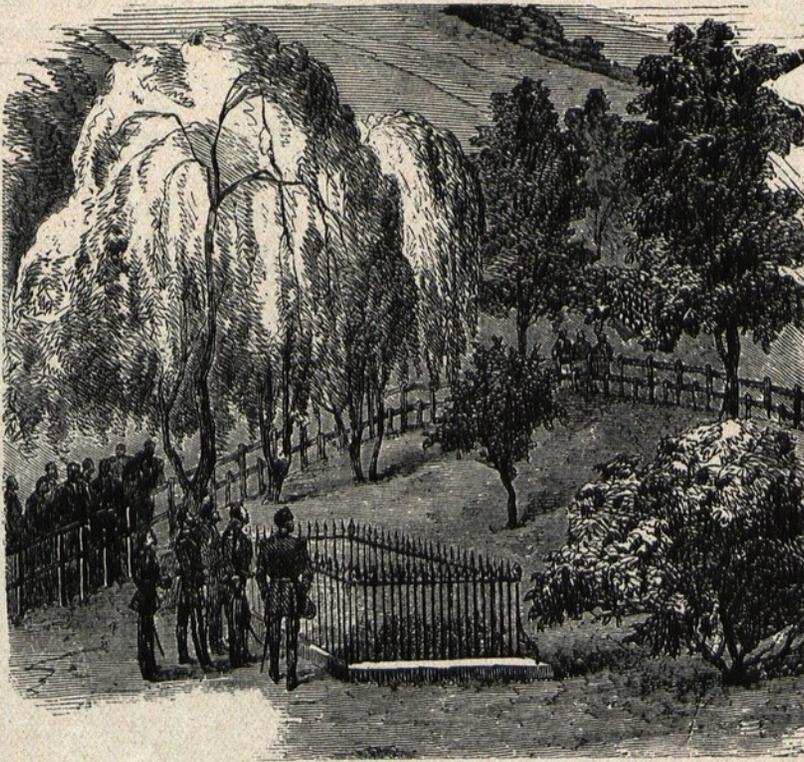
Foi Theodorico, cognominado *o Grande*, um rei dos ostrogodos, tendo sido elevado ao throno em 473, depois de ter recebido de Constantinopla os titulos de senador, de patricio, de mestre da milicia, e de consul. Guerreiro audaz, foram assuas victorias do Save, em 488, do Adige, no anno seguinte, e do Adda, no anno immediato, que o fizeram senhor do valle do Pó. Combateu as hostes de Odvacro em Ravena, mas ahi não lhe foi favora-

vel a sorte das armas, tendo de dar-se por vencido. Com o vencedor negociou então, arditosamente, uma convenção que lhe desse uma parte da Italia; e na occasião em que pilhou Odvacro despreoccupado, matou-o, com a maior semcerimonia d'este mundo, a 5 de março de 493. Tomou seguidamente o titulo de rei dos italianos e esforçou-se por dar ao seu governo um character todo romano, adquirindo grande prestigio. Quando viu que estava mais para morrer do que para viver, fez construir um tumulo gothico grandioso (que uma das nossas gravuras representa) para ahi ser depositado o seu ca-

daver, como effectivamente foi. Esse tumulo, mais tarde transformado em igreja (de Santa Maria della Rotonda), existe proximo de Ravena. No seu genero é dos mais invulgares que se conhecem. E é quanto resta do tempo de Theodorico, *o Grande*.

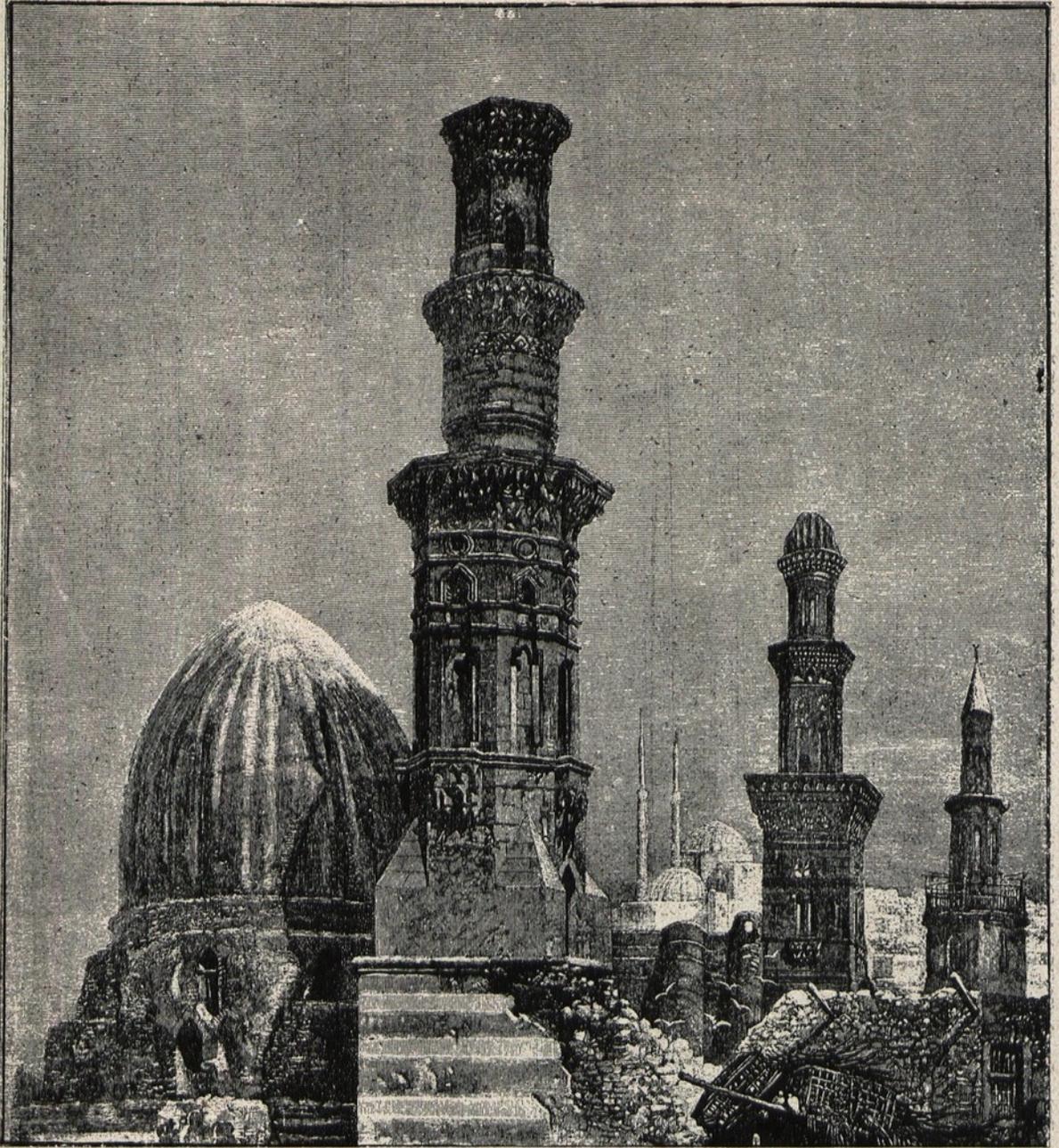
O tumulo de Jean Jacques Rousseau, em Ermenonville, apesar de não conter já os restos mortaes do immortal philosopho, encontra-se ainda religiosamente conservado,

tal como a nossa gravura o representa. A povoação de Ermenonville, pertencente ao departamento do Oise, em França, é celebre pelo seu castello do tempo de Luiz XIII, e pelo parque mandado dispor, tal como ainda hoje se vê, pelo marquez de Girardin,



O TUMULO DE NAPOLEÃO I, EM SANTA HELENA

no seculo XVIII. Grande admirador e amigo de Rousseau, o marquez offereceu-lhe hospitalidade verdadeiramente fraterna em seu castello, no verão de 1778. Ahi veio a fallecer o auctor do *Emilio* e do *Contracto social*, a 2 de julho do indicado anno, victimado por uma apoplexia ou congestão cerebral. Com funeraes verdadeiramente sumptuosos, foi o cadaver sepultado, no dia 4 de julho, na chamada *Ilha dos Alamos*. Desde logo o marquez decidira elevar á memoria do seu egregio hospede um tumulo que fosse digno d'elle. Cumpriu o seu intento piedoso, confiando ao desenhador Robert e ao esculptor



OS TUMULOS DOS KALIFAS, NO CAIRO
(De um quadro de Perlberg)

J. Lesneur a execução da obra, a qual foi inaugurada em 1780. E' decorado este famoso tumulo com baixos-relevos representando a Fecundidade, o Reconhecimento, a Liberdade e a Eloquencia. Tem de um lado a divisa de Rousseau:

Vitam impendere vero

e, do outro, a inscripção:

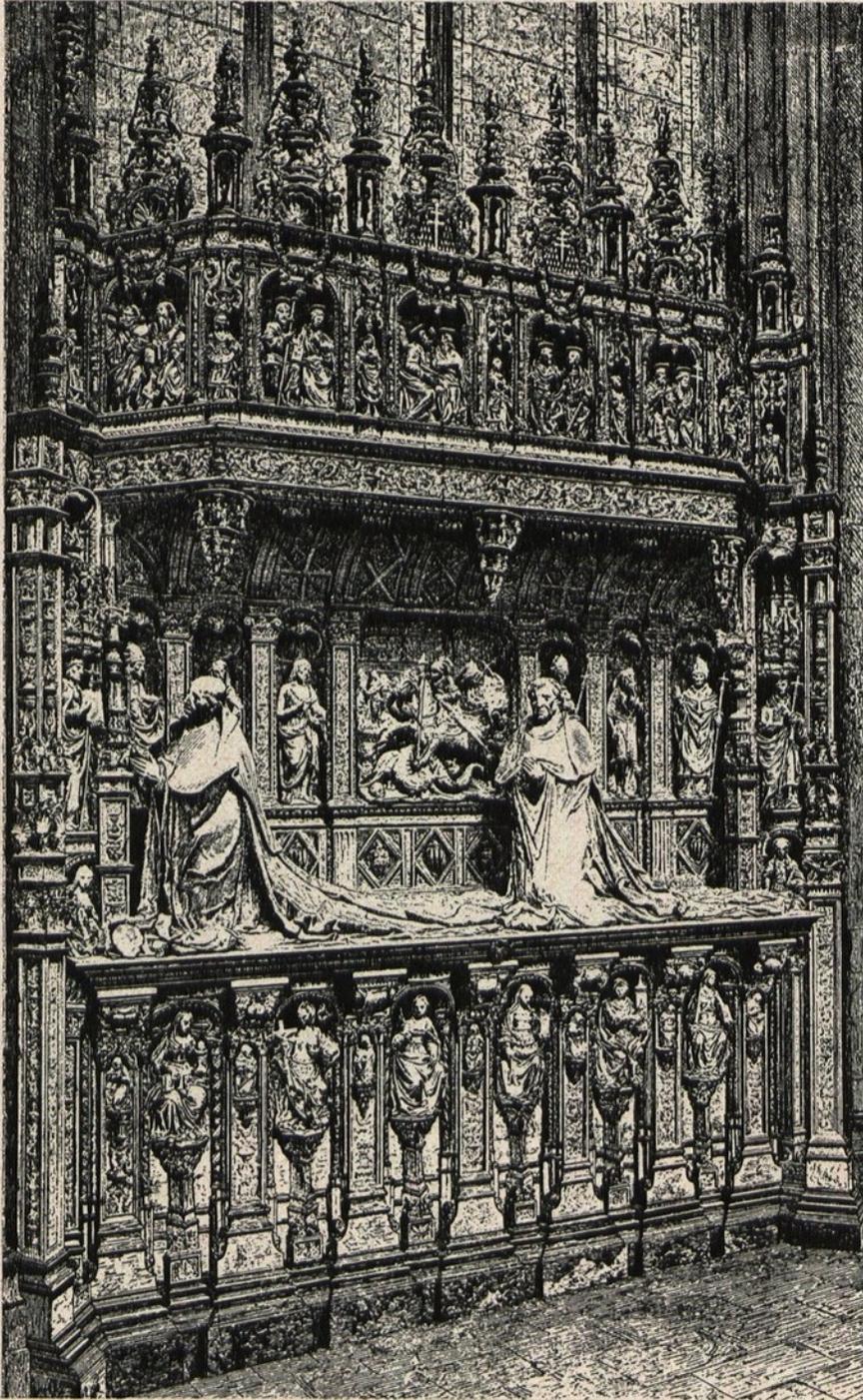
Ici repouse

l'homme de la nature et de la verité.

A Convenção, por decreto de 25 Germinal, anno II (4 de abril de 1794), deliberou fazer trasladar ao Pantheon das Glorias da França, os restos do eminente cidadão. O programma da trasladação, elaborado por Lakanal, foi lido e aprovado em sessão de 29 Fructidor (15 de setembro) do mesmo anno, e a cerimonia realisou-se a 20 Vendemiaire (11 de outubro) seguinte.

As cinzas de Rousseau foram collocadas, ao lado das de Voltaire, no Pantheon, com a mais grandiosa das apotheseoses. Ermenon-

ville, como dissemos, conserva e guarda, com manifesto orgulho, o monumento onde tão preciosas cinzas estiveram depositadas durante 16 annos. Ali se conserva tambem, o chamado *Deserto*, com a *cabana de Rous-*



TUMULO DOS CARDEAES D'AMBOISE, EM ROUEN

seau, e o incompleto *templo da Philosophia*, ao qual Rousseau dera começo e a cuja conclusão não poude presidir como tão ardentemente desejava. Tudo isto leva a Ermenonville inumeros viajantes intelligentes.

O tumulo do general inglez sir John Moore, está na Coruña, collocado em pleno jardim de S. Carlos, no coração da cidade,

por assim dizer, e em magnifico estado de conservação. Viera o general Moore á península, por occasião da guerra de 1809, á frente de um corpo de exercito inglez, enviado em socorro da Hespanha para se oppôr ás pretenções avassalladoras de Napoleão. Militar educado nas luctas da Corsega, de New-Ross, de Santa Lucia, de Bergen (onde foi ferido), etc., havia dado do seu valor as mais frisantes provas, tendo entrado para o serviço do exercito em 1776, com 15 annos de idade. Tinha estabelecido o seu quartel general na Coruña, em 1809, quando perseguido de perto pelas tropas de Soult, com ellas travou, a 17 de janeiro d'esse anno, a celebre batalha de Elviña, em a qual foi morto, por uma bala franceza, ao operar uma retirada difficil. A cidade da Coruña, honrando a memoria do seu defensor, ergueu-lhe o tumulo que a nossa gravura representa, junto do qual viceja uma palma, — a do martyrio do inditoso militar.

Em janeiro ultimo, a 17, dia em que passava o primeiro centenario da

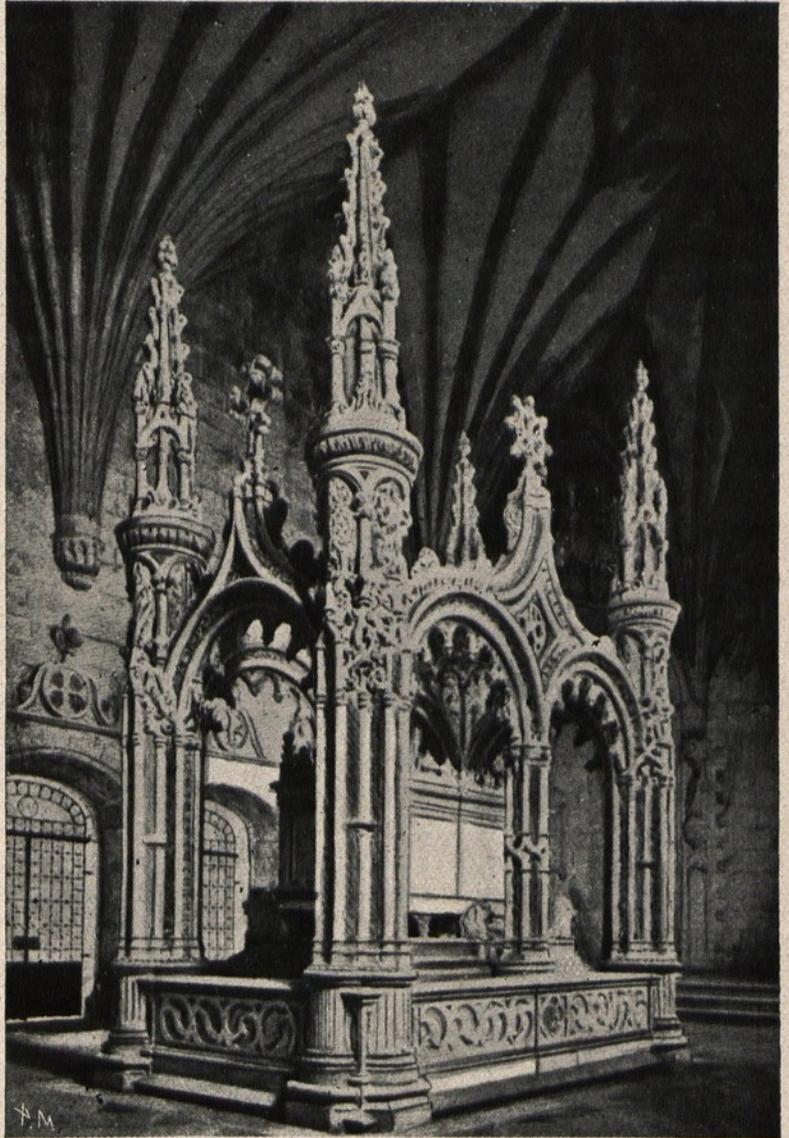
morte de John Moore, tudo o que de mais notavel ha na briosa cidade gallega, foi, em piedoso cortejo, depôr uma corôa de flôres e louros n'esse tumulo, já entre flôres e palmas erigido.

Visto que estamos tratando de militares, occupar-nos-hemos agora do tumulo de Napoleão, em Santa Helena, a famosa ilha dos pinaros inacessiveis, onde o audacioso guerreiro, que aspirava ao Capitolio, foi encontrar a sua rocha Tarpeia. Ahi foi o logar do seu desterro e o logar da sua morte, como é sabido.

O tumulo do homem que ambicionava o imperio universal, encontra-se em um estreito e profundo valle, de um aspecto selvagem e desolante. Uma grade de madeira fecha o recinto onde a sepultura se abriu, sendo a singela pedra tumular, sem inscripção alguma, resguardada, ao centro d'esse recinto, por uma vulgarissima grade de ferro. Como a attestar eloquentemente o nada das pretendidas grandezas humanas, o tumulo do poderoso imperador da França e arbitro do mundo, apresenta-se mais modesto do que os de alguns dos nossos burguezes! Arvores diversas, chorões, cyprestes e alamos põem uma nota de verdura n'aquella paisagem de desolação. O local foi escolhido pelo proprio imperador de posto, que para ali costumava ir passeiar algumas vezes, e manifestara desejos de ahi ser enterrado. Os seus carcereiros fizeram-lhe a vontade. Napoleão, que «foi grande até na desgraça, pois soffreu com valor e resignação os revezes da fortuna», falleceu a 5 de maio de 1821, sendo sepultado quatro dias depois. A ilha de Santa Helena fôra descoberta pelos portuguezes em 1501; passou para os hollandezes, depois para os inglezes, e foi, por fim, cedida á Companhia das Indias Orientaes.

Até 1840, os restos mortaes de Napoleão repousaram em Santa Helena. N'esse anno,

a 15 de dezembro, deram entrada em Paris, sendo recolhidos em novo mausoleu nos Invalidos, no meio de pompas funebres verdadeiramente grandiosas. O primitivo tumulo de Santa Helena, é ainda conservado, como verdadeiro monumento historico que é. A gravura que o representa é reproduzida da



O TUMULO DE ALEXANDRE HERCULANO, EM BELEM

que se publicou em 1870, quando a officialidade do navio de guerra fancez *Jean Bart* esteve de visita, em Santa Helena, não só ao referido tumulo como á casa de Langwood, onde Napoleão teve o seu carcere, e que o governo inglez fez conservar tal como o imperial prisioneiro a habitou nos attribulados dias da sua desgraça, perdida a corôa e as illusões que acalentára.

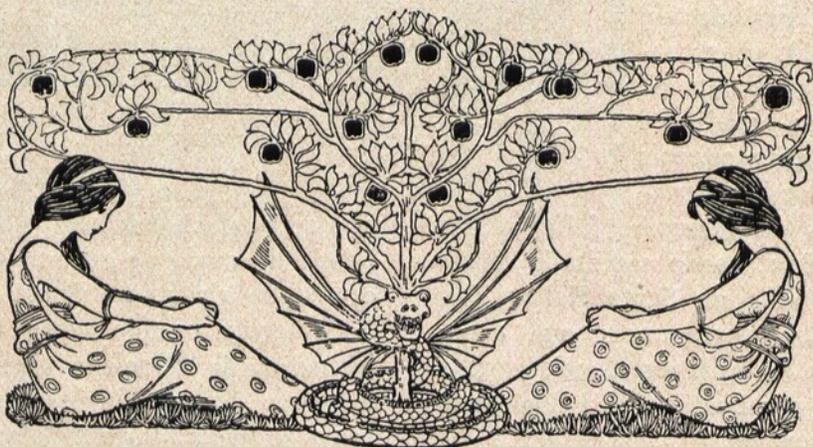
Os tumulos dos kalifas, no Cairo, — a antiga *El Kaira* (a Victoriosa), construida em 969, junto da ainda mais antiga Fostat, — constituem uma das mais interessantes curiosidades para todos os visitantes de taes paragens. Na sua maior parte em ruinas, ha, todavia, ainda bem conservados alguns d'esses esplendidos monumentos de uma architectura especial, cujos opulentos e elevados torrões e minaretos desde bem longe denunciam aquella originalissima cidade egypcia, onde reinaram os successores de Mahomed. Alguns, senão todos esses monumentos, são verdadeiras mesquitas, mais particularmente consagradas á gloria do Islam do que propriamente em homenagem ao kalifa morto, que ahi tem a sua sepultura. Mas como *tumulos dos kalifas* são designados no seu conjuncto. Da grandeza e imponencia d'esses tumulos dá uma ideia precisa o quadro de Perlberg, que uma das nossas gravuras reproduz, a acompanhar estas ligeiras palavras.

E' das mais sumptuosas cathedraes da Europa, a famosa cathedral de Rouen, França, que por certo muitos dos nossos leitores conhecem. Repleta, tanto interior como exteriormente, de notaveis obras de arte, a todas ellas sobreleva o esplendido tumulo dos cardeaes d'Amboise. Nada, absoluta-

mente nada, em toda a França é superior a tão magnifico trabalho de esculptura. Composição e execução, as estatuas dos preladados, os baixos relevos e as innumeradas figuras ornamentaes, tudo é de uma delicadissima factura, tudo está primorosamente cizelado, causando a admiração não só dos entendidos como até dos profanos em coisas de arte. Construido no seculo XVI, de 1518 a 1525, é este tumulo considerado como — *une merveille à nulle autre pareille*, como asseverou Jules Adeline por occasião da sua visita a Rouen. Joia de pedra, que parece trabalhada em prata, é, por certo, o tumulo mais artistico que conhecemos. De tal preciosidade dá apenas uma pallida ideia a gravura respectiva. Se ella subjuga o espirito de quem a vê, calcula-se a impressão que deve sentir quem possa admirar o famoso original que representa.

Entre os tumulos mais notaveis pelas recordações historicas de que se revestem, ou pelos primores artisticos da sua execução, seria injustiça, e até falta imperdoavel, deixar de assignalar-se o de Alexandre Herculano, erigido n'uma das capellas do claustro manuelino de Belem. Custeado por subscrição publica, de iniciativa particular, esse tumulo se honrou, como era justo, a memoria do historiador portuguez, não honra menos a Arte nacional, que tão preciosos labores produziu.

A. BELISARIO.





CAPÉ MARRARE

Os cafés de Lisboa

II



ANTONIO MARRARE, o reformador das lojas de bebidas lisboetas, era de uma obesidade caricatural. Estabeleceu quatro cafés celebres: o Marrare das Sete Portas ou do Arco do Bandeira, o

Marrare do Caes do Sodré, o Marrare de S. Carlos e o Marrare de Polimento. O derradeiro foi denominado assim, porque, segundo o elegante folhetinista Lopes de Mendonça, tinha as paredes forradas de «uma facha de pau polido, que o Marrare inventara para deposito de todo o macassar e pomada de urso, com que os *coiffeurs* ungem a cabeça dos seus freguezes».

Foi o mais notavel pasmatorio do Chiado, o primeiro parlatorio da velha Olyssippo, o café mais lisboeta da *Lisbia amada*, o chamariz de todos os alfacinhas que representavam a quintessencia de Lisboa. Este café, cujo nome passará á posteridade da Historia, teve uma missão analoga á do café Tortoni, em Paris, onde, no dizer folhetinistico de *Madame* de Girardin, se iam tomar gelados sem assucar e respirar um ar cheio de fumo de tabaco. O Marrare de *Polimento* foi creado em 1819 na rua das Portas de Santa Catharina, n.^{os} 25 e 26 (actual Chiado, n.^{os} 58 e 60), occupando uma loja, uma sobre-loja e todo o primeiro andar, morada do botequineiro, que pagava 600.000 réis de renda e tinha dois creados. O seu antecessor fôra o negociante Qua-

resma Pedroso, que tinha quatro creados e dois cavallos. No tempo dos Francezes, esta loja estava occupada pelo marceneiro Gabriel Bodiment, e, no predio anterior, havia o café do Ambrosini e a loja de estampas do Francisco Luiz Pereira, com cujos enormes pés o Bocage embirrava de véras. Immediatamente ao predio do Marrare, era o do opulento negociante João Antonio Ferreira (hoje o *Turf-Club*), predio que Beckford cita nas suas *Cartas* e que serviu de habitação ao general Kellerman em 1808.

Antonio Marrare era napolitano, veiu para Lisboa nos fins do seculo XVIII, e, em 1801, fundou uma loja de bebidas e de conserveiro no predio da rua da Figueira (rua Anchieta), n.º 16, com frente para a travessa da Parreirinha (rua Capello). Principiou logo por fornecer o botequim do theatro de S. Carlos, onde substituiu o botequeneiro francez João Salazar. Antes do Marrare, aquella loja fôra o estabelecimento de vinhos e bilhar de Mr. Dique, e veiu a ser um ponto de reunião dos novelleiros em 1808 e um centro de palestreiros em épocas posteriores. No principio do seculo XIX, um café custava 30 réis, mas era adulterado com fel de vacca, tremoços, favas e casca de piórno, e era servido aos freguezes dos botequins em chavenas de pó de pedra com um assucareiro de vidro azul sobre um tableiro de pau. Nos cafés do Marrare, porém, o café era puro Moka e vinha n'uma bandeja de prata, com cafeteira, leiteira, assucareiro, porco espinho e colheres, tudo de prata. N'estes cafés e nos mais aperaltados, ven-

diam-se tambem os vinhos generosos em uso como eram o Porto, o Madeira secco, o Malvasia, o Carcavellos, o Barra á Barra, o Pico e o Chamusca. Por morte de Antonio

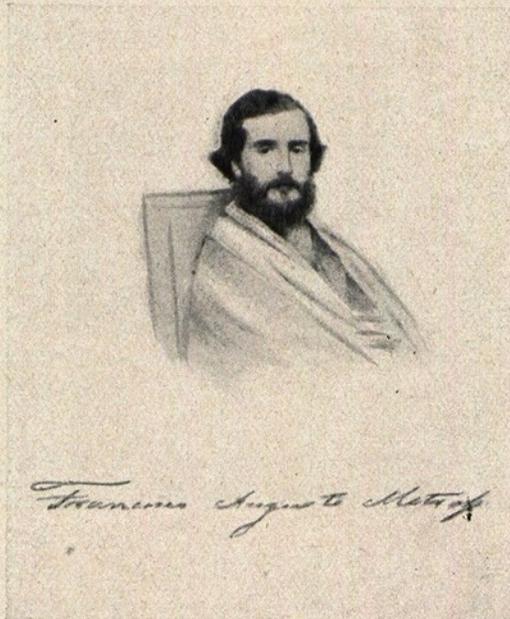
Marrare em 1840, o Marrare de Polimento passou a propriedade de seu sobrinho José Marrare. Tinha então um creado mui querido da *juventude doirada*, o *Pintasilgo*, que tambem servia nos bailes do marquez de Vianna, de cujos beberêtes se encarregava o Marrare, que lá figurava com um sequito de creados, brilhante como o exercito de Xerxes. Por fallecimento de José Marrare, o café foi trespassado ao pastelleiro Ferrari, que entregou a

sua administração a um Caggiani.

A historia e o romance muitas vezes se acotovellaram no Marrare de Polimento, que era, cumulativamente, exédra litteraria, de-

finitorio musical e club politico. Aqui, vinha Mephistopheles fumar o seu charuto, Clitandro chupistar a sua carapinhada e Rubempré tasquinhar o seu covilhête á Lamartine. O Marrare de Polimento foi o prazo-dado de todas as celebridades vindas dos quatro pontos cardeaes da chronica lisboense: os salões, a litteratura, a politica e o ar livre. Entre os que, n'este café, deixaram evaporar as suas riquezas cerebraes nas conversações, como diria Sarcey, apontaremos os seguintes, mas sem

guardarmos a ordem chronologica: Bernardino Ruffo, Timotheo e Rodrigo Verdier, Ardisson, os Sampaio do Carmo, Freitas Jacome, os dois irmãos Vizeus (conhecidos por *Principes russos*), marquez de Fronteira e seu irmão D. Carlos Mascarenhas, José



MARIANNO PINA

Estevão, Alexandre Herculano, Garrett, marquezes de Niza e de Loulé, Antonio da Cunha, José da Silva Carvalho, Passos Manoel, Bernardino Martins ou o Martins do *Burlesco*, Sant'Anna e Vasconcellos, Bulhão Pato, Antonio de Serpa Pimentel, conde de Farrobo, Thomaz de Carvalho, Mendes Leal, Ernesto Biester, Silva Tullio, Lopes de Mendonça, D. João de Menezes, o *Cazuza*, Teixeira de Vasconcellos, Julio Cesar Machado, Campos Valdez, Ricardo Guimarães (visconde de Benalcanfor), os pintores Anunciação e Metrass, o escultor Victor Bastos, etc. Entre os frequentadores do Marrare do Chiado, notaremos um, que deu o *dó* de peito do esturdio perdulario — o Lima da Cardiga. Viajou muito e conheceu pessoalmente a Dama das Camélias — uma pirata de saias, armada em corso. Gastou rios de dinheiro com a linda B., uma franceza que morava defronte do Marrare do Chiado, café



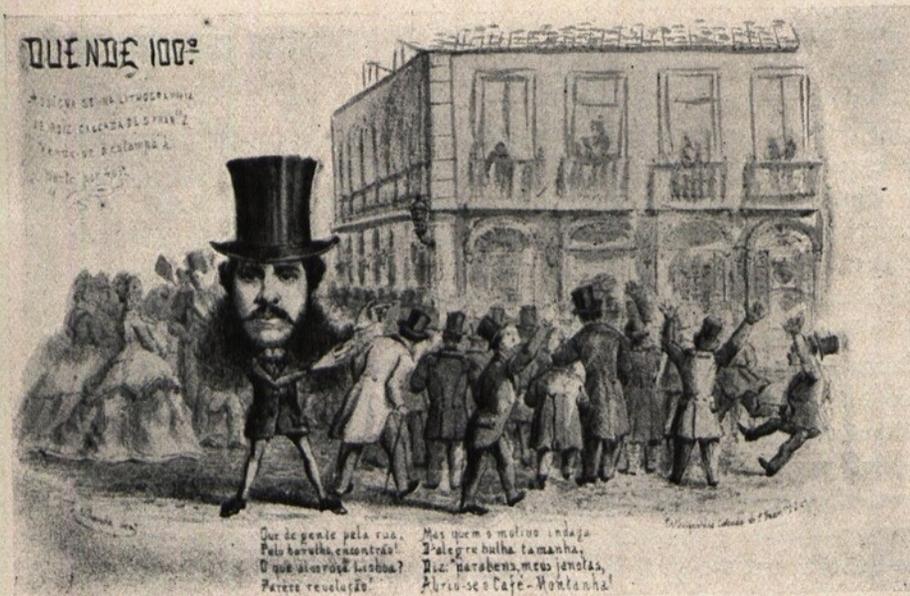
CAFÉ MONTANHA

em que elle jogava o bilhar a dez libras a partida.

O Marrare do Arco do Bandeira ou o Marrare *das Sete Portas* foi estabelecido em 1804 no predio então pertencente a José Antonio Gomes Ribeiro, avô do jonatissimo Antonio da Cunha Sotto-Maior. Em 1808, havia a batota do *Sardo*, no 1.º andar por cima d'esse café, casa em que Antonio Marrare habitou em 1824. Fallecendo Antonio Marrare, o café passou para o Manoel *Hespanhol*. N'esta época, os actores Tasso, Epiphonio e Theodorico eram seus freguezes

assiduos. A' clientella constituida por actores e politicos, succedeu uma outra, formada de toureiros profissionaes e de amadores da arte tauromachica.

O café *od Grego*, á esquina da praça dos Romulares e da rua do Corpo Santo, foi fundado em 1808 pelo negociante grego Angelo Cana-



RECLAME DO «DUENDE» DO CAFÉ MONTANHA EM 1865

glioti, a quem os fagulhas policiaes não perdiam de olho, porque suspeitavam que era um propagandista das idéas francezas, o que os obrigou a deitarem-lhe o gatazio e a expulsarem-n'o do reino em 1809, ficando com a administração do café o Bernardini, antigo copeiro de Luiz XVI, que emigrara para Lisboa, onde se empregou como copeiro do duque de Cadaval. O café *do Grego* chegou ao seculo xx, e, depois de ter noventa e nove annos de existencia, soffreu transformações e foi rebaptisado com o nome de *café de Londres*.

No predio que torneja da praça dos Restauradores para a rua do Alecrim, encontra-se o modernissimo café *Royal*, no 1.º andar do qual predio existiu, em 1854, o *restaurant* de João da Matta, o mais espirituoso theorico da gastronomia portugueza, aquelle cujos divinos pitéus excitavam o paladar da aristocracia do garfo.

O *Freitas do Rocio* deveu sua criação a um tal Gonzaga, que Luiz Augusto Palmeirim descreve perfeitamente nos *Excentricos do meu tempo*. Creado em 1845, foi frequentado por Luiz Palmeirim, Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, o actor Rosa pae, José Vaz de Carvalho, o valente Figueiredo do 14, Pinto Carneiro, Sant'Anna e Vasconcellos, etc. Actualmente, denomina-se *Café do Gelo* e é ponto de reunião da mocidade escolar, que se entretém no faldatório academico, na bacharellice politica e em outras nugas proprias dos verdes annos.

Deixemos o café *Europa*, que ficava mais adeante, á esquina do Rocio, e vamos até ao *Suisso* e ao *Martinho*. O *Suisso* foi fundado em 1845 por dois helvecios, um dos quaes se chamava João Meng, e começou por ser pastelaria e café. Obsequioso, afavel, parecendo ter vindo ao mundo entre uma curvêta e um sorriso, o Meng jámais deixou de superintender no seu botequim, sempre em mangas de camisa. Com o dobar dos annos, largou o café a um seu empregado, que, por fallecimento, o legou aos seus creados Leonardo e Antonio. Em 1848, percorriam as ruas tres musicos italianos, um clarinete e dois harpistas, que tocavam no *Suisso* e a quem um chroniqueiro matutino alludia n'estas linhas: — «Dão concertos por qualquer *finta* no café *Suisso* da praça de Camões e no *Marrare de Polimento*.» O *Suisso* dos tempos aureos teve como clientes

a Rebello da Silva, Saraiva de Carvalho, o general Pinto Carneiro, o insigne mathematico Marrecas Ferreira, Brito Limpo, Motta Pegado, e outros homens que se evidenciaram nas lettras e nas sciencias. Em 1898, o *Suisso* cambiou de proprietarios, e hoje vê narcisar-se, nas laminas dos seus espelhos, uma segunda edição incorrecta d'esses figurões, que o humorista Thackeray daguerreotypou no *The Book of Snobs*.

O *Martinho* é irmão gêmeo do *Suisso* e foi creado em 1845 por Martinho Bartholomeu Rodrigues, o *Martinho da Neve*. Este café logrou arredar a frequencia da *Lage* ou do Caes da Pedra, facto que o chronista d'A *Carta* de 1847 commentava n'estas palavras: — «A *Lage*, esse formoso e fresco passeio, o melhor de todos quantos eirados temos por essa beira-Tejo, este anno foi muito abandonado. Attribute-se á nova Casa da Neve, que veiu para o largo de Camões, que distrahiu a concorrência que costumava ir para o Terreiro do Paço.» O *Martinho* converteu-se em poiso certo dos que, trepados nas columnas das gazetas, espreitam os movimentos da opinião, como os annunciadores das luas, no alto das torres de Carthago, seguiam as evoluções do astro nocturno. Mas tornou-se tambem o logar predilecto d'esses consumidores, que, em linguagem botequinal, são apodados de *freguezes de um copo de agua e um palito*. Já em 1857, O *Asmodeu* sonetava satyricamente esta freguezia baldeira:

Em escura botica encantoados

Nicolau Tolentino.

*Em certo botequim, sempre sentados,
Quer chova ou faça vento, em berraria,
Fazem varios sucios companhia
A copos só p'ra agua destinados.*

*Estes jornalistas e assanhados,
Aos escandalos erguem montaria,
Nas mais altas questões d'aquelle dia,
Falam outros em coisas mil versados.*

*Outros, de theatro, é seu fadario,
De notas menos boas tem pratinho,
Das «coulisses» erguendo o vil sudario.*

*E o dono, que vê sempre em caminho
A agua, o palito, o cerafrario,
Protesta e não ama o tal joguinho.*

Nos ultimos quarenta annos, o *Martinho* foi o local de reunião dos que sacrificavam nas aras da sciencia ou da arte e dos que sacrificavam nos altares da litteratura facil, isso a que Aspasia gentilmente chamou *sacrificar ás Graças*. Por aquelle café, passaram desde Bulhão Pato, Pinheiro Chagas, Antonio Ennes, Guilherme de Azevedo, Raphael Bordallo Pinheiro, Dr. Magalhães Coutinho, Sousa Martins, Manoel Bento de Sousa, pintor Christino e actor Santos até

mentos oratorios, dignos da eloquencia suggestiva dos Gracchos, da eloquencia attica de Lelio, da eloquencia apaixonada de Scipião Emiliano e da eloquencia calamistrada de Hortensio. Alli, ora se observaram os factos com o telescopio de Herschell ou a luneta astronomica, ora com o microscopio ou a lupa convergente, ora com o monoculo de Gavarni ou a lente de Swift...

Em 1908, o *Martinho* principiava a banalisar-se, a descaracterisar-se, a perder a



CAFÉ RESTAURANT ROYAL

Henrique Lopes de Mendonça, Fialho de Almeida, Marcellino Mesquita, Marianno Pina, Silva Lisboa, Julio Dantas, Manoel Penteadado, Dr. Coelho de Carvalho, Gualdino Gomes e actor Ferreira da Silva. Alli, o cavaco foi salpicado pela graça atheniense dos dialogos de Platão, pela libertina graça horaciana ou pelo luminoso espirito voltairano. Alli, as extravagancias de escola foram atagantadas com o vigor nemésico das *Satyras Menippeas*, as impertinencias litterarias chanceadas com a dicacidade hilariante dos epigrammas de Marcial, os ridiculos sociaes zombados com a causticidade percuciente das satyras de Juvenal, de Persio ou de Valerio Catão. Alli, os fulminadores de catilnarias e philippicas tiveram movi-

sua feição typica. E foi n'este momento historico, que elle passou a outro proprietario.

No café *Central*, á esquina do moderno Chiado e da travessa de Estevão Galhardo (rua Serpa Pinto), havia côrte plenaria da fina flôr dos *marialvas* anteriores a 1875. Entre esses loquazes de botequim, apontavam-se o marquez de Castello-Melhor, D. Alexandre Ponte, os Maniques, os Galaches, o Silva Canellas, etc. E o sangue toureiro amotinava-se, quando ouvia falar em passes de muleta, estocadas á meia-volta e quarteios de bandarilhas, ou em zainos, lombardos e caraças. A's portas do *Central*, estacionavam, alta noite, os *serenos* do Feliciano *das Seges*, um curioso typo do Chiado, que se sentava n'um banquinho de tapete,

fóra do café, para vigiar o alquiler das suas desarticuladas tipoiás. O *Central* era o ponto em que se reunia um dos dois grupos, que bazofiavam nas esperas de toiros. O outro congregava-se no Marrare do Arco do Bandeira.

O café *Montanha*, á esquina das ruas do Arco do Bandeira e da Assumpção, inaugurou-se em 1865 e occupa a mesma loja do antigo café *Minerva das Sete Portas*, que já funcionava em 1810; e o café do *Leão de Oiro*, na rua do Principe, honrou-se com a frequencia da nata dos artistas, no tempo em que Silva Porto trasladava as frescuras da nossa paisagem para a tela. Na Ribeira Nova, o botequim *dos Macacos* é o unico que existe do tempo em que os *garanhões* da fadistice *palmavam a naifa* com todo o *gajé* e pregavam dois *coques* na *cachimonia* ou um *tento* na *lata*, com a mesma facilidade com que se *envernizavam*, engulipando os *archotes* e os *foguetes* nos armazens dos Romulares. Estes cafés pelintras tiveram continuadores, que actualmente representam tipificações do genero. Taes são os cafés

da rua dos Canos, os de Alfama e os de Alcantara. Os *façanheiros* que *rentam* em despiques de pundonor e os *bravatões* que *riscam* no volutábros do deboche, veem tomar a sua *carocha* n'estes botequins tresnoitados, onde os *rufias*, crúamente adjectivistas, arejam as elegancias philologicas da sua giria, tresandante á fermentação azeda da crapula, ás vaporações nauseativas do cibo e aos golfos nojentos do vomito.

A clientela de alguns cafés lisboetas imprimiu-lhes character, deu-lhes, respectivamente, uma physionomia propria. Assim, o Nicola foi poetico, o botequim *das Parras* foi bohemio e revolucionario, o *Grego* foi jacobino, o *Tavares* foi *malhado*, o Marrare *de Polimento* foi romantico e constitucional, o Marrare de S. Carlos foi lyrico, o *Toscano* foi musical, o *Leão de Oiro* foi artistico, o *Martinho* foi litterario, o Marrare do Arco do Bandeira é tauromachico e o café do *Gelo* é academico.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

NO CALVÁRIO

(Verlaine)

Mal Jesus expirou, uma auréola azulada
nimbou-lhe a fronte branca e pura . . . O bom ladrão,
mais pallido que um morto e mais trem'lo que um cão,
perguntou bruscamente, a voz apavorada:

— «Que dizes de tudo isto, ó companheiro?» — «Eu? Nada,
disse o mau ladrão, Nada! ó alma de poltrão,
Nada! ó idiota a quem tudo espanta, senão
que esta morte foi justa e foi bem ordenada . . .»

Subito, o ceu abriu-se, assim como uma porta,
e o raio veio f'rir o blasphemo, ao tombar . . .
Elle urrou, masolveu: — «Foi justa, não importa!»

Um corvo então, furou-lhe os olhos, ao passar,
e a seus pés, uma loba alçava a fauce monstra,
mas o Incred'lo gritava: — «O que é que isto demonstra?»



A LOBA

Do TOMAZ DA FONSECA

.....
*Bem como outr'ora a mãe do Nazareno
Na noite do Calvariol...*

Guerra Junqueiro.

ULTIMO dia d'anno, em plena serrania. O inverno ia chuvoso e desabrido, com ululancias tremendas do vento açoitante e indiferente e implorações de misericordia dos camponeses desabrigados, das arvores transidas e gementes, desolados todos por aquelles vendavaes impetuosos, que não tinham fim.

Setembro, já lá baixo, nas terras ricas do valle, nas primeiras encostas das montanhas, as vendimas suspenderam á espera que amainasse a impertinente chuva, arreliadora e continua, que não permittia entrar nas vinhas aos ranchos alegres da colheita.

As oliveiras, rijamente açoitadas, tinham largado todo o fructo, que as enxurradas torrentosas levavam para longe. A agua em jórros ensopára o solo, cavando ravinhas, alagando planicies e os caminhos iam intransitaveis e lodacentos. Os casebres de taipa e adobo, as choupanas colmadas, esboroaram e abateram e os rios, engrossados e barrenos, arrastavam, entre cachões de espuma, os tristes despojos para o mar.

Rara uma aberta que dêsse tempo a lançar um punhado de semente á terra, a applicar os milhares de braços de esfomeados, pendidos n'um desanimo, desesperados d'impotencia.

Chuva, chuva continua, desabalada e desesperadora, não promettendo parar, a desalmada! obrigando os proprios rebanhos e manadas a recolher a apriscos e pesebres. E, a acompanhar, ventanias furibundas, tempestades trovejantes, que incendiavam traços de fogo pelo ar, pondo préces afflictivas nas boccas angustiadas das mulheres.

As miserrimas cearas d'aquella pobre gente, a quartita de favas para a venda, as couves carnudas para a ôlha minguada, os centeios das couréllas para a borôa de todo o anno, todas as culturas da época e da região ingrata, por certo não vem vêr luz de sol n'aquelle sólo lamacento e encharcado.

A fome ameaçava já os desgarrados ca-salejos, os miserrimos tugurios das aldeias, e de todos os lares, a cada momento, se elevava e crescia, o mesmo, o continuo, o dolorido clamor de magua e misericordia, onde havia lagrimas lacerantes, gritos de desespero, uivos de blasphemia, onde iam diluidas todas as esperanças e desejos que os pobres depositam nos cearedos e que a invernia intensa e prolongada matava sem descanso.

Adeus véstias novas de saragoça, lenços garridos p'r'á festa do santo, calçado de bezerra para o outro inverno — adeus coberturas de telha canelada a substituir o colmado sem resistencia, o porquito nédio

coinchando na possilga, as *coróas* arrecadadas no fundo da arca, p'r'acudir a alguma doença.

Tudo morto, tudo derruido, por aquelle céo sempre carregado, sempre ameaçador, traz do qual (dizia-lhes o velho parochó, aos domingos) existia um Deus clemente, de infinita misericórdia, cujos braços sempre abertos, sempre acolhedores, os amparariam, os protegeriam contra os duros revezes da vida.

Para mais os animaes bravios, á mingua d'alimento, desciam da serra, atacavam os rebanhos, raro o que não tivesse já soffrido assalto, e, durante as noites, os lobos esfomeados uivavam perto, rondando os casebres, e rapozas e gatos bravos, mais afoitos, esgueiravam-se na escuridão, após tremendas carnificinas em coelheiras e quintaes.

Contavam-se os casos.

Uma noite os lobos tinham assaltado o quinchoso do Braz, arrombado a forte portada do aprisco, morto e esventrado as cinco cabritas que lá dormiam e que eram o seu ganha-pão; outra vez, quando menos precitados estavam, pois n'essa noite vinha o ceu abaixo com agua, calhára á Custodia, a pobre viuva do Cosme curtidor, ficar sem as gallinhas que a tanto custo creára; e mesmo uma tarde carregaram para casa, desmaiado de susto, o filho do Zé Torto, que, a meio da serra, fôra atacado, espoliado do taleigo de mantimentos que levava para o pae.

Já as povoações visinhas se queixavam tambem, igualmente soffrendo os mesmos damnos, açoitadas dos vendavaes, atacadas pelas féras, sem uma esperança de melhoria, antevendo só um futuro anno de desgraça e de penuria. De resto, mais ou menos costumados á miseria iam os povos de aquella região mesquinha, em que o sólo rochoso (á excepção das terras do valle, ricas e fundaveis) mal compensava o arduo trabalho e a semente, tirando apenas uns minguos proventos da pastoreação, difficultosa, entrementes, pelo acidentado do terreno e pela pouca procura dos productos.

Arredados dos grandes centros, até das villas, onde já ha uns pruridos de civilização, a vida d'aquelles montanhezes era semi-barbara, cheia d'animalidades, brutal e selvatica, como a dos primitivos habitantes das cavernas naturaes que abundavam pela serra. Fatos tecidos nas proprias casas, ao pilão,

com a lã das suas ovelhas, queijo por elles fabricado, caça morta á armadilha e a caçado, grandes magustos ao tempo da castanha, absoluta rotina no cultivo dos tratos de terreno desbravado, dias e dias vagueados pela serra, pascendo os rebanhos por alcantis e gargantas e um viver intensamente sensual — tal o modo de ser e de existencia d'esta gente.

Mas aquella continua, infindavel invernia, desmanchando-lhes os seus limitados planos e aspirações, enchia-os de desesperada raiva. E, incapazes de vingarem a sua desgraça contra o ceu baço e impiedoso, bastou que um, certa noite, na taberna do Domingos, alvitrasse uma grande batida ás féras atrevidas, para logo se offererem algumas dezenas de homens, os mais afoitos, a n'ella tomar parte.

N'algumas casas mais abastadas da longiqua villa, existiam ainda antigas armas (restos esquecidos das inglorias luctas civis) que, por intermedio do parochó, bom influente eleitoral, lhes foram cedidas facilmente.

Arejaram-se então as escopetas de pederneira, de ha muito em descanso, viram de novo luz os velhos bacamartes, carregados de zagalotes, as enferrujadas pistolas, os chuços agudos, e, organizada a batida, noite ainda, os improvisados caçadores, farneis no taleigo, cabacita de aguardente de figo ou medronho a tiracolo, abandonaram as habitações e começaram a trepar as ingremes encostas da grande serra.

*

Madrugada de inverno chuvisquenta e fria. No ceu plombaginoso, por onde galgam nuvens em novello, cinza e pardo, que lufadas algidas impellem céleres, como amedrontados rebanhos fugindo em atropello, mal se distingue ainda, no nascente, a livida claridade da manhã.

As sombras densas não abandonaram, por ora, as profundidades dos valles e gargantas e apenas as cristas da serra, que a bruma não encobre, vão surgindo, sinuosas, depremidas, em denticulos, gargantas, agulhas esguias, com colleamentos flexiveis de cobra, rebaixos, espinhaços — até lhe desapparecerem, abruptos, os dois extremos, como que enkistados no proprio céu.

Abaixo das lombas, pelas vertentes onduladas, vae uma confusão tenebrosa de côres escuras, fortes empastamentos de breu no sitio dos massiços, negraes zebruras demarcando vallas e barrancos, carbonosas penhas irrompendo d'um solo de fuligem e que, á luz incerta, parecem mover-se, prestes a rolar na profundidade do valle que mal se apercebe, todo negro tambem, como a bocca escancarada d'um infindavel abismo.

A athmosphera penumbrosa falseia as perspectivas, deforma as coisas, vitalisa a materia inerte, de modo que os dois grandes montes fronteiriços, tão distanciados, tão differentes, avançaram, estão quasi unidos, contactam mesmo ao longe, e as suas arvores, as suas rochas, saliencias, corregos, alongam-se, retrahem-se, oscillam como dois formidaveis exercitos que se avistam e se mobilisam na indecisão do primeiro ataque.

A chuva fraqueja e agora só delgados cordões fustigam as arvores, o solo, obliquamente, n'um sussurro mais brando, que se presente breve vae passar.

Mas já os macissos mais espessos do arvoredado tomam fórma, as cópas vão destacando do matto que reveste as faldas declivosas, os rudes cumes e conforme a luz vae augmentando, pormenores surgem, as enormes penedias aflorando nas vertentes, n'um assombro d'equilibrio, fragas escalonadas, corregos cascalhentos, inacessiveis pincaros, temiveis precipicios apenas aborçados por animaes bravios, cabeços escalvados, a mór parte do anno sepultos em alvissima neve, e profundas e extensas ravinas rasgando, n'um ou outro sitio, as vertentes da enorme cordilheira.

De novo vão resurgindo da tréva as cópas dos pinheiros mansos, em largo pára-sol, as dos bravos, esguias e altissimas, os sobreiros de grossas pernas vermelhas, as oliveiras ramudas, toda a flóra arborea e desenvolta da zona media da serrania.

A chuva parou ha pouco, mas por toda a natureza prostrada perpassa um longo, indefinivel arrepio de frialdade, d'estertor, como se, para todo o sempre, a morte fosse estender a sua negra aza sobre a terra inteira.

As seivas estancaram por completo. Os ultimos ramos soltam as derradeiras folhas. Trancos seccos pendem, oscillando, e os espinhos aguçados, completamente a desco-

berto, tem o ar de ameaça de puas das clavas assassinas. Só, aqui ou além, moitas de plantas vivazes emergem da terra enlameada, como ilhótas de verdura; e todo o arvoredado tem a mesma côr pardacenta e metallica, sob a concavidade soturna do ceu invernososo, no tristonho despertar do dia.

Socego quasi por toda a banda. Nem o volitar d'uma ave, ou o estalido de um ramo que desaba, se vem juntar ao continuo gorgolejar da agoa nas ravinas, ou ao cachoar espumante nos açudes e azenhas. O vento abrandou por sua vez, de modo que a ascensão dos caçadores pelos trilhos resvaladios pouco custa ás suas pernas rijas de camponezes, que toda a vida habitaram entre cerros.

Mas eis que, n'um arredio barranco, a meia encosta, as brenhas emaranhadas de silvas rumorejaram e a cabeça de uma loba surgiu, receosa, espreitando. Os seus olhos claros, com laivos sanguinolentos na cornea, bem abertos, miravam tudo á volta, pesquisando, ora fitos nos carreiros mal apercebidos, por onde os pastores trepam com os rebanhos rumorosos, ora sobre as lombas mal distinctas, das quaes os caçadores avistam mais facilmente a caça grossa fugindo pelo matto. As ventas escancaradas aspiravam, aflantes, a aragem fria e tinha contracções de orelhas ao menor sussurro nas ramagens, movimentos de sobresalto ao mais pequeno ruido vindo de longe.

Assim esteve tempo. Mas descançada talvez com a solidão, recolheu-se no silvado, para logo reaparecer com um cabrito imbéle pendente da bocca rasgada, cujas prezas alvissimas, afiadas como espinhos, destacavam ameaçadoras de sob o beijo pelludo e negro, que o sangue porejava.

Ainda quedou instantes indecisa, á escuta, com leves passadas de cautela, mas decidida, trotou apressadamente atravez o arvoredado, desprezando caminhos talhados, de preferencia tomando os mais invios, procurando sempre o abrigo das moitas arbustivas e do matto bem medrado. A espaços parava, orelhas fitas, pescoço alongado, sempre á espreita, na desconfiança de uma cilada, prestes a fugir se avistasse homem, a luctar se qualquer outra féra lhe disputasse a caça, que a tanto custo alcançára.

O seu olhar reflectia a ferocidade dos perseguidos e esfomeados; cintilas cruas

percorriam-lhe as pupilas, fios de baba escorriam-lhe d'entre os dentes espertados n'uma gula insaciada; e todo o seu ser, como que reanimado, vibrava na proxima satisfação da imperiosa fome que a minava.

Era corpulenta a loba e bem capaz de luctar com os mais valentes cães de gado dos rebanhos. Tinha o pello curto e aspero, amarello escuro no lombo, negro no focinho feroz, mais claro no ventre, onde as tétas de parida bamboleavam flacidas, faltas de leite.

Havia dois immensos dias que vagabundeava em busca de alimento. E tão fraca ainda, mãe havia pouco, que só forçada pela fome abandonára a lapa onde os filhos gemiam, meneando as cabecitas indecisas, de palpebras por ora cerradas, procurando o conchego do seu corpo, o seu leite e os seus carinhos e afagos de meiga creadora. Aquellas duas noites as passára n'um martyrio, acalentando-os com o seu fraco corpo exaustito, sugada até o sangue, roendo ossos esburgados que encontrára n'uma cabana abandonada.

Era o primeiro parto e como andasse sempre arreceiada dos pastores corajosos e dos inumeros rafeiros, todo um mez vagueou procurando algum esconso logar em que escondesse a próle e do qual partisse socegada para a rázia, consciente de a deixar em segurança. De busca em busca, foi dar com uma recondita lapa, entre rochedos, a meio de uma garganta estreitissima, a que julgar-se-ia impossivel chegar ao fundo, de tal modo lisas e a pique eram as empenas rochosas e tão enleadas de agudos espinhos as arestas rés da terra. De resto por ali não transitavam rebanhos, não existiam arvores e só uma vegetação bravia de tójos, urzes, gilbarbeiras, mal cobria o solo gretado e pedregoso.

Escolhida a habitação tratou de preparal-a, não se fossem ferir os cachorrinhos nas pedras soltas ou soffrer com os silvados. Assim, com cuidados de mãe intelligente, n'esse admiravel instincto congenito na femea, dispôz tudo para o parto. Livrou o chão das pedras soltas, raspou-lhe a densa camada de umus encharcado, empoeirou a terra, afofou cuidadosamente o ninho. E em esforços dolorosos, n'uma frigida manhã, deu á luz quatro cachorritos, nédios, quasi informes, que ella, cariciosa, foi lambendo, bafejando, ageitando-se para dar-lhes de mamar.

A principio ainda tivéra que comer. Duas vaccas, alcançadas por uma faisca, a meio da serra, deram-lhe farto repasto por alguns dias. Mas outras féras acorreram ao festim, bandadas de córvos abateram sofregas sobre os dois corpos esphacelados, breve ficou o chão limpo da carnagem.

Nos ultimos dias, como disse, nada pudéra alcançar. Só n'essa livida madrugada, rondando cubiçosa, conseguira pilhar, quasi junto ao povoado, o cabrito que se esmadrigára do aprisco e que pinchava descuidoso na relva humida; e abafando-lhe o derradeiro balido na garganta retalhada, partiu célere para o seu retiro, olhar vivo, cauda erguida, a bocca aquosa, toda ella na esperança dóce de por fim satisfazer as necessidades imperiosas do seu estomago na fevra rosada e tenra da sua victima.

A manhã clareara por completo. E agora toda a região surgia, detalhada e real, sob a luz enfermiça do dia tristonho e agreste.

Frente a frente, as duas altissimas montanhas erguiam-se, na imponencia selvatica da sua grandeza, com zonas distinctas de vegetação ao longo dos seus flancos e cavando, a meio, um comprido valle, uberrimo de fertilidade, mas cujas terras, pela invernia intensa, desapareciam sob um esplento lençol d'agua, a que as vallas não davam a vasão devida.

Pelas estradas que cortavam a planicie já alguns carros iam chiando, monotona-mente, chaminés de casaes fumegavam, os logarejos movimentavam-se para a improvavel labuta do dia. Na serra, porém, a solidão continuava, como se ali todos os seres permanecessem entorpecidos, n'um longo somno, e nem a claridade, nem os ruidos que ascendiam fossem capazes de os despertar.

A loba, com o avançar da manhã, mais desconfiada se mostrava. Todo o seu fito era alcançar a arredia lapa, acoitar-se n'aquelle logar seguro, junto ás crias e devorar em socego, saboreando, a carne tenra do cabrito. E mais apressada ainda, n'um largo trote, embrenhava-se nos meandros da matta, sumia-se n'uma prégua do terreno, desaparecia por instantes encoberta, logo se mostrava no viso de um alto, passava rente ao pendor de um abismo, ou o seu corpo atravessava rapido as clareiras nuas d'arvoredo, as chans cobertas de relva curta e humida.

A este tempo tinham os caçadores alcançado as eminências, disposto as batidas, ordenado as espéras e os cães, soltos das tré-las, farejavam e arremettiam matto fóra. A caçada ia começar.

Nos rostos encarquilhados dos velhos matteiros, que ordenavam a partida, nas faces penugentas dos rapazes, o frio puzéra nodos rôxas, como caracterisação barata de theatro em feira provinciana. Alguns, a caçadeira ou o chuço sob o sovaco, sopravam nas mãos, hirtas, emperdenidas. As cabaças de aguardente iam quasi enxutas.

Os mais moços circumvagavam olhares de receio, com arrepios algidos na espinha, um involuntario tremor por todo o corpo, que os fazia sapatear mais rijo o difficil piso. E á auctoridade do chefe. o Felisberto da Thomazia, velho guarda rural, devia-se o não haver deserções no pelotão dos caçadores.

Mas os primeiros tiros começaram a soar, toda a erma amplidão se alvoroçava, atroada de gritos, de latidos, que os écos prolongavam, repetiam, pelas quebradas, indefinidamente. Cães iam e vinham, caudas enristadas, orelhas fitas, farejando, maticando em flebeis latidos para levantar a caça.

E, na imprevisão do ataque, por toda a serra, vae um sobresalto de terror, uma subita ancia de salvamento, como se um cyclone temeroso, vindo de longe, a colhesse, a sacudisse até os alicerces, na sua impetuosa força de catastrophe inevitavel. As féras arredias, alojadas em cavernas escusas, nos impraticaveis recessos, apavoradas, fugiam por alcantis e gargantas, ou trepavam para os pincaros intransitaveis onde se julgavam mais em segurança.

Algumas, no desespero da fuga, escoregavam das rochas alcandoradas, vinham rolando de fraga em fraga, precipitavam-se nos abismos. As mais experientes voltavam-se contra os cães que se tinham distanciado dos donos. Assim havia encarniçadas luctas em que, e apezar das colleiras ouriçadas de pregaria, nem sempre os rafeiros levavam a melhor. Mesmo alguns estrebuxavam, retalhados, agonisando sobre o proprio sangue que corria, alastrava no solo calcado do combate.

Logo aos primeiros tiros a loba estacára, fitando as orelhas, aspirando, sondando o ar, subito arreceiada com o insolito ruido que atroava toda a matta.

E parou, incerta, percorrendo com a vista o limitado horisonte, sem saber a direcção a seguir, de todo desnorçada pelos tiros que os écos lhe repetiam tudo á volta.

De repente, n'uma galopada estrepitosa, como uma avalanche que desaba, dezenas de animaes bravios romperam d'entre o matto, passaram como relampagos, no matto de novo se sumiram. Outros vieram, desapareceram rapidos, cheios de terror. Gritos soavam mais perto, era já um vozear estridulo, cheio de incitamentos, açulando os cães. E as descargas succediam-se, repetidas atravez o ar lavado com mais forte estampido, dir-se-ia que as altas muralhas dos pincaros estavam sendo assaltadas por um aguerrido exercito moderno, empenhado em hastear breve a sua bandeira na torre mais soberba e elevada.

Mas a loba, readquirida a energia, despida do assombro que a tomára, abalou de novo, agora mais rapida, o cabrito melhor filado na dentuça, o pello encrespado, talvez de receio pelas crias distantes, um surdo rosnar na garganta contrahida. E assim, com pequenas paragens para retomar o folego, percorreu uma boa distancia, contornando as clareiras, descendo aos barrancos, esgueirando-se sob os rochedos empinados, rastejando até no hervaçum curto e ralo. A cada passo, porém, outras féras, outros animaes, cortavam-lhe o caminho, acompanhavam-na na fuga.

Eram corsos velozes que sem custo salvavam as penedias, javalis grunhidores de cerdas hirsutas fugindo rapidos, rapozas de felpudas caudas trepando por ingremes corregos, lobos alentados, techugos, gatos bravos, rapidas lebres e, pelo ar, um bater de azas assustado, aguias altivolas que aninham nos penhascos estremes, milhafres, negros corvos, todas as variedades de aves de rapina da região e as perdizes da serra, gordas e redondas, voando n'um aspero rosti-lhar de pennas, rolas alvadias, codornizes, tórdos, pequeninas aves, toda a população alada e meuda das ramadas.

As folhagens, os arvoredos, vibravam tambem, sussurrando, açoitados pelos corpos que passavam. pelas aves que partiam. E, apezar do acelerado debandar, os tiros continuavam, gritos respondiam aos de longe, novos cães sortiam em perseguição dos fugitivos.

O cêrco fôra bem traçado pelo velho Felisberto, serrano batido nos trilhos e esconderijos das montanhas, conhecedor dos costumes das fêras, a mais certa pontaria em derredor e o mais ardiloso dos mateiros em fôjos e ratoeiras. De modo que o seu grupo, o melhor escolhido, já trazia abundancia de caça morta e as outras espêras, destacadas pela grande area, iam dando signal de si.

De repente, e ao passar na cava de uma ravina, a loba fôra vista. E dado o alarme pelos mais proximos caçadores, homens e cães lançaram-se em sua perseguição.

Foi um momento decisivo para a féra. Tinha ou de fugir serra abaixo, aproveitando o emaranhado das silvas, o copado do arvored, até encontrar caminho seguro para o salvamento, ou de seguir em frente até abordar as fragas que lhe resguardavam a ninhada e onde, por certo, ficaria livre de perigo. Não hesitou mais um instante, e abandonando o cabrito aos cães que já lhe vinham proximos, partiu em veloz carreira direita ao esconderijo, mais levada pelo instincto maternal que pelo da propria vida.

Alguns cães deixaram-na seguir e que-daram disputando, a grandes dentadas, o cabrito. Mas os caçadores que lhe seguiram a carreira e a viram enveredar para um cabeço, que outros resguardavam, continuaram a perseguição, entre gritos, chamamentos, açulando os rafeiros e levantando a passarada refugiada no arvored.

A loba já fraquejava, de cançada. Os flancos batiam-lhe apressados, a lingua pendia-lhe pingolejando espuma. Duas balas silvaram-lhe aos ouvidos. Ia parar extenuada de cançasso, quasi sem coragem para continuar a fuga, prompta a deixar-se matar sem resistencia. Mas antes que os da outra espera acudissem, a cercassem, n'um derradeiro esforço, cortou por entre os penedos, abordou a lapa, desceu, antes deixou-se rolar para junto das crias que a aguardavam, ganindo esfomeadas.

O sol, embora o dia ir adeantado, não conseguira rasgar o espesso cortinado de nuvens pardacentas. Listas ferretes laivavam o azul mais claro do ceu. A chuva promettia breve voltar impertinente, arreliadora.

O vento aspero do mar, ás lufadas, fazia rumorejar as cópas, arrepiava as hervagens que penujavam ralmente o solo.

E o sonido estridente e prolongado dos buzios de chamada, concitando para aquelle ponto os caçadores afastados, reboava a espaços, cávo agora na atmospherá humida e pesada, como perdidos clamores de socorro, que o vento colhesse na sua galopada intensa e logo, aos poucos, fosse deixando no seu percurso interminavel.

O Felisberto, que vira a loba sumir-se na estreita fenda, apressou o passo, debruçou-se, rompendo as silvas ás coronhadas, espreitou pela ranhura. Outros aproximaram-se, mirando tambem. Mas a abertura fazia uma curva, uma das rochas bojava sobre a outra occultando o interior. E coçando a guedelha o Felisberto aventou:

— Se calhar este alma damnada safa-se por outra banda. Má raios!...

E indicou a alguns homens para cercarem os penedos e baterem a balsa em roda. O cêrco, porém não deu resultado. Os chuchos só tocavam pedra, e os cães, mal entrados nos silvados, voltavam logo sem darem com saida.

Então algumas espingardas foram disparadas á bocca da brenha. Mas o chumbo e as balas amolgavam-se nas resistentes paredes, ou ricochetavam de uma a outra, inutilmente. As proprias detonações não estoiravam fortes pela pouca profundidade da gruta. E as pedras que lançavam ficavam entaladas nos contrafortes e se pequenas rolavam sem resultado.

Era desanimador. Tanto mais que, claramente, agora, apercebia-se o latir flébil dos cachorros, o rosnar irado da loba que os conchegára para o ponto mais profundo, livrando-os das pequenas pedras que caiam.

— Prêga-nos a partida e ficamos *comidos* de todo, resmoneou o Felisberto, pallido de despeito, advinhando já alguns risinhos trocistas na companhia. E ia descer, decidido a abandonar o sitio, quando do grupo alguem lembrou:

— E se lhe botassemos fogo ?

— O quê?!

— Se lhe botassemos matto a arder pela abertura?! Ou tem de sair ou morre assada, como um ouriço cacheiro, disse o mesmo avançando para o Felisberto. Era um velho encarquilhado e magro, typo de serrano, desconfiado e manhoso, de maláres salientes, olhar baixo, entremostrando os colmilhos no perenne sorriso de maldade.

Os outros applaudiram, — «que sim, que era a unica maneira. De mais estavam cansados, para irem embora de mãos a abanar não é que tinham vindo. E já que a féra lhes tinha roubado os rebanhos, se não ella, outra tão boa da mesma casta, e os tinha feito correr tanto, mesmo que a não agarrassem, ao menos morresse ali aquella maldita!»

— E veja você que é uma femea e tem cachorros, que a gente bem os ouve a ganhar lá p'r'a dentro.

— Já me tinha alembado d'isso, gaguejou o Felisberto, vendo-se derrotado. Mas a lenha está molhada e no tojo assim não péga a isca.

— A coisa arranja-se, tornou o velho todo ufano. E sacando da algibeira um pedaço de papel amarrotado, onde trazia uns restos de tabaco, que envolveu logo nas mortalhas, pediu lume, ordenou que trouxessem umas paveias de matto enxuto, que decerto havia á revessa dos rochedos e alguns braçados de tanganhos seccos.

Breve o lume pegou no papel e a chamma, alteando, fez crepitar o matto, contorcer as hastes dos ramos sobrepostos. E na fogueira que alastrava foi incendiando moitas de tojo que, conduzidas na ponta de um chuço, ia lançando no bocal da gruta.

Novamente, o vento deu em soprar, desabrido e rijo, vergastando as arvores, que deixavam cahir a agoa retida nas folhagens. Como um aviso présago, subiu até elles o balido tristonho dos rebanhos, o mugir clamoroso das manadas, chamando as crias, temerosas da repetição da tempestade.

Folhas seccas revoavam, acoitavam-se entre as brenhas, poisavam sobre a herva rasteira, que ondulava levemente; semelhando farrapos verdes de velho risso, colgados nos fortes troncos, jazendo sobre as grandes penhas, os musgos humidos, enodoados, encrespavam a sua macia penugem; aguas murmurasas escoavam-se pelos sulcos, desciam pelas ravinas e barrancos, cachoavam nas quebradas, espadanando espumas; da terra desprendia-se o cheiro acre do umus fermentando; e toda a flóra, arrepiada, vergava, gemendo, saudosa da luz creadora do sol, da primavera amiga, do riso louco das flóres e da musica suavissima dos ninhos.

O inverno triumphava por completo. Só

a hera insubmissa, em cordões folhudos, que se cruzavam, galgando por arruinados troncos, aquecendo-os com a luxuria do seu vivo verde, da sua perenne seiva, abraçando-os em lascivias cariciosas de amorosa pagan, punham a mais viva nota de liberdade victoriosa, no meio da velhice e da invernia.

E a loba ?

Mal descida, offegando de cançasso, sudorosa da corrida, pôz-se a lamber as crias, que levou para o recanto mais fundo, estiraçou-se apresentando-lhes as tétas apoiadas e esperou impaciente que os seus perseguidores, impossibilitados d'a colherem, a deixassem em socego e abandonassem de vez as cercanias.

Mas os estrondos dos tiros, o rolar estrepitoso dos pedregulhos, que a apavoravam e enchiam de medo os cachorritos, succediam-se, já duas ou tres pedras os tinham alcançado e embora os cobrisse com o seu corpo amigo, anceava pelas suas vidas em tão perigoso momento. E o rosnar irado que a principio abafára, augmenta agora, prestes se muda em latidos ferozes de arremesso.

Sobresaltado, todo o seu instincto maternal advinha bem o perigo. O seu coração, esphacelado de dôr, lateja ancioso, a sua lingua cariciosa affaga os dorsos arripiados dos filhitos. Estremece. Diria que tem lagrimas nos olhos. E na impotencia da fuga, a passos lentos, arqueada, percorre o estreito ambito, esquadrinhando as paredes, raspando o solo, a ver se encontra a sahida salvadora.

E' então que os ramos do tojo incendiado, lançados de cima, lhe mostram o novo perigo que os aguarda.

Pára por momentos, imbecilisada, ante as chammias vermelhas que illuminam sanguinolentas toda a gruta. Tem a bocca arrepanhada n'um esgare, o olhar atonico, quieto e inexpressivo, uma tremura que a sacode toda.

Ao calor, que de principio é brando, acodem os cachorritos que a cercam e se lhe dependuram das tetas estancadas. Ella não os sente, não os vê, fica assim segundos, que são annos, e só quando as labaredas alteiam e o fumo enróla impellido de fóra pelo vento é que revive e volta do espasmo que a tolhera.

A luz vermelha e viva lambe as pedras musgosas que empurplecem, as mais proximas da chamma sombreiam-se de fumo e na atmospheria espessa e fumosa insectos alados adejam, revolteiam entontecidos, batendo contra a rocha, cahindo sobre o lume na attração poderosa da labareda rutila e ardente.

O terror domina por completo a loba. Nos seus olhos se accende e phosphoreja um não sei quê intraduzivel, mixto de raiva e de loucura, de imploração e de meiguice. O pello ouriçado humedece-se de um suor algido d'agonia. E menos terrivel agora, mas mais angustiada, mais humana, a sua garganta solta latidos abafados, uivos doloridos, repassados de uma intraduzivel tristura, que a caverna prolonga e que, cá fóra, são acolhidos pelos risos selvaticos dos seus perseguidores.

De novo afasta os filhos para o fundo, a livrar da fumarada. Mas esta augmenta, o ar vae-se tornando irrespiravel, a cada momento novas paveias incendiadas descem a augmentar a fogueira que crepita e aviva sem cessar.

Louca, ella lança-se intemerata contra o fogo abrazador, tenta apagal-o com as patas, retalhal-o com as prezas. Recúa porém, uivando com a dôr das queimaduras.

Mas eis que repára no estrebuchar anciado dos filhos, que se contorcem meio asfixiados com o fumo. Abóca um, para logo o largar a acudir a outro e assim está, mãe dolorosa, indecisa entre os quatro, que são outros tantos pedaços do seu ser. Decide-se alfim e com o filho bem seguro nos dentes, ella avança contra a fogueira, galga-a de um salto e pretende trepar a escarpa que a separa do ar salvador.

Nem se lembra dos inimigos que a esperam, da inevitavel morte que a aguarda. Ar, ar para ella, para os seus filhos que agonisam lá baixo, que breve estarão mortos inevitavelmente. Não póde, todavia, firmar-se na parede resvaladia, a tal ponto as queimaduras lhe chagaram as patas. E a uma nova moita em fogo que desce, suffo-

cada pelo fumo, deixa cahir o cachorrinho na fogueira chispante, que o envolve logo nas labaredas assassinas.

Por mais duas vezes volta a salvar os outros filhos. E mais dois desaparecem no lume, n'um richinar de carne, que é como um riso escarninho de descaravel sarcasmo que mais a allucina e enlouquece.

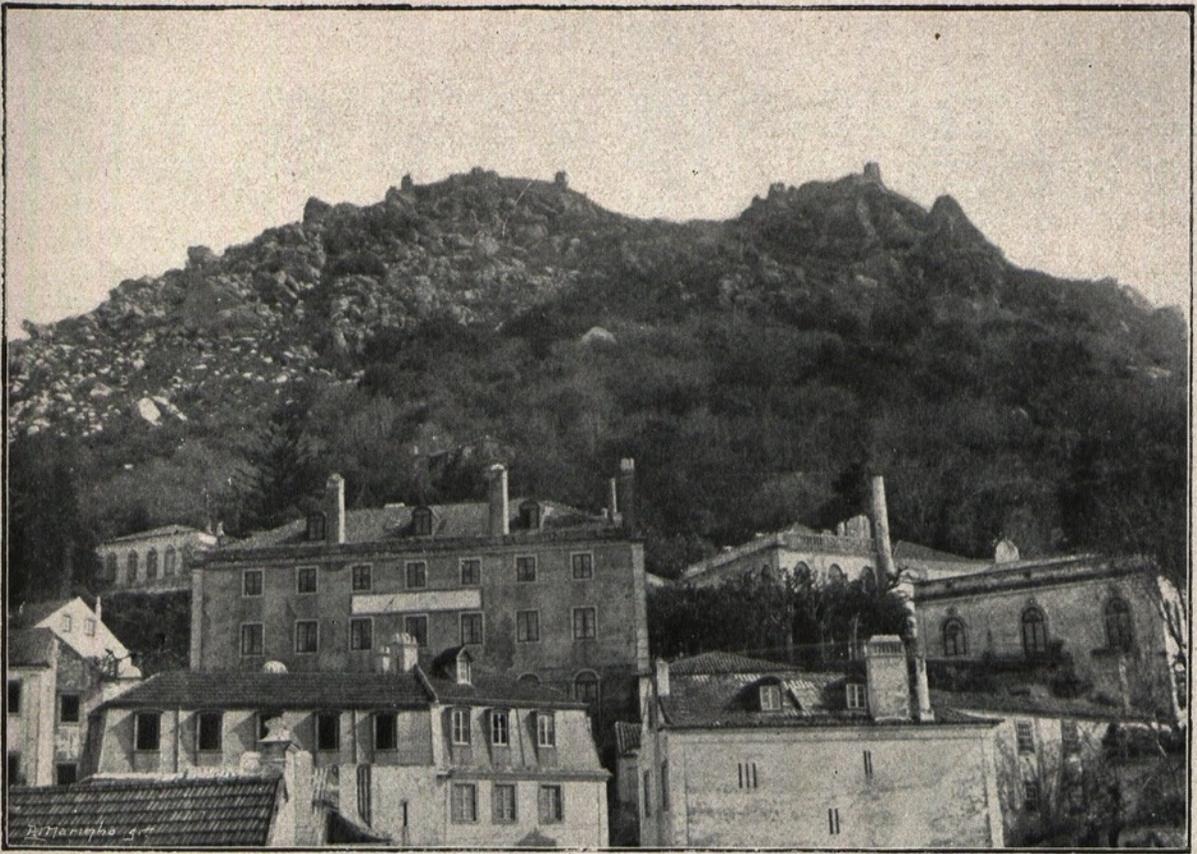
Estaca junto do ultimo cachorro. Mal póde respirar a pobre loba, tão viciada vae a atmospheria lá dentro. E com as patas abertas, hirtas contra o sólo, o olhar fixo n'um ponto invisivel, ella fica por momentos immovel, como petrificada, sfinge sacratissima da Dôr, materialisação do maior soffrimento que se possa conceber, e quem sabe se deixando passar pela sua mente atormentada, todo o drama da sua maternidade ferida, a liberdade plena da natureza, as selvas, as aguas, o puro azul dos altos céus.

A tensão muscular breve enfraquece, as pernas dobram-se-lhe e vagarosamente o corpo lhe descae até poisar sobre a terra revolvida, tibiamente illuminada pela chamma que esmorece.

De fóra, e vencendo o crepitar dos ultimos tanguinhos, vem o ramalhar rijo das cópas açoitadas pelo vento desabrido. Grossa, a chuva recomeça a cahir fustigante e um trovão formidavel estoira, rebôa roucamente, abalando a terra. Os caçadores, praguejando, decidem-se a abandonar a prêsã, partem precipitadamente, encharcados, fugindo da tempestade que se avizinha temerosa, alheios á tragedia angustiada que se desenrolla sob a rocha, na lobrega profundidade da lapa pedragosa.

Afflicta, regougando, os olhos entumecidos e vitreos, a respiração estertorante, a loba ainda consegue erguer o corpo arrepiado, mal firmada nas pernas vacillantes. Mas logo, n'um ultimo uivo, melhor grito de crudelissimo soffrimento, todo o seu corpo tomba pesadamente sobre o do cachorro que lhe resta, como a resguardal-o, e a sua bocca indecisa procura a do filhito para n'ella deixar o derradeiro alento.





CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO NORTE

Cintra

A sua paizagem e a sua flora

I



UAE em mais de meio século, que, individualmente, travámos largo conhecimento com a zona cintrense.

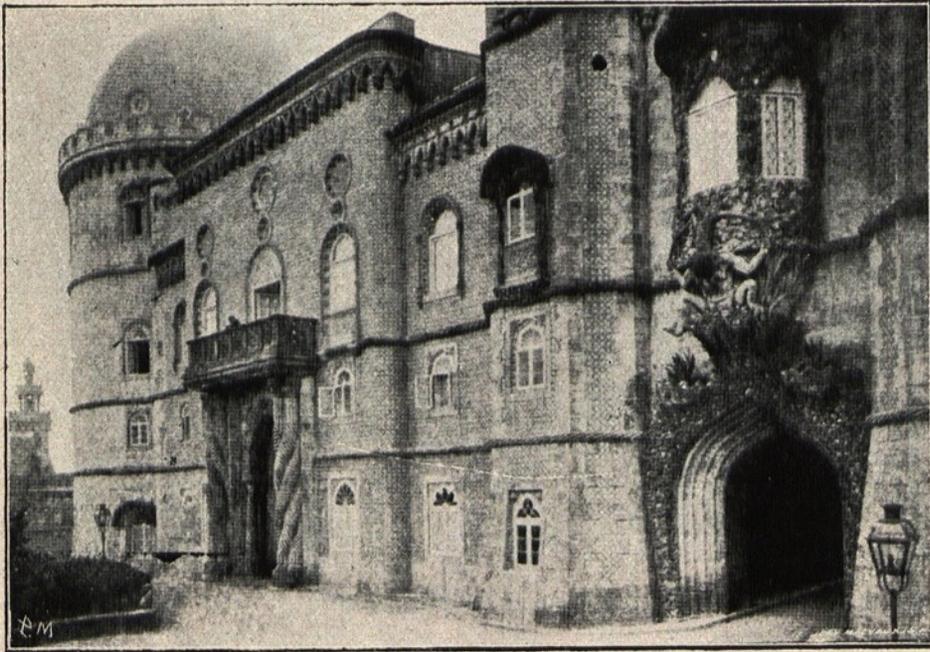
Com o decorrer de tantos annos, longe do encanto primeiro haver esmorecido, conservou-se inalteravel. A vida humana tem apenas a duração de um sonho, e é cheia de incertezas; a natureza, porém, é eterna; e eterna é a seducção da sua for-

mosura, mesmo quando a mão do homem a não respeita.

A alguem pode acaso parecer ocioso, ir-mos falar de uma localidade, situada aqui ás portas da capital, diariamente frequentada por uma multidão de visitantes, possuidora de fama mundial, consagrada por poetas e prosadores. Parece, que não deveria haver ali um ponto ou uma cousa qualquer digna de nota, ou por muito pouco devassada que se encontre, que não esteja plenamente descripta no minimo dos seus pormenores.

Pois não é assim. A' parte o que se relaciona com a economia especial dos seus vizinhos pomares, da sua viticultura, da sua horticultura e agricultura, de que larga-

teem por artistas, amadores ou profissionaes, o não desfructam. E, quando exista, é necessario cultural-o, educal-o, desenvovel-o pelo estudo constante do natural ou das obras que o representam.



CINTRA — FACHADA PRINCIPAL DO PALACIO DA PENA

mente nos temos occupado em escriptos especiaes, que mais particularmente interessam os especialistas, a sua parte botanica, e mesmo recreativa, que deveriam merecer a atenção da parte mais selecta dos concorrentes, são hoje tão ignoradas como ha muitos annos.

Merece apenas o culto de admiração de mui poucos o que diz respeito á flora indigena e exotica de tão aprasivel estancia; e é ainda menos apreciada pelo seu justo valor e riqueza panoramica das suas maravilhosas e incomparaveis paizagens.

Para as aquilatar verdadeiramente, é necessario possuir o que é raro: uma sensibilidade esthetica vibrante e de uma rara delicadeza, só familiar aos costumados a pôrem-se em contacto com a natureza, a respirarem o ar sadio e puro das montanhas, a absorverem-se em demorada contemplação dos mais bellos exemplares da vegetação arborea, maiormente, quando o disco de fogo do sol no ocaso põe na atmosphaera tonalidades de magico effeito.

O verdadeiro senso esthetico é tão raro, que, não poucas vezes, os mesmos que se

teem por artistas, amadores ou profissionaes, o não desfructam. E, quando exista, é necessario cultural-o, educal-o, desenvovel-o pelo estudo constante do natural ou das obras que o representam.

Idiotamente pasmados, com os olhos vêem e nada percebem; entreabem a boca; e, despeitados, dão por exageradas as narrativas verbaes ou escriptas. Estuam o passo indo apressadamente procurar compensações ao experimentado desengano no gozo sibaritico de um sucolento jantar.

A verdadeira belleza da parte rustica de Cintra, só pode ser bem apreciada pela fina flôr dos seus visitantes. Para esses, não será demais, corroborar as suas impressões individuaes, dando, sem especialisar vivendas, uma ideia geral da disposição e physionomia dos parques, das habitações ajardinadas e da flora que os embelleza, tanto quanto se pode abranger n'um passeio salteado.

A villa de Cintra deve o destino que lhe coube, pelo que respeita á parte rustica em que está encravada, ao singular contraste

Não admira, pois, que o grande vulgo, e mesmo os que lhe estão um pouco superiores, não saibam ver; porque ignoram; porque não possuem a curiosidade apoiada na preparação scientifica e na educação dos sentidos. Perpassam distrahidos. Olham e não vêem. Não fixam as cousas. As suas impressões con-

da sua configuração geographica, á constituição geologica e fórma orographica de solo, abrangendo o fundo da terra chan, as banquetas ou terraços immediatamente sobranceiros áquella, e as cristas da serra.

Aquillo a que, pelo seu aspecto, se deu este ultimo nome de *serra*, não passa de uns insignificantes monticulos, cuja cota de nivel não excede 700 metros, na sua maior altura; e não é mais do que a extremidade do espinhaço da cadeia montanhosa, que liga a serra da Estrella com a serra d'Aire e o cabo da Roca, pela facha de calcareo juracico que atravessa o paiz desde Torres Vedras a Coimbra.

N'uma das primitivas contracções teluricas, as rochas igneas sobrepuzeram-se ao calcareo, formando a sublevação a que a acção corrosiva dos phenomenos meteorologicos deu a sua actual configuração.

Essa eminencia assim formada tornou-se um poderoso condensador de humidade atmospherica. Os ventos maritimos, encontrando as vertentes d'aquella, comprimem-se, sobem, expandem-se e esfriam, despejando em chuvas parte da humidade que transportam.

E' assim que a natureza do solo, associada á humidade atmospherica, tem permanentemente contribuido, para que as vertentes da serra, onde não escasseia de toda a terra vegetal, facil e naturalmente se vis-tam de vegetação arborea e arbustiva.

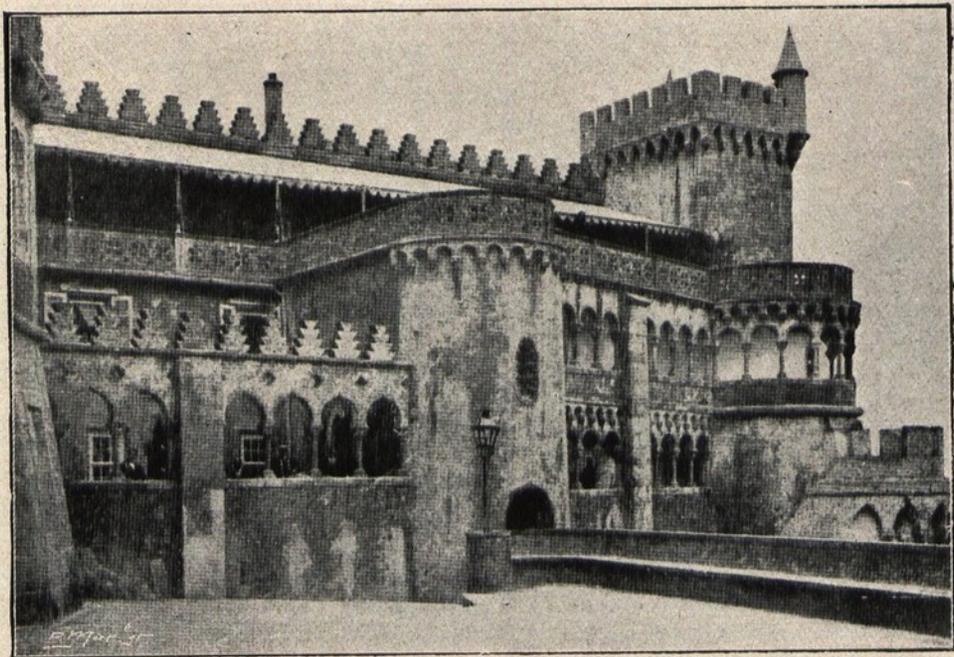
A mão do homem afeiçoou ao depois a obra da natureza, desde épocas remotas. O culto das bellezas da natureza é, e será sempre, de todas as eras. Essa inclinação corresponde ás necessidades

physicas, intellectuaes e moraes do ser racional.

Só quem não o pode absolutamente fazer, deixa de fugir por algum tempo ás cancelas da vida quotidiana, indo isolar-se, e dilatar a vista para além d'esse scenario em que imperam despoticamente os interesses do tempo; procurando robustecer o organismo, dilatar e fortificar o espirito, e prestar ao raciocinio o grau de actividade e de vigor, que quasi se extinguem com os attrictos da acanhada sociedade em que vivemos.

E nada aproxima a alma tanto do culto do ideal, que é a religião dos bellos espiritos, como a convivencia com a Natureza. D'ahi, as afenidades mysteriosas, as subtlis delicadezas; d'ahi os laços de innocente e apaixonado affecto que a ella liga a creatura humana que se habituou ao seu trato.

E' fóra de duvida, que só um limitado numero dos que se isolam temporariamente do buliço do mundo, procurando o solitario gozo do campo, sendo mais felizmente dota-



CINTRA — GALERIAS E TERRAÇOS NO PALACIO DA PENA

dos, cedem ao divino aneio de sondar os mysterios da criação complexa, ao irresistivel entusiasmo por tudo o que se lhes antolha de bello, fecundando assim e eno-

brecendo a sensibilidade. Para esses, as pittorescas visinhanças da villa de Cintra gozarão para todo o sempre, de indizível encanto e attracção.

A serra de Cintra, escalonando-se em variadissimos e successivos accidentes de terreno, desde o fundo dos valles até ás suas cristas mais elevadas, pela sua disposição extremamente accidentada, pelas diversas alturas dos andares das colinas que d'ella fazem parte, pelos seus declives abruptos, pela sua proximidade da planicie que com ella se liga pelo nordeste, e que se estende até ao oceano, e, finalmente, pela proximidade d'este: desfructando todas as exposições, goza do excepcional privilegio da mais variada aptidão para a vegetação arbustiva e arborea.

Os successivos possuidores da propriedade rustica da afamada povoação teem-se valido d'essas condições orographicas e climatericas para a aformosear.

Os parques ajardinados assenhoriaram-se de todo o solo, sobretudo nos segundos e terceiros andares da serra, recebendo no seu desenho, ou o cunho do grande estylo,

Os que se acham n'este ultimo caso, são os que constituem a grande maioria, encontrando-se o limitado da sua superficie disfarçado pelo diverso agrupamento de massiços folhosos. Com abrigos formados das proprias arvores ornamentaes, com a judiciosa disposição dos grupos, e escolha das de pressões naturaes do solo, estabeleceram-se, ás diversas alturas em que se escalonam os declives enrelvados, zonas diversas de aclimação, com variantes tão sensiveis na média do seu grau thermometrico, que, a dois passos de distancia uns dos outros, os vegetaes intertropicaes saúdam os das zonas temperadas, sem que essa amostra de boa e cordeal camaradagem vegetal, os dispense de se conservarem dentro dos seus respectivos limites, sob pena de, abandonando-os, correrem o perigo de perecerem.

D'estes preceitos culturaes, impostos pela necessidade, resultam effeitos de paizagem verdadeiramente originaes e inopinados. Os vegetaes, grupados em completa harmonia de tons, em admiravel contraste de fórmias e de côres, recebendo uns a meia luz que apete- cem, espanejando-se outros na claridade de

chapa que se vivifica, concedendo-se a cada qual, quanto possivel, a satisfação das exigencias caprichosas do seu viver natal, o seu ar de familia, o caracter da sua patria, dão origem a quadros originaes de uma indizível impressão esthetica.

Desde os cimos da serra — esse espinhaço, como já disse- mos, no final prolongamento

da cadeia do relevo montanhoso que da serra d'Aire, ligada com a da Estrella, vem parar ao oceano — até aos valles mais fundos, um tapete de verdura, ora impetuosa, ora bran-



CINTRA — LARGO D. AMELIA

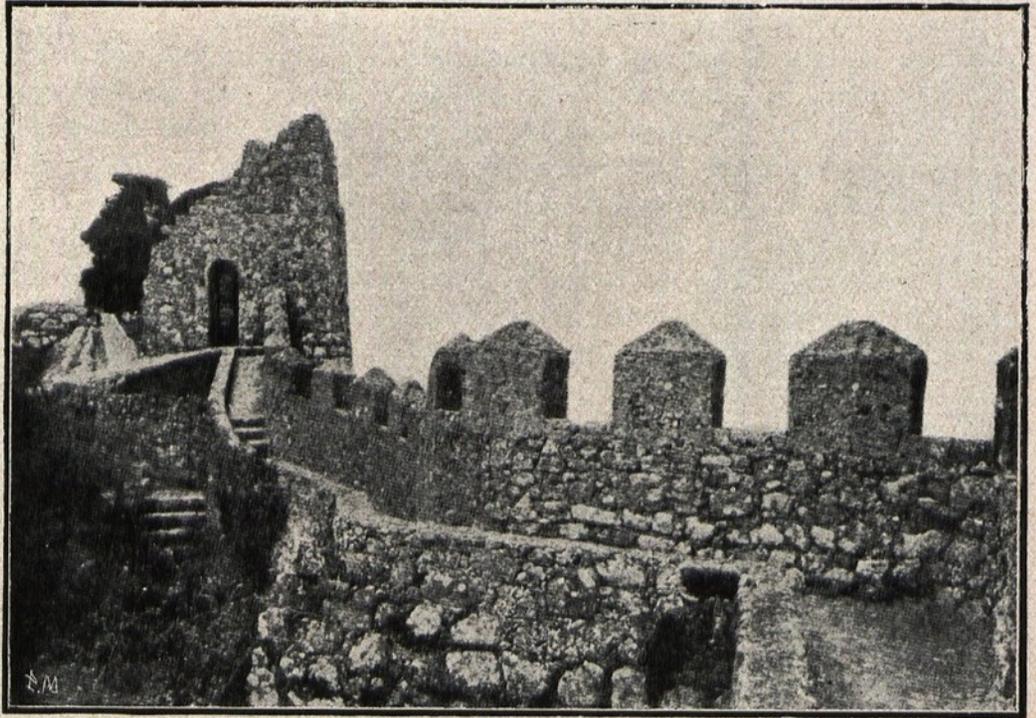
em harmonia com a sua extensão e sumptuosidade, ou guardando na sua disposição as linhas em melhor concordancia com as suas modestas proporções.

damente agitado, acompanha em ondeado relevo a orographia de ladeiras abruptas. Araucarias, taxodios, castanheiros, eucalyptos e magnolias destacam-se, sobrepujando, ativos, uma vegetação arborea densa, matizada de toda a gama do verde, encastelada e apinhada uma sobre a outra, salpicada de habitações, surgindo de entre as esbeltas flexas pyramidaes de coniferas e de um bastio de castanheiros, ulmeiros, platanos e medronheiros, e encimada pela penedia alvejante ou musgosa, acariciada pelos raios solares, a espaços peneirados por flocos de transparente nevoa, ou, liberta de vapores, destacando-se o seu perfil no azul de saphira d'este nosso céu, de que só em paragens tropicaes se encontra copia exacta.

O solo das matas, de formação granitoide, é ali ornado de fetos arboreos australianos, medindo as elegantes frondes, de peciolos rendilados, planos ou enroscados, mais de dois metros, e por hortenses, rhododendros, azaleas e fuchsias de incomparavel desenvolvimento e belleza, e por palmeiras de diferentes especies, cuja vegetação, aliás, se resente da escassez de luz, causada pela demasiada proximidade do arvoredado, e devido tambem ao excesso de humidade atmospherica e terrestre.

Nas clareiras divisam-se minusculos pomares de aurenciaceas, e hortas vecejantes; e, por toda a parte a elegante e encantadora camelia, quasi arvoreta pelo seu extraordinario desenvolvimento, e tão profusamente florida, que mais parece cada pé um grande e deslumbrante ramalhete fixado no solo.

A cada passo, agua purissima, e escassamente mineralizada, quando brota filtrada da penedia granitica, presta intenso viço á vegetação.



CINTRA — MURALHAS DO CASTELLO DOS MOUROS

Nos mais altos pincaros, coroando e dominando a vôo de passaro o vasto scenario, ostentam-se as ameias mouriscas, recordando legendarias narrativas, e o castello da Pena, residencia dos reis, mosaico de architectura vária, que, se choca o gosto puritano dos mestres, é um encanto fascinador para os que o contemplam de longe, formando o remate de um incomparavel panorama.

A curiosidade do excursionista ganhou muito com a linha electrica que pôz em ligação directa Cintra com a Praia das Maças.

O revestimento florestal é mais denso e mais completo nas encostas viradas ao septentrião, do que nas oppostas a estas. Mais denso, pela maior humidade atmospherica e terrestre que desfructa. Mais completo, porque se desdobra quasi sem solução de continuidade desde os mais altos pincaros até ao mar.

E é mais empolgante, porque não ha, em

todo esse grande trecho de paisagem, um unico ponto que não contribua para o encanto panoramico do paiz, pela variedade de perspectivas, para assim dizer, imprevistas, que mudam a cada curva da via electrica.

Essa multiplicidade de aspectos é principalmente devida á grande quantidade de morros, serros ou pequenas elevações, de desigual altura e a diversa altitude, vestidos de densa vegetação arborea e arbustiva, que salteiam e se succedem n'uma desordenada orographia, e aos corregos e valleiros que lhes correspondem em todas as direcções e a todas as exposições, assemelhando-se tudo a um verdadeiro e agigantado oceano de verdura.

E se o observador galga a um ponto dominador, de modo a mergulhar a vista de cima para baixo e a relanceal-a para cada lado, todos aquelles traços dispersos de paisagem formam um quadro de maravilhosa unidade.

E' um conjuncto, que abrange a arborisação florestal nos andares mais altos, nesgas agricultadas que se devisam no segundo plano, ainda circumdadas ou salpicadas de arvoredos, e em que se encheram rastejantes, olerosos e viçosos morangaes; succedendo-lhes vinhas e pomares, disfructando bellas e alegres veigas, que quasi se deixam beijar pelo oceano.

E para que o scenario seja completo, este ultimo, magico hypnotisador das almas contemplativas, ora meigo, ora irado, deixa que os olhos se espaireçam e abracem um largo e longinquo horisonte.

Vejamos agora um pouco mais de perto o que representam essas bellas paisagens.

Antes de proseguirmos, convem, porém dissipar um equivoco em que muitos espiritos laboram, quando entregues a uma maior convivencia com a natureza.

Um parque qualquer é sempre uma obra de arte, mesmo olhando só ao seu deliniamiento e ao modo e disposição do seu revestimento vegetal, independentes de outras contribuições artisticas que concorrem para o seu embellezamento.

O espectador, aqui collocado a maior ou menor distancia, acha-se, pois, em presença

de uma obra da natureza e de uma obra humana. Diz-se, e repete-se, que as bellezas da natureza, que a natureza e as suas producções são obra directa da Força Creadora, da sua sabedoria, da sua bondade, e que os monumentos da arte são simples obras do homem.

E' aqui que está o equivoco. O ideal esthetico tem um horisonte muito mais vasto do que o que vulgarmente se lhe attribue: ultrapassa os limites da natureza; abrange os dominios de espirito.

A Força Creadora obra tambem no homem e pelo homem, e tira maior gloria e honra do que faz o espirito, livre e consciente de si mesmo, do que o que produz a simples natureza. Não só ha um cunho divino no homem, mas o divino se manifesta n'elle sob uma fórma muito mais elevada. Deus é espirito; o homem é por conseguinte o seu verdadeiro intermediario, o seu órgão. Na natureza, o meio pelo qual Deus se revela, é uma existencia puramente exterior. O que não tem consciencia de si mesmo é muito inferior em dignidade ao que a tem.

N'isso consiste a sublimidade do espirito humano, a grande significação das suas obras, nas quaes, quando bem norteadas, se acham impressos os signaes do Bem, da Verdade e do Bello, como reflexos da sua origem.

Este modo de considerarmos as cousas tem, a nosso ver, a vantagem de dissipar dois erros: distróe o equivoco pantheista, e restitue ao ramo de belleza que constitue a arte humana o seu valor e a sua alta dignidade.

Os parques ajardinados em desenho rectilinio, de que, por exemplo, o do paço real de Queluz é um bello exemplar, fizeram a sua época. Esta terminou, cedendo a uma reacção exagerada contra essa fórma de embellezamento rustico. Pretendeu-se, no delineamento dos parques, fazer o ahi existente por um producto espontaneo da natureza, sem interferencia da arte humana, fugindo a tudo o que se assemelhasse a uma intenção de semetria e de regularidade.

Mais tarde, o bom senso e o bom gosto prevaleceram; e o novo estylo a que obedecem os parques da serra de Cintra mais dignos de nota tratou, pelo contrario, de con-



CINTRA — TORRE E PALACIO DA PENA

ciliar, nas devidas proporções, a arte com a natureza, sujeitando-as á observação rigorosa da sobriedade e dos contrastes.

Com effeito, assim como da opposição das fôrmas e das côres nos objectos que nos dão na vista resulta um dos elementos essenciaes

da sua belleza, pela mesma fôrma, do contraste entre a natureza agreste e sem symetria, com as suas linhas irregulares e mal definidas, e as côres vivas, as fôrmas distinctas, o gracioso mosaico de um terreno cultivado, repartido em compartimentos

symetricos, resulta uma das bellezas mais intellectuaes a que se póde aspirar no em-bellezamento da vida campestre.

A natureza em miniatura é para nós tanto mais seductora, quanto mais podemos espiritualisar, pelo remodelamento das suas formas, o goso que ella nos proporciona.

Os pequenos parques da serra de Cintra — e nenhum ha ali que propriamente se possa chamar grande — teem um cunho que lhes é proprio. Se nada possuem de comparavel com os de outros paizes, pela vastidão, tambem em cousa nenhuma se assemelham ás *villas* de Italia, o verdadeiro ideal da paisagem ornamentada, sobretudo as mais proximas de Roma.

Estas, com as suas estatuas, com as suas balaustradas, com aquelles vasos maravilhosamente cinzelados, e artisticamente distribuidos pelos massiços sempre virentes, com a perspectiva das montanhas, vistas através das altas columnatas dos porticos, com os cactos e os alóes, vegetaes magnificos, dispostos em longas filas de vasos de granito e de porphyro, ostentando, orgulhosos, a sua vegetação esplendida, não encontram rivaes no esplendor da ornamentação.

Os parques de Cintra, reduzidos quasi todos a uma limitada área, não pódem apparentar ornatos architectonicos, senão excepcionalmente. Mas, em compensação, a riqueza florestal de alguns, principalmente em flora exotica, é verdadeiramente notavel, e unica, como mais adiante mostraremos, com a nomenclatura de uma pequena parte. E dizemos *pequena*, porque não é este o logar de entrar em minucias botanicas.

N'estes parques, que mais se pódem dizer *chalets* ajardinados, os obeliscos, as estatuas, as columnatas são substituidas por essencias florestaes, occupando o logar que a arte paisagista moderna lhes assignala. Vêem-se as arvores rezinosas, isoladas ou em pequenos grupos, disseminadas sobre os tapetes enrolvados, as de fuste erecto, despido e de larga copa, produzindo todo o seu effeito em individuos isolados, as pyramidaes, realçando a paisagem, associadas, e as de ramagem difusa servindo de cortina aos massiços arborisados ou assombrando as alamedas.

Arvores de folhagem sombria e vigorosa destacam-se garbosamente junto das habitações, emquanto que outras de folhas

verde-claras, brancas ou cinzentas, collocadas ao longe, recuam ficticiamente os limites da paisagem, harmonisando-se com os tons indecisos dos ultimos planos.

Em torno das habitações, uma apropriada escolha de plantas e arbustos indigenas e exoticos, de fórmulas elegantes, côres brilhantes e suave perfume, decoram-nas com muito gosto.

Dissemos atraz, que poriamos de parte as minucias botanicas, como improprias d'este logar. Mas, entre os visitantes de Cintra, encontrar-se-hão certamente alguns mais scientificamente habilitados — e são esses os que para nós mais crédores são de attenção — a quem uma informação de caracter excessivamente lato não satisfaça; e que desejariam, que, pelo menos, por uma fórmula summaria, e nos seus topicos principaes, lhes fizessemos saber, em que consiste essa riqueza botanica de que está de posse a serra de Cintra, e a que vimos de alludir. Vamos satisfazer esse hypothetico desejo, entremeando a parte informativa de algumas considerações, a fim de a amenisar de certo modo.

Cintra e Bussaco são os dois pontos de Portugal mais enriquecidos modernamente pela aclimação ao ar livre de vegetaes lenhosos de diversas regiões do globo. O primeiro adiantou-se ao segundo, porque maior foi o numero dos collaboradores (entre os quaes sem modestia nos contamos) que a principio concorreram para aquelle fim, obedecendo á apaixonada curiosidade das bellezas e raridades do mundo vegetal, e, secundariamente, ao fito de uma utilidade economica.

Para o aformoseamento da serra de Cintra, concorreu exclusivamente o primeiro d'aquelles estimulos. E não devemos querer mal por isso aos seus proprietarios. Não póde ser motivo de estranheza, que os que mais impressionaveis são aos aspectos da natureza e á vida dos vegetaes, procurem, na variedade d'estes, novos prazeres, de mais a mais innocentes. Cedendo ao sentimento apaixonado da posse de plantas não vulgares, satisfazem de algum modo a séde insaciavel de completo goso que anda sempre alliada ao amor do bello sob qualquer órma que se apresente.

Elevam-se a muitos centos os nomes das plantas florestaes e de ornamento cuja aclimação tem sido ensaiada com proveito nos parques de Cintra. Certo de que me acompanharão n'esta digressão simplesmente os verdadeiros apaixonados das cousas botanicas, ainda assim, para não abusar, lhes não darei a lista completa de quanto se pôde notar, n'um estudo um tanto demorado d'a-

mílias, generos e especies das paragens liquidas e terrestres das zonas mais proximas dos tropicos.

Estas ultimas, esplendidos vegetaes que hoje constituem o mimo e principal enlevo da jardinagem opulenta, formam com effeito o ornamento mais distincto e apparatuso de alguns parques de Cintra.

E com razão. A florescencia dos vegetaes é, em grande parte das plantas conhecidas, o seu adorno mais brilhante e seductor.



CINTRA — CASTELLO DOS MOUROS, LADO SUL

quellas aprasiveis estancias. Nomearei apenas, acompanhando-o da nota caracteristica, uma pequenissima parte do que ali se encontra de menos conhecido.

Mercê das condições climatericas excepcionaes a que já me referi, encontra-se em tão limitada área, um acervo de plantas em pleno vigor, oriundas da Nova Hollanda, da California, do Cabo, da Nova Zelandia, da China, do Japão, do Mexico, da Asia Central, e da faxa meridional do nosso continente, vegetando em promiscuidade com fa-

Entretanto, nem sempre ella constitue o seu principal merito: ou porque é ephemera e insignificante, ou porque, não dando agrado aos olhos, nem ao menos embriaga o olfato com o seu aroma. A comprehensão mais larga e completa das fórmias vegetaes, a exploração mais detida das investigações botanicas ampliaram modernamente o goso do amator, descobrindo e dando o verdadeiro logar de distincção ás plantas de vistosa ou singular folhagem, em todos os logares consagrados á cultura das mais notaveis.

Essas plantas, entre as quaes merecem um dos primeiros logares, as coníferas, as palmeiras, os fetos, as musaceas, os dasyli-rios, as yucas, os lencadendros (arvore da prata), asa gaves, as dracenas, os caladios, os coleos, as begonias, etc., etc., viçam nas encostas ou nos valeiros da serra de Cintra tão galhardamente — com excepção de algumas palmeiras — como se gosassem dos favores do seu clima natal; e tudo isso, em situação visinha de outras plantas de exigencias bem diversas, taes são alias opposições de clima, verdadeiramente notaveis, devidas á diversa orientação do terreno, á altitude diversa a que as diversas plantas se encontram, e aos abrigos artificiaes de arvoredos.

E' uma verdadeira maravilha o modo por que a *begonia rei* e os coleos ali se prestam a formar bordadura ou a vestirem placas, nos relvados assombreados dos parques. A primeira, com as suas grandes folhas cordiformes, ponteagudas e franjadas de matizes diversos, com o seu lustre assetinado, envernizado ou marmoreo, com os reflexos cambiantes de madreperola das suas folhas, destacando-se nos grupos diversos das mais lindas flôres, é, para as placas ajardinadas, de uma ornamentação fidalga sem igual. Os segundos, de folhas ovaes, acuminadas, denteadas, attenuadas na base, e de um verde amarellado, pulvilhadas, salpicadas, tingidas ou raiadas de largas estrias, ou manchadas de toda a gama do espectro solar, rivalisam com a primeira n'um surprehendente effeito decorativo.

Para se poder prolongar com intensidade o goso d'aquillo em que a vista pousou anteriormente, é necessario possuir de algum modo a retentiva, que é privilegio dos pintores. Essa especie de encanto aviva-se principalmente quando tem por objecto as obras da natureza, cuja juventude e energia são sempre as mesmas, e em face das quaes em todos nós actúa, mais ou menos, o sentimento de surpresa e de admiração, essa curiosidade, que, longe de desanimar, se inflama perante os limites das nossas facul-

dades, e dos breves momentos da existencia individual.

Mesmo com grandes intervallos de tempo, a memoria, se possui aquella força de visão interior, apresenta-nos sempre vivas e inolvidaveis as imagens de certos aspectos da natureza. Um dos mais notaveis d'estes, e de cujas impressões conservo immorredora lembrança, é a da paisagem, toda original, das zonas tropicaes, em que as palmeiras formam o fundo do quadro, como o constituem nas zonas, temperadas e frias, as arvores resinosas.

Nada de comparavel se póde obter com a magestosa familia das palmeiras n'um paiz com as condições climatericas do nosso, que, embora muito favorecidas n'esse sentido, ainda assim, só podem admittir vegetaes d'aquella familia, cujo paiz originario esteja situado nas zonas de contacto tropical e temperado.

Ainda assim, para citar só as mais vistosas, posto que em pequeno numero, encontram-se nos parques de Cintra exemplares regularmente desenvolvidos, onde a sombra e a demasiada humidade os não contraria, da *Livistonia* ou *Corypha* da Nova Hollanda oriental, grande e magnifica palmeira, terminando n'uma vasta corôa de folhas em fórma de umbella; a *Areca sapida* ou *Kentia*, da Nova Zelandia, de espique liso e anelado, de cinco metros de altura, de frondes todas terminaes e erectas, muito elegante e adequada ao nosso clima; diversas *Chameropes* de diversos paizes, destacando-se, entre as suas congeneres, a *C. Martini*, algumas especies dos generos *Fulchiroma*, *Creodax frigida*, *Chamedorea* (palmeiras anãs do Mexico) e a *Ceroxylon* dos Andes, se não estamos em erro, etc.

Bellos exemplares de *Cycas*, do Japão, de tronco coberto de escamas, e tendo aspecto de palmeiras anãs, assim como de Tamareiras bem desenvolvidas, dão a demonstrar que, para o embellezamento dos parques de Cintra, não tem faltado gosto da parte dos seus proprietarios, entre os quaes justo é especialisar os da Pena, Monserrate, Bister, Regaleira, D. Capitolina Vianna, Palmella, D. M. Candida Andrade, Ramalhão, Castro Pereira, Valenças, etc.

(Continúa.)

Casamentos á força

Que peccado fyi o meu
Porque me daes tal prisão?

A' dolorida queixa da Mulher contra a oppressão matrimonial, registada n'um auto de Gil Vicente, responde o Homem affirmando o que julgava os seus absolutos direitos:

«... o homem sisudo
Traz a mulher sopeada.
Vós não haves de falar
Com homem ou mulher que seja;
Sómente ir á Egreja
Não vos quero eu deixar
Já vos preguei as janellas,
Porque não vos ponhaes n'ellas;
estareis aqui encerrada.»

Em plena Renascença, como ainda hoje, entre nós, continuava a mulher a ser a escrava do passado.

Estabelecera-lhe a antiguidade a tutela perpetua, por causa da «leviandade do seu espirito».

Reflexo das edades primitivas, e das velhas civilisações orientaes, prolongava a legislação esse jugo, bem pouco differente do rapto e da compra que punha a mulher na posse commum dos homens da tribu.

Com surpresa e applauso dos gregos, vendiam os Chaldeus, no mercado annual, as raparigas bonitas, para dotarem as feias com o dinheiro assim obtido.

Na Grecia, cujos usos matrimoniaes, segundo Strabão, se pareciam com os Lusitanos, eram exclusivamente decididos pelos paes os casamentos.

Apesar da commoda homenagem de Plutarcho ao amor da mulher, a quem só appetites sexuaes se attribuiam, e da sua idealisação do amor conjugal, quando o casamento era apenas encarado pela necessidade de augmentar a população; apesar da elevação da mulher pelos trovadores, pelos cavalleiros andantes, pela celebração das côrtes de amor, persistiu a tutela na Edade Média, não já com a justificação da leviandade, mas como generalisação do principio de que todas as pessoas impossibilitadas de se defenderem eram tuteladas.

Todos amavam, cantavam todos o novo amor: reis, principes, guerreiros, sacerdotes, fidalgos



O AMOR

(De S. Kendrick)

trovadores, jograes plebeus, anonymos interpretes da sentimentalidade popular.

Redimiam a mulher, escrava do passado, elevavam-a ás côrtes de amor, aos torneios, aos saraus, tornando-a objectivo de um novo culto, em que a humanidade se dignificava, fazendo a apotheose da incançavel renovadora da vida; fugindo aos horrores das fomes, das pestes, da predição do fim do mundo, pela glorificação da eterna fonte do prazer, divinizada pelo paganismo.

Mas o costume resistiu a toda a generosa propaganda sentimental.

Tornou-se um axioma do direito medieval pertencer ao rei a guarda das viuvas e das orphãs.

Durante o feudalismo, só auctorizados pelo suzerano podiam casar os vassallos, ou os seus herdeiros.

No caso de pertencer á filha solteira a herança do feudo, tinha o Senhor o direito de lhe impôr o casamento com um guerreiro capaz de «servir o feudo».

Para isso apresentava-lhe diversos pretendentes, afim d'ella escolher marido, sob pena de perder a herança, que revertia ao suzerano.

Com o augmento do poder real, e a fre-

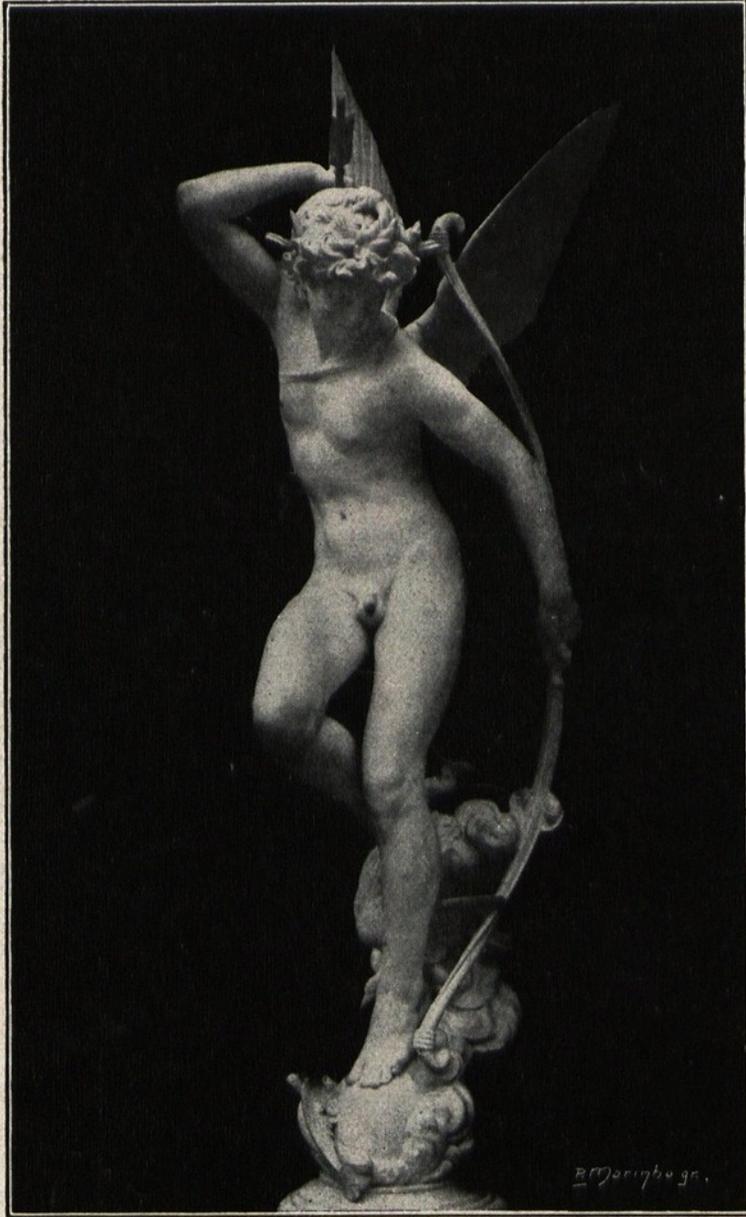
quencia da nobreza á côrte, encarregaram-se os reis de dotar e casar as filhas dos fidalgos que, para isso, iam servir no paço infantas e rainhas.

Convencidos da sua sciencia certa, obsecados pelo seu absoluto poder, arrogavam-se

os monarchas o direito de casarem os vassallos, sem os consultar, affirmando que, melhor do que elles, conheciam o que lhes convinha.

Se restavam ao homem, depois d'esses casamentos por ordem, os desafigos que sempre lhe permittiram usos, ficava a mulher na mais triste escravidão.

Echôa nos documentos do passado a dolorosa queixa da eterna victima, ora em termos lancinantes, como os que nos transmittiram os poetas, ora nas reclamações continuamente levadas ás côrtes.



EROS, O AMOR
(De Jules Cortan)

Haverá cousa peor
Do que casar mal contente?

diz o romance de *dona Ouliva*.

O capellão André, da côrte de França, em meiado do seculo XII, redigiu um código do amor, onde formulava os novos pontos de vista postos em moda pelos cancioneiros.

Reagindo contra a noção barbara do casamento imposto por conveniencia financeira e politica; do casamento resolvido pelo rei, pelo suzerano ou pelo pae; os que cantavam o amor prégavam a insurreição, preconisavam o segredo como a mais necessaria garantia em tempo de barbaras vinganças, e, da mesma fórma que hoje se combate o casamento calculista e interesseiro, opondo-lhe a concepção do amor livre, do amor desprendido dos negocios dotaes, elles combatiam o casamento imposto, ambicionando o casamento de sentimento.

No livro *De arte reprobatione amoris*, do celebre sacerdote, registavam-se as maximas do novo amor:

«Quem não sabe occultar não sabe amar.

O amor pôde sempre augmentar ou diminuir.

Amor divulgado raramente é de duração.

Nada impede que uma mulher seja amada por dois homens e o homem por duas mulheres.

Não tem sabor o que um amante obtém á força do outro amante.

Ninguém pôde entregar-se a dois amores.

Prescreve-se a viuvez de dois annos pela morte da pessoa que se ama.

Ninguém pôde amar senão impellido pela esperanza de ser amado.

Não convem amar aquella que seria vergonhoso desejar para mulher.

O verdadeiro amor não exige mais do que as caricias do ente amado.

O exito sem contrariedades tira bem depressa ao amor o seu encanto; os obstaculos augmentam-lhe o valor.

A pessoa casada empalidece aos olhos de quem ama.

O amor que enfraquece cáe rapidamente e raras vezes se reanima.

A suspeita e o ciume augmentam o amor.»

Occultava-se sempre nas canções o nome da mulher amada:

«Morro de amor sem que saibam por quem. Nem o poderão já-mais por mim saber.»

Tornara-se o casamento alvo de ataques, tão ener-

gicos como o d'esse julgamento proferido no fim do seculo XII, em *Côrte d'amor*, pela condessa de Champagne:

«Conforme a opinião da maioria asseguramos que o amor não pôde existir entre marido e mulher, porque os amantes cedem livremente, sem interesse, pelo proprio prazer e no ardor da paixão, emquanto que as pessoas casadas são forçadas pelo dever a supportar-se mutuamente e nada cedem vo-



CASAMENTO DE AMOR
(De René Bertrand-Boutée)

luntariamente porque nada podem recusar. Que este julgamento que proferimos com uma extrema prudencia, e segundo a opinião de um grande numero de damas, seja para vós de uma verdade absoluta e indiscuti-vel.»

Por causa da violenta oppressão do casamento imposto, apaixonavam-se até ao desespero os trovadores:

«E quero mal a Deus que me não vale!»

Preferiam a morte á desesperança:

«Tão sem ventura fui que não morri!»

Reflectem as leis, e as reclamações ás côrtes, a lucta contra a oppressão.

Determinára Afonso II:

«porque os matrimonios devem ser livres, e os que são por constrangimento não dão boa scisma; porém mando que nós, nem nossos successores não constranjam ninguem para fazer matrimonio».

Não impediu porém essa lei que continuasse o despotismo matrimonial, como se deprehende d'essa medida de Afonso III:

«que el-rei, nem rico homem, nem nenhum homem pode-

roso do reino, assim religioso como secular, não constranja, nem force, nenhum homem nem mulher que case contra sua vontade, mas livremente case com quem quer que queira».

A queixa ás côrtes de Elvas, em 1361, expõe assim a penosa dependencia da mulher, como se vê pela resposta do rei:

«bem sabiamos como os matrimonios de direito são livres, e que devem fazer-se sem constrangimento de ninguem; e que a mulher, para casar, não deve ser pedida ao

Principe, e aquelle que a pede deve receber por isso estorvo; e que ora nós, a rogo d'alguns, davamos cartas para casarem com elles algumas filhas, parentas d'alguns homens da nossa terra, viuvias ou virgens, que não hão vontade de se casar nem lhes praz d'esses casamentos, nem áquelles em cujo poder estão; e que muitas d'ellas promet-

tiam castidade, por a qual razão se seguia muito damno ás que isto acontecia, e que fosse nossa mercê que não quizessemos as taes cartas».

Respondeu então o rei (D. Pedro I) mantendo o direito de premiar com ricas herdeiras os seus servidores, mas prometendo não constranger as escolhidas:

«justo é que os reis hajam de rogar por seus creados (fidalgos da sua criação), e por aquelles que lhes tem feito serviço, a algumas que casem com elles, quando com justa razão se pode fazer; e quando a ellas aprouver nós lhes faremos por isso mercê, e quando não houverem por seu prol casar com elles, nós não lhes faremos por isso sem razão nem ne-

nhum outro constrangimento».

Manteve-se porém o costume, e, dez annos depois, nas côrtes de Lisboa e Porto de 1371, reaparece a queixa da mulher opprimida:

«que as mulheres viuvias, e filhas de homens bons, não fossem constrangidas a casar contra suas vontades».

Renova-se a reclamação nas côrtes de Coimbra, em 1385:

«dos geraes casamentos se aggravaram muito os povos, dizendo que el-rei D. Fer-



O NAMORO

(De Hal Ludlow)

nando, e a rainha sua mulher, por cartas de rogo, faziam casar contra suas vontades assim mulheres viúvas, como outras que estavam em poder de seus paes e parentes, não sendo esses com quem casavam pertencentes para ellas».

Expunha a queixa a maneira como eram coagidas as que resistiam; a pena applicada á rebeldia, a perda dos bens cubiçados pelos protegidos do rei, e que constituíam o motivo da sua infelicidade:

«e se casar não queriam mandavam-as chamar, e traziam-as após si quatro ou cinco mezes, dispendendo o que haviam, e o peor d'isto que alguns em breve tempo gastavam o que ellas tinham, em maus usos e costumes, deitando-as em grandes minguas e pobreza, a qual cousa era contra consciencia e serviço de Deus, e contra a lei porque os casamentos hão de ser feitos».

Essa frequencia da côrte, já imposta como castigo por D. Pedro, era uma maneira propositada de reduzir a fidalguia que, em duas gerações, arruinada pelo luxo, passava de rival da realza a dependente das suas esmolos.

Reclamavam a suppressão de taes usos, e tinham direito a esperar que assim succedesse, pois, com a eleição do rei pela Arraia Miuda, deveria operar-se a transformação de toda a vida nacional:

«e que, porém, lhe pediam por mercê que taes cartas de casamentos não quizesse fazer».

Como o pae, prometteu D. João não forçar ninguém a taes consorcios. Applaudiu a re-

beldia, que já defrontava a oppressão, e, interpretando o espirito revolucionario que o levára ao throno, incitou a mulher a revoltar-se tambem:

«A isto respondeu el-rei, que não entendia fazer casar ninguem contra sua vontade, e posto que cartas de rogo passasse sobre taes cousas, que cada um fizesse o que entendesse por seu proveito, que elle não entendia de lhe fazer força nem desaguisado por isso, e que cada um respondesse ousadamente, não curando de taes cartas.»

Quanto a não passar mais cartas de casamento é que não accedeu o rei, não querendo privar-se de semelhante recurso, fiel ao que lhe aconselhára um mestre da politica do tempo, o manhoso Alvaro Paes: «Dae o que vosso não é.» Reservava-se portanto o direito de pagar serviços com o dote das ricas herdeiras.

Escravizada pelo dote, era a mulher objecto de requerimento de ambiciosos, que obtinham essas «cartas para casar», como poderiam receber uma tença ou uma

terra; ou tornava-se na mão do monarcha um emprego, uma moeda, uma prebenda para recompensar serviços, conquistar adhesões, ou comprar consciencias.

Tinham os casamentos feitos por Leonor Telles o visivel proposito de corromper:

«Trabalhou-se de haver da sua parte todos os móres do reino por casamentos... muitos outros casamentos e accrescentamentos em muitos fidalgos e grandes do reino.»

Essa compra da adhesão do homem por meio da mulher era a antithese da propria



O CASAMENTO
(De H. Biande Sparks)

significação do dote, que, no mesmo seculo, fixa esta canção:

«Se el-rei me desse algo já me iria
para minha terra de bom grado,
e se chegasse, compraria
dona formosa, de gran mercado...»

Eu coitado, não chegaria
por comprar corpo tão bem talhado.»

Que constituia uma violência o casamento imposto, sabia-o bem D. João I, como se vê pelo vigor com que defende o direito de escolher livremente mulher:

«e quanto era em effeito de seu casamento, que pois que os casamentos haviam de ser livres, e os reis, que antes d'elle foram, em casar eram isentos, que elles não se obrigavam a prometter tal cousa, pero se talanteera de o fazer quando a Deus prouvesse».

A doutrina que subordinava o casamento do rei ás conveniencias, foi assim referida pelo chronista:

«Os antigos deram por doutrina que o rei, na mulher que houvesse de tomar, principalmente devia d'esguardar nobreza de geração mais que outra alguma causa, que aquelle que o contrario d'isto fazia, não lhe vinha de bom sizo, mas de sandice.»

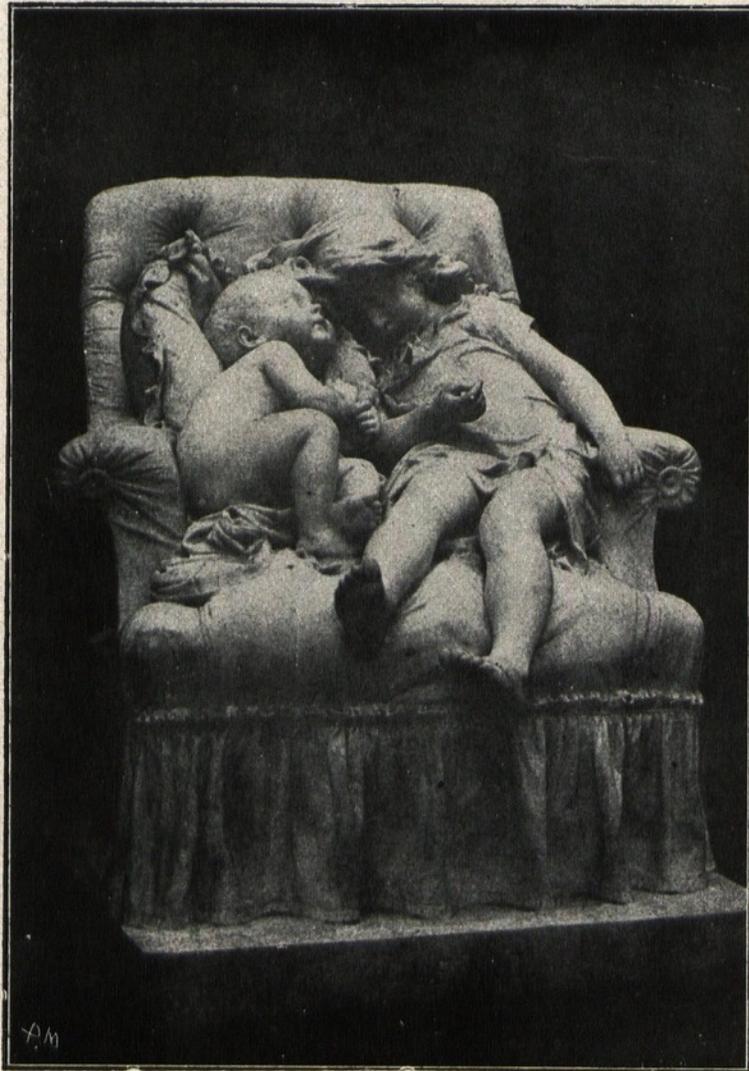
Não o queria pois para si, mas, contra o que promettera, não deixou de o praticar, em requintes de tortura moral.

Seria o primeiro politico a cumprir no poder as promessas feitas na opposição.

Consolidado o throno, já não precisava de seguir o conselho de Alvaro Paes; não tinha feudos a prover de fortes guerreiros; preocupava-o a ancia de moralisar, que fôra a paixão de seu pae, de pôr cobro aos desregramentos do reinado do irmão.

E' o proposito que lhe attribue o chronista:

«El rei com bom desejo e cuidado das mulheres de sua casa, assim de aguardar de sua queda, em que muitas sem empacho por seu mau sizo vem a cahir... cuidou de casar algumas d'ellas, e como era de alta discricção e entendimento, bem cuidou que escusado era falar a ellas de quem se contentariam para lhes dar por maridos, sabendo que sem resguardo em semelhantes feitos esco-



NINHO D'AMOR
(De Aristide Croissy)

lhiam ás vezes para si o contrario d'aquillo que é sua honra e proveito, a que já se teem outhorgadas.»

Embora em plena florescencia trovadoresca, no tempo em que a moda multiplicava os nobres exemplos de cavallaria, quando se citavam os grandes typos amorosos, producto da aspiração de uma sociedade mais

perfeita, de uma mulher mais digna, e de um amor mais puro, o amor ainda merecia desdêns.

Na opinião do chronista:

«todo o homem namorado tem uma especie de sandice, e isto por duas razões: a primeira, porque aquillo que em alguns é causa intrinseca das outras maneiras de sandice é n'estas causas de taes amores; a segunda, porque a virtude estimativa, que é imperatriz das

outras potencias da alma, ácerca das cousas sensiveis, é tão doente em taes homens que não julga o objecto da cousa que vê tal qual é, mas tal qual a elle parece, porque elle julga a feia por formosa, e aquella que traz damno ser-lhe proveitosa; e portanto todo o juizo da razão é submettido ácerca de tal objecto, em tanto que qualquer cousa que lhe aconselhem poderá bem receber, mas, quanto ácerca de tal mulher a elle prazivel, cousa que

lhe digam de bom conselho não recebe, se o conselho é que a deixe não usa d'elle, antes lhe faz um accrescentamento de dôr, que é fóra de todo o bom juizo».

Guiava-se o rei pelas indicações genealogicas, no evidente proposito do apuramento das raças fidalgas:

«e porém elle que lhes conhecia os

paes e as mães, pensou para cada uma o marido igual a ella, e o que elle determinou de lhes dar».

D'esses projectos não suspeitavam as donzellas escolhidas para tronco de novas gerações:

«e tendo-as assim casadas na vontade, trazendo já isto em cuidado, sem o dizer a nenhum, — accrescenta Fernão Lopes —, fez-o saber um dia a todos, por estas palayras:

«—Mandavos el-rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhã — sem dizer com quem, que não era sabedor o que tal recado levava.»

Tambem só na vespera recebiam os homens a noticia:

«E depois que assim foi dito a ellas, similhantemente o mandou el-rei dizer a elles».

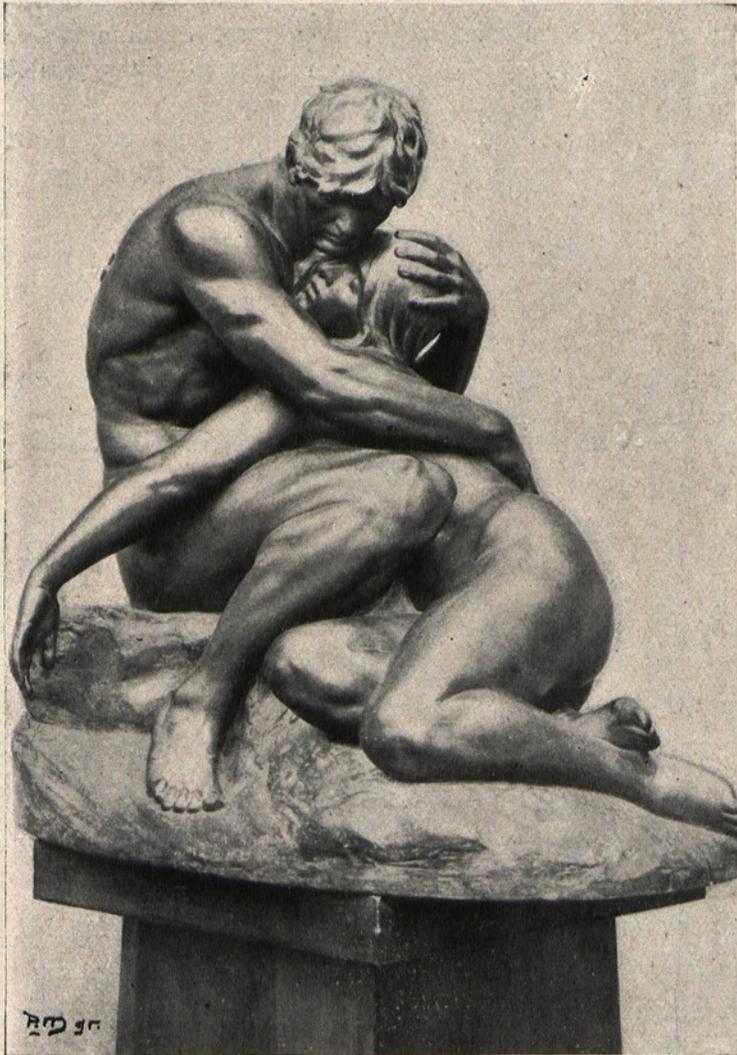
Tinham ellas e elles naturalmente os seus amores...

A chronica regista sentimentamente:

«e assim elles, como ellas, tiveram bem que cuidar aquella noite, não sabendo se lhes havia de cair em sorte quem seu coração tinha outhorgado».

Certo de que só elle podia dar-lhes honra e proveito, arrastou as victimas ao altar, e só ali, para lhes prolongara dolorosa incerteza, as acasalou:

«No outro dia levou el-rei comsigo os noivos á camara da rainha — continúa o



ADÃO E EVA
(De Peter Brerer)

chronista na sua pittoresca linguagem —, e ali disse a cada um aquella que recebesse.»

Como calculassem, pelo absoluto da determinação, quanto lhes custaria a revolta, obedeceram cegamente, tornando-se maridos e mulheres, contrariados nas suas afeições:

«a cujo mandado não houve contradição, posto que não acertasse mais de uma a casar com quem tinha em sua vontade».

Calaram-se, mas, em vez de se resignarem, protestaram a seu modo:

«as outras, pero o calassem, bem deram depois a entender que de tal feito não eram contentes».

Quer dizer que o providente rei, em vez de as «guardar da sua queda», atirou-as elle proprio, de cabeça para baixo, pois o caso não era para menos.

E foi tal esse «dar a entender» que conseguiu mais do que as côrtes, pois os reis voltavam sempre «com a palavra atraz».

Eis como narra o chronista a confusão do monarcha:

«El-rei, sabendo d'isto parte, disse que elle lhes dera maridos assás convinhaveis para ellas, de que seriam bem casadas e honradas, e com quem lhes faria muitas mercês; mas que pois assim era que elle jurava e promettia que nunca mais d'ali em diante a nenhuma, por edade que houvesse, lhe ordenasse nenhum casamento, salvo se ella, ou seus parentes, primeiro pedissem muito por mercê.»

Longe de a preservar, a tutela desmoralisava a mulher, tirando-lhe a consciencia da dignidade e da responsabilidade.

FAUSTINO DA FONSECA.



O pômo da discordia

(De Alex Keller)

*Quando o mundo nasceu do Cahos, cada flôr,
cada estrella buscou a causa do seu ser.*

*Todo o vivente, emfim, havia o seu mistêr;
uma regra divina, uma ordem superior*

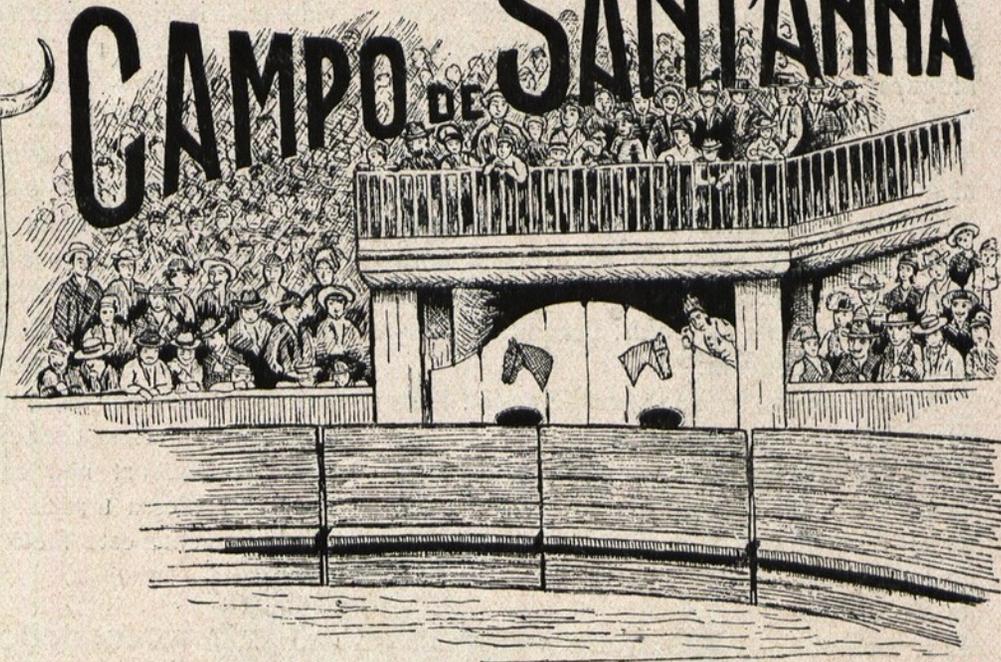
*reinou desde o principio. O céu vinha dispôr
a noite, as estações e a aurora rosiclêr;
nem os desertos de agua ia encrespar sequer
o vento do meio-dia ou a aza do condor.*

*Nenhum desejo vão, nem paixão inimiga
descêra ao umbroso val, e sob a fronde antiga
perturbára em Adão a ingénua f'licidade.*

*Mas surgiu a Mulher, e logo — eterna guerra! —
e desde então, sem paz, sem trégua, sobre a terra
combatem entre si o Amor e a Liberdade!*



CAMPO DE SANT'ANNA



Recordações de então

V



o tratarmos dos cavalleiros e do toureio a cavallo — o toureio portuguez por excellencia —, seja-nos permittido divagar um pouco, e primeiro que tudo, ácerca das condições em que trabalhavam antigamente esses artistas.

Ao passo que a principal preocupação do toureiro equestre de hoje são os cavallos de combate, ha cinquenta annos era o que menos preocupava os lidadores d'esse tempo.

João Sedvem, Antonio Sedvem, Pedro Sedvem e José Caetano de Brito (1), por

exemplo, nunca conheceram a necessidade de ter que sustentar cavallos durante todo um inverno para poderem tourear no verão seguinte; quando tinham que trabalhar, iam ao primeiro alquilador que se lhes deparava, e alugavam um ou dois cavallos.

Diogo Bittencourt, Manuel de Mesquita e Francisco Batalha, ainda procederam de igual fórma por muito tempo.

O unico que nunca montou cavallos alugados, foi Antonio Maximo de Amorim Vellozo.

E, seja dito de passagem, n'esses tempos de saudosa memoria, lidavam-se touros a valer — d'esses que, quando saham do curro e se collocavam no centro da arena a sacudirem-se da terra que traziam em cima de si, faziam estremecer até o proprio espectador!

(1) José de Brito, que teve a sua época no Campo de Sant'Anna, foi um artista de conhecimentos, e que recebeu morte quasi instantanea na corrida de inauguração da an-

tiga praça de Setubal, a 29 de maio de 1841: um touro, desmontando-o, levou-o de encontro á parede de resguardo do publico, fracturando-lhe o craneo.

Francisco Batalha em certa tarde teve que ir tourear a Almada. Os cavallos que alugára em Lisboa, por qualquer motivo, não appareceram. E essa circumstancia, que hoje impressionaria um collega, não incomodou nada a Batalha: desceu rapidamente a Cacilhas, adquiriu na primeira cocheira dois cavallos, e entrando na arena á hora marcada só deixou de cumprir o programma no respeitante ás *cortezias*, porque as montadas não ladeavam.

Agora, porém, já não succede assim. E se nos disserem que este ou aquelle artista fez trinta ou quarenta corridas n'uma época e que o lucro de tanto trabalho e tanto risco não lhe chegou para o prejuizo que teve na compra e venda de montadas, temos que nos calar, porque sabemos que é verdade!

E' certo que o publico d'esse tempo era menos exigente do que o actual; mas não é menos verdade que todos os toureiros antigos sabiam mais da arte de equitação do que a maioria dos actuaes, ao ponto de não terem cavallos proprios e tourearem perfeitamente e com a maior facilidade em cavallos de aluguer, nem dando então o triste espectáculo de que somos testemunha em muitas occasiões actualmente, do artista ser tocado pelo numero de ferros que colloca!

O que succedia, porém, era haver determinados alquiladores que tinham melhores cavallos do que outros, o que fazia com que lh'os preferissem, dando o caso ás vezes occasião para a bella intrigasinha. E quando então já existia, não é de admirar que ella agora ande por ahi tão accêsa como anda...

E' curioso vêr o que nos diz um jornal de ha quarenta e oito annos, o *Portuguez* de 10 de agosto de 1861, sobre um e outro assumpto:

«N'este negocio dos cavalleiros tem ha-

vido uma intriga nojenta contra os srs. Mesquita e Silveira (1).

«Affirmam-nos que o sr. João Sedvem, de accôrdo com o sr. Diogo Bittencourt, tem procurado por todos os modos evitar que os srs. Mesquita e Silveira vão picar. O sr. Sedvem não anda bem n'este negocio, e o seu procedimento é improprio de quem tantas provas tem recebido de agrado por parte do publico do Campo de Sant'Anna. Diz-se que o sr. Diogo tratou de alugar para si alguns cavallos, que os srs. Mesquita e Silveira queriam tambem alugar, e de que o sr. Bittencourt não carecia, porque não vae picar n'essa tarde.

«Felizmente este facto não ha-de impedir que vão picar os srs. Mesquita e Silveira, e os empenhos do sr. Sedvem para que não picasse o sr. Mesquita foram baldados, sendo digno de louvor o modo porque andou o sr. governador civil n'esta questão.»

Isto, entre-

tanto, succedia ha quasi meio seculo, no tempo em que os senhores governadores civis se mettiam nos negocios de touros. Mas essa época já lá vae: hoje tão elevadas personagens, no respeitante ao popular divertimento, pouco mais se incomodam do que... a ir assistir ao espectáculo!

Os alquiladores que mais cavallos alugavam para tourear eram José Amador, José Caetano, o *Bairro Alto*, José Bento e José Maria, o *Cabelleireiro*, este estabelecido na Rua Larga de S. Roque e os restantes no Poço do Borratem. Era no *Cabelleireiro* que geralmente se encontravam as melhores montadas, e aonde José Caetano de Brito as alugava sempre; os Sedvem preferiam as de José Bento e José Caetano. Mais mo-

PRAÇA DO CAMPO DE SANT'ANNA

Quinta feira 9 de Maio de 1861

CORRIDA DE TOUROS

A BENEFICIO

do Asylo das Raparigas Desamparadas.

——

SOL — 240 RÉIS.

UM BILHETE

(1) Silveira era um amator da época.

dername, o *Antonio Hespanhol* e o *Ezequiel de Carvalho* também alugavam cavallos.

Vellozo, Sedvem, Brito, etc., ganhavam oito libras por corrida; *Bittencourt*, *Mesquita* e *Batalha* fizeram logo subir o preço para dez e dezeseis libras, consoante tivessem que lidar dois ou quatro touros.

João Sedvem, Diogo Bittencourt e Francisco Batalha, foram artistas por demais valentes e arrojados, como Manuel de Mesquita foi o mais receoso de todos, apesar de bom toureiro. Mesquita, quando tinha que tourear, ia na vespera para o oratorio, onde orava até ao momento de ir para a praça.

Tempo houve em que se faziam *cortezias* por dóse dobrada em cada espectáculo, umas no começo e outras ao terminar.

Comquanto cousa alguma explicam as segundas — como talvez até as primeiras —, o que é certo é que não foi sem alguma difficuldade que se acabou com as ultimas, pelo costume em que o publico já estava de as presenciar. N'esse tempo, porém, poucos eram os espectadores que sahiam da praça antes da corrida haver terminado por completo.

Observando-se o mesmo preceito tanto n'umas como nas outras, entretanto as finaes não decorriam com a seriedade que sempre se observou nas primeiras, ainda agora mesmo.

Depois de se lidar o ultimo touro, apenas

os cavalleiros entravam no redondel e os bandarilheiros e forcados occupavam os seus logares em fila, era da praxe o rapazio saltar logo á arena, fazendo uma segunda corrida em volta dos lidadores.

E as *cortezias* terminavam, e o rapazio lá ficava, continuando com o seu simulacro de tourada, saltando ora para dentro da trincheira ora para a arena...

Tudo isso acabou!

Mas talvez por acabarem estas e outras pequenas cousas, a aficion vae diminuindo,

mas diminuindo extraordinariamente, até ao ponto talvez de ás praças de touros se ter que dar outra applicação.

O Carnaval está por assim dizer agonizante, desde que se lembraram de o civilisar; o divertimento tauromachico, desde que perdeu o tom popular que tinha, com

a sua *liberdade* e as suas *piadas*, para lá caminha também, e a passos agigantados...

As *cortezias* finaes acabaram com a ultima corrida da época de 1879.

Isso, porém, não impediu que o pequeno aficionado continuasse a divertir-se na arena por largo espaço de tempo ainda, sahindo d'alli ancioso por outra tarde de festa para tornar a *brincar aos touros* na propria praça.



MANUEL MOURISCA

Manuel Mourisca e Casimiro Monteiro fo-

ram os cavalleiros que iniciaram a revolução no toureio a cavallo, começando pela fórma de vestir.

Já poucos são os aficionados que se lembram da antiga farda — a casaca singela, o collete simples, a polaina um tanto extravagante e o bicorneo de fivella dourada ou prateada na frente, com tres plumas, uma branca e duas azues.

Quem não fôr do tempo d'essa *toilette* — que deve ter sido abolida ha uns bons trinta a trinta e cinco annos, pelo menos —, queira-a vêr nos retratos que damos adiante, de Casimiro Monteiro, Batalha, Antonio Monteiro e Augusto Calhamar. Por ahi o leitor fará uma idéa.

Foram aquelles dois artistas os que introduziram a farda usada actualmente, chamada á *Marialva*, sem duvida muito vistosa e elegante, começando então tambem os cavalleiros a tourear só em cavallos proprios, e a apresental-os ajaezados com desusado gosto, como até então não era dado admirar.

No emtanto, Casimiro Monteiro foi o que a todos sobrelevou sempre, chegando o seu bom gosto ao ponto de adquirir chaireis com guarnições de ouro e prata, e arreios com peças dos mesmos preciosos metaes, alguns

d'elles avaliados em mais de um conto de réis.

No dia da festa annual do estimado cavalleiro, havia sempre uma romaria de curiosos, aficionados e admiradores d'arte, ao corredor aonde se encontravam os cavallos, a examinarem as preciosidades artisticas que ornavam os corceis de José Casimiro Monteiro.

Manoel Mourisca tambem foi possuidor de um riquissimo arreio completo em prata macissa, avaliado em um conto de réis, offerta de um aficionado.

Pouco depois de Mourisca e Monteiro começarem a apresentar-se á *Marialva*, logo os seus collegas mais modernos os imitaram, ficando assim dentro em pouco tempo operada uma grande transformação na fórma de trajar dos nossos cavalleiros.

Comtudo, antes, de Mourisca e Casimiro Monteiro

se apresentarem em publico com o novo trajo á *Marialva*, já Manuel de Mesquita tinha tentado a innovação, que não vingou, talvez por muito espectacular. Mas o antigo e considerado artista fel-o ainda com mais propriedade e rigor, visto que trazia tambem espada á cinta, que o acompanhava não só ás cortezias como quando toureava.



ALFREDO TINOCO DA SILVA

Para melhor completar a nossa noticia, continuamos a dar os perfis das individualidades que mais ou menos se destacaram no circo que vimos historiando:

O cavalleiro Manuel Mourisca foi justamente considerado o Mestre do toureio a cavallo.

Nascendo em Freixiendas, proximo de Ourem, a 14 de setembro de 1844, teve a guiar-lhe os primeiros passos na arriscada arte, o não menos artista João dos Santos Sedvem, que então dava leis Discipulo de tal mestre, não foi, pois, por favor que tambem alcançou a melhor classificação entre

todos os mais distinctos collegas do seu tempo.

Mourisca, de um valor, serenidade e sangue frio sem igual, poupando os seus cavallos como ninguem, era inexcedivel e primoroso na execução de todas as sortes do toureio, sendo devidamente apreciado pelo publico entendedor.

Sem o querer, sem contribuir em cousa alguma para isso, viu formarem-se na sua época dois *partidos* entre o publico — um que lhe era favoravel, o da *sombra*, e outro, o do *sol*, que acompanhava Bata-

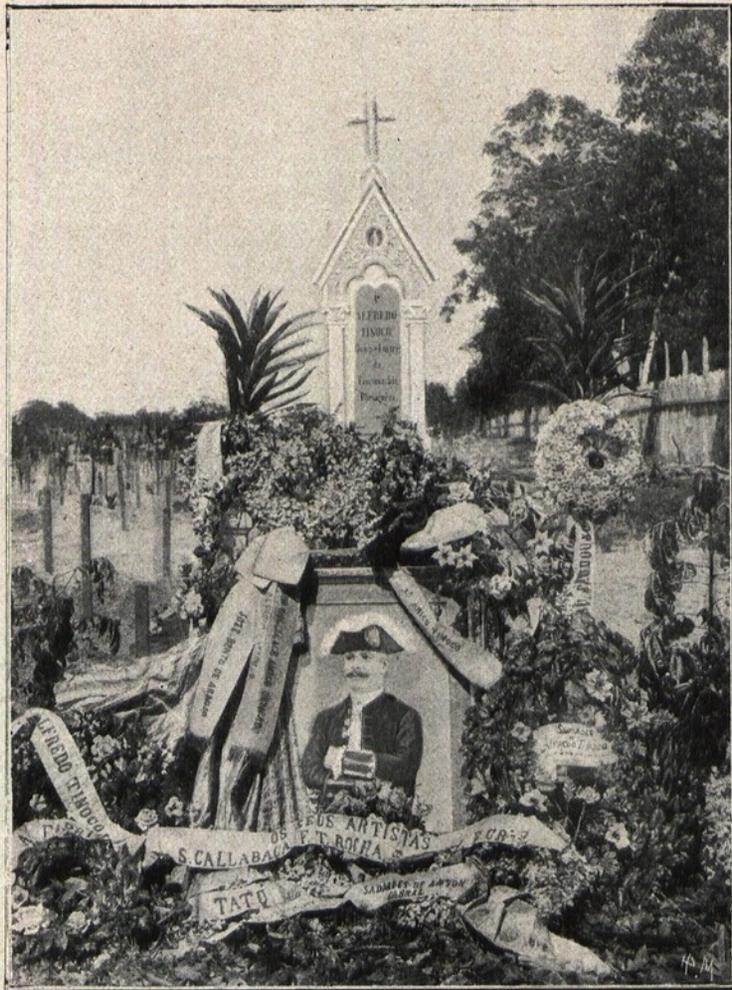
lha. A's vezes travavam-se verdadeiras luctas com as duas partes. O partido de Mourisca era todo pela arte e classisismo, o de Batalha pelo arrojo e valentia.

Mourisca foi eximio na lide a ferros curtos, que empregava sempre aos pares, pois reconhecia ser um erro o collocar um ferro de cada vez. Assim executou algumas vezes lides completas em corridas de seu beneficio.

Com a retirada de Mourisca, porém, tão artistica fôrma de tourear cahiu no desuso, não porque não tivesse razão de ser a opinião do mestre — que elle baseava e defendia em o bandarilheiro sahir sempre aos touros com um par de ferros de cada vez —, mas porque é mais difficil collocar

um par do que meio, e a quêda de um ferro traz desaire para o lidador.

Manuel Mourisca ha muitos annos que se encontra retirado das lides; entretanto, ainda em 1908, na tarde de 2 de agosto, veio ao Campo Pequeno tourear dois touros, revelando-se o mesmo toureiro intelligente e de raro saber de então.



JAZIGO LEVANTADO NO PARA' A' MEMORIA DE ALFREDO TINOCO
A EXPENSAS DE UM GRUPO DE AMIGOS

Alfredo Tinoco da Silva, que nasceu em Lisboa a 5 de julho de 1855, foi o mais

gentil e o mais garboso dos cavalleiros que teem pisado arenas portuguezas.

Enthusiasta pelo divertimento desde os mais tenros annos, foi na demolida praça do Campo de Sant'Anna que fez por assim dizer todo o tirocinio do toureio que tanto honrou, desde o logar de *neto*, que nunca mais foi desempenhado como por elle, até o de cavalleiro, em que por demais elevou a nobre arte de tourear a cavallo, quer no seu paiz quer no estrangeiro.

Apresentou-se em Hespanha, França e no Brazil, por bastas vezes, causando sempre desusado enthusiasmo.

Tendo começado por tourear obsequiosamente n'uma ou em outra corrida, de tal fórma o seu trabalho distincto se foi radicando no gosto e apreço dos aficionados que, comprehendendo-o Tinoco, o levou mais tarde a abraçar a arte como profissional. Essa resolução não podia deixar de ser bem acolhida, como foi, devido aos muitos meritos do notavel lidador.

Em extremo elegante, vestindo com distincção tanto a farda de toureiro como a casaca aristocratica, destacando-se a cavallo na arena como em passeio, Tinoco sobrelevou a todos os lidadores do tempo pela

finura do seu toureio e raros conhecimentos.

Creando um publico seu, um publico especial, que via no brilhante artista o mais lidimo successor do celebre Marquez de Marialva, Tinoco vangloriou-se de poder contar com uma geração completa de admiradores, que o impunha ás empezas em todas as corridas. Por isso, Tinoco só deixava de tourear quando não podia ou não queria.

Esse publico, porém, que tudo esquece, que glorifica artistas com a mesma facilidade como os inutilisa, um dia começou de hostilizar Alfredo Tinoco, tratando-o como o mais infimo dos lidadores!

Tinoco, então, cioso do seu nome e do que valia, medindo o succedido em uma vil intriga, desgostou-se e começou a abandonar

a arena. Não contente ainda, deliberou deixar o torrão patrio, não sabemos se em procura de novas glorias se da morte que havia de o fazer esquecer tanta ingratição...

Fosse como fosse, ahi por outubro do anno de 1895 abandonava Lisboa, em direcção ao Brazil, sem tenção de voltar a tourear no seu paiz, vindo a fallecer no Pará a 16 de setembro de 1899.



D. LUIZ DO REGO

Se o toureio a pé desde longa data vem atravessando grande decadencia, o de cavallo, porém, em todas as épocas tem estado florescente, sendo cultivado quer por artistas quer por amadores, alguns dos quaes da aristocracia, e todos o tem mantido de fórma a não poder notar-se o seu enfraquecimento; antes, pelo contrario, podemos mencionar que tem grangeado justa fama, até mesmo no estrangeiro, onde os cavalleiros portuguezes gosam da reputação de inexcediveis n'esta parte da arte tauromachica.

Um dos que mais concorreu para esse brilhantismo foi, sem duvida, D. Luiz do Rego, que descende de uma das mais illustres familias da sociedade portugueza.

Difficilmente elle esquecerá as provas de elevado apreço em que foi sempre tido na praça do Campo de Sant'Anna e na praça de Madrid, onde, em companhia de Tinoco, lidou touros em pontas, merecendo o mais entusiastico applauso nosso e dos nossos visinhos. Muitas vezes o publico ficava indeciso se devia n'elle admirar mais a sua coragem e conhecimento da arte tauromachica ou os seus poderosos recursos como cavalleiro, pelo modo como dominava sempre o corcel que montava, despertando a admiração e applauso ainda dos maiores entendedores, a maneira como subjugava o famoso *Leotard*, o seu favorito cavallo de combate.

D. Luiz do Rego executou com proficiencia todas as sortes do toureio a cavallo, algumas das quaes já haviam quasi cahido no esquecimento, e foi, tambem com Alfredo Tinoco, um dos cavalleiros contratados para inaugurar a praça da rua de Pergolèse, em Paris, em 1889. Tendo-se retirado do toureio pouco depois, foi geralmente sentida a sua falta.

O distincto toureiro, que conta actualmente cincoenta annos, nasceu em Lisboa

a 31 de agosto de 1859, foi o companheiro inseparavel, em tardes e épocas consecutivas, de Alfredo Tinoco. Ambos começaram como amadores, e ambos terminaram como artistas.

Depois que se retirou da arena, tem-se apresentado uma ou outra vez, simplesmente em corridas de caridade.

Francisco Carlos Batalha nasceu em Lisboa a 18 de fevereiro de 1841. Foi um cavalleiro valente até á temeridade.

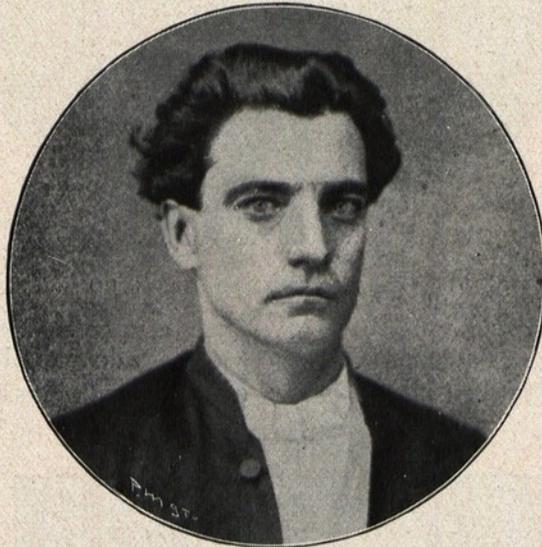
Conhecia as regras da equitação como poucos, sendo educado n'esta arte pelo professor Antonio de Figueiredo, a expensas do marquez de Castello Melhor. No toureio teve como mestre João dos Santos Sedvem, de quem recebeu as melhores lições, e que tinha verdadeira predilecção pelo discipulo.

Valente como era, essa qualidade fez-lhe crear um *partido* de admiradores tão numeroso como especial, que o idolatrava, frequentando simplesmente as corridas em que elle tomava parte. Esse pu-

blico era o do *sol*; e ás vezes tão fanatico se mostrava pelo popular toureiro, que ultrapassava os limites.

Certa tarde, por exemplo, em que toureava no Campo de Sant'Anna com Mourisca, e cabendo a cada artista dois touros, os seus amigos e admiradores não consentiram que Mourisca lidasse o segundo que lhe pertencia, exigindo que fosse toureado por Batalha! Apesar dos protestos, os partidarios de Mourisca não conseguiram fazer respeitar o programma!

Batalha foi um cavalleiro distincto, de recursos e muito saber, mas tambem immensamente infeliz. Póde dizer-se que durante o largo espaço de tempo que exerceu a sua profissão, mesmo depois dos cavalleiros começarem a ter cavallos proprios, nunca teve



FRANCISCO CARLOS BATALHA

um animal verdadeiramente para toureio. Em compensação, não tinha duvida em montar o primeiro que lhe apparecia, e sahír com elle á arena! E quantas vezes o fez! De muito lhe valeu, para isso, os raros conhecimentos que possuía da equitação.

Uma doença cerebral pôz termo á vida do infeliz artista a 7 de abril de 1882, na casa que habitava nas Escadinhas de São Lourenço.

*

José Maria Casimiro Monteiro foi um cavalleiro habilidoso e elegante, digno companheiro de Manuel Mourisca. Nasceu em Lisboa a 8 de abril de 1850.

Conscienciosissimo no seu trabalho, nunca procurando as palmas nos artificios mas simplesmente em fazer arte, todo o publico estimava e respeitava Casimiro Monteiro como a poucos, classificando-o de artista completo. Toureava muito *de cara* e aproveitava bem as *gaiolas*, e foi no seu tempo o cavalleiro que com mais precisão executou a sorte *á tira*.

Lidando a ferros curtos, acompanhava a opinião de Manuel Mourisca, o Mestre, empregando sempre um par de cada vez.

E' do conhecimento de todos o gosto que

possuía na apresentação das suas montadas, chegando a reunir quatro riquissimos apparelhos de cortezias, bordados a ouro e a prata: isto só prova o amor que mantinha pela sua arte querida, adorando a carreira que seguira e de que era apostolo fervoroso.

Como n'outro lugar dizemos, deve-se a Casimiro Monteiro a substituição dos antigos trajos de picaria, que os cavalleiros usavam, pelas vistosas e flamantes vestimentas de agora. Foi elle quem primeiro começou a usal-as, seguindo depois os outros o exemplo na adopção do trajo *á Marialva*, trocando as polainas pelas botas altas.

Casimiro Monteiro deixou de tourear ha muitos annos, em virtude da avançada idade e falta de vista.

*

Antonio Maria Monteiro foi um cavalleiro que teve algum renome, comquanto nunca chegasse a alcançar o grau artistico que na arte de Vimioso obteve seu irmão Casimiro Monteiro.

Muito destemido, chegando até a fazer alarde da sua valentia, Antonio Monteiro era dos artistas que annualmente mais corridas toureava.

Nas suas festas ar-



JOSÉ MARIA CASIMIRO MONTEIRO



ANTONIO MARIA MONTEIRO

tísticas conseguia sempre fazer uma revolução no meio, taes eram as idéas mirabolantes que apresentava no cartaz para chamar concorrência, sahindo-se geralmente bem succedido.

Antonio Monteiro nasceu em Lisboa a 13 de junho de 1850, vindo a fallecer de uma doença mental, no manicomio de Rilhafolles, a 5 de dezembro de 1888.

*

D'esse honroso grupo de cavalleiros que pisaram a extincta arena do Campo de Sant'Anna, é José Bento de Araujo actualmente o unico representante em exercicio.

Justamente consagrado pela critica e aficionados d'esse tempo, como ainda agora pelo publico que frequenta as nossas praças, José Bento soube sempre impôr-se pela valentia e desejos de agradar, salientando-se muitas vezes ao lado de collegas de superior categoria.

José Bento de Araujo obteve em todas as épocas grande popularidade, o que, junto aos seus meritos incontestados, fez com que alcançasse um bom logar entre os mais distinctos cavalleiros portuguezes.

(Continúa.)

Phots. da collecção Segismundo Costa.

Rijo como poucos, alegre na arena, possuidor de invejaveis faculdades apesar dos seus cincoenta e sete annos, pois nasceu em Lisboa a 16 de janeiro de 1852, José Bento é ainda dos toureiros que presentemente mais agrada e enthusiasma os publicos.

Como *piadista* é unico, fazendo ás vezes rir o publico a bandeiras despregadas, e correndo os seus ditos de bocca em bocca por largo espaço de tempo...

*

Augusto Calhamar Pinto e Silva, mais conhecido pelo *Pinta-*

silgo, embora alternasse com os cavalleiros mais antigos e de mais nomeada da sua época, nunca chegou a salientar-se. Entretanto toureou muito, quer em Lisboa quer nas praças da provincia, e principalmente na do Porto e Santarem, das quaes por bastas vezes foi emprezario.

Calhamar nunca teve cavallos de toureio: ou os alugava quando tinha que trabalhar, ou, em casos de grande aperto, recorria á primeira feira, onde comprava uma ou duas montadas, para logo depois as vender.

CARLOS ABREU.



JOSÉ BENTO D'ARAUJO



AUGUSTO CALHAMAR PINTO E SILVA





O punhal do Destino

(Continuado do numero antecedente)

CAPITULO III

No lago

John Jessop achou que a Russia era um mundo de maravilhas. Tinha vindo na qualidade de mestre proficiente da lingua russa para ensinar inglês ao filho do conde de Kriloff. Pavel destinava-se á carreira militar, e assim como o conhecimento do idioma russo é uma singular vantagem para todo e qualquer official inglês, do mesmo modo no país do Urso a lingua inglesa era e é de não menos valor para o militar.

O seu novo viver encontrava mais de um attricto e feria os sentimentos de humanidade do joven licenciado de Oxford, mil vezes por dia, mas um salario principesco e a necessidade de fazer pela vida concorreram a attenuar-lhe os remorsos da consciencia, a principio. E não obstante, as horas não lhe corriam fagueiras. De noite, os vigias nocturnos gritavam em redor do Castello de Kriloff, quaes môchos, e Jessop sentia-se como se estivesse vivendo numa cidade sitiada. O servilismo vil dos serviçaes causava-lhe engulho, e quando elle tratava com vulgar civilidade o pessoal, o discipulo punha-se a olhar para elle de olhos espantados, ou então, o conde censurava-o abertamente pelas suas perigosas demonstrações de sympathy.

O proprio Nicolai Kriloff revelou-se-lhe como um individuo grosseiro, de curta intelligencia e cheio de defeitos hereditarios. Era beberão, e quando já estava entre as dez e as onze, punha-se a entornar copo atrás de copo, brindando «o Knut» ou «a Siberia». Levava um viver em extremo solitario, por gosto, com predilecção pelos exercicios a ceu aberto, e pelas proezas de força physica e lances arrojados.

Havendo encontrado em Jessop um *sportsman* a par de um erudito, o conde affeicou-se-lhe, deixava-o caçar á vontade, e mais de uma vez lhe ordenou que deixasse em paz o menino Pavel e o estudo do inglês, pelo espaço de um dia, para entreter esse prazo de tempo na floresta ou a patinar na agua gelada.

Jessop era bom cavalleiro e sabia guiar um trem, atirava menos mal, e patinava com o sabido arrojo inglês, supposto lhe faltassem a destreza, o estylo e a gracilidade russianas. Durante esses dias de suéto o conde advertia o pedagogo do filho dos perigos dos seus principios liberaes, e ouvia com dissabor descripções de maneiras e costumes ingleses. Jessop, da sua parte, esforçava-se por encaixar o inglês na caximonia do menino Pavel, e debalde tentava fechar os olhos e o coração perante os actos de negra crueldade e de injustiça a que assistia a cada passo. Não estava á von-

tade, comtudo, e a consciencia não tardou em lhe ir fazendo umas feias perguntas.

— Mas não será possível fazer ouvir a esta gente grosseira a voz da razão? perguntou, um dia, a suggestão, porém, foi mal recebida.

— Não sabe o que está dizendo, replicou Kriloff, em tom de desprezo. — Raciocínios para esta manada? Era o mesmo que querer persuadir a lua nova a nunca vir a ser lua cheia.

No recinto do parque dilatavam-se varias lagóas artificiaes para recreio da vista, mas um lago natural, no coração do bosque de abétos, era sitio predilecto do conde, naquella estação do anno. Percorria-o na seleia, saboreando immensamente as suas correrias naquelle magnifico lençol de gelo, até se aborrecer. Ali proximo havia uma choça de pescador, onde dois criados não tinham mãos de medir, durante as occasiões em que o amo vinha dar o seu passeio.

Tratava um do samovar, o outro da confeição dos bolos quentes. Em certa noite de janeiro, o conde de Kriloff postou um cento de homens com archotes, estabelecendo um circulo de fogo em redor do lago, e ao fulgido clarão que desenhava cobras e restas de chammas a rutilarem no gelo, orlando com um reflexo rubro os sombrios pinheiros circunfusos, Nicolai Kriloff, o filho e Jessop patinavam solemnes dando voltas e viravoltas, ao passo que uns duzentos olhos sombrios lhes iam seguindo as evoluções, por baixo dos archotes, em profundo silencio. O professor, conhecendo o seu patrono e familiar com o facto de mais de um mujik, dos que estavam presentes, haver padecido crueimente ás suas mãos, maravilhava-se ante a ausencia de receio com que elle assim se collocava á mercê do inimigo, mas tinha ainda que aprender que o camponês eslavo, comquanto possa ter aspecto de tigre, na essencia apresenta muito mais afinidade com o animal a que chamam preguiça.

Entre os que erguiam no ar os archotes achava-se Stepan Trofimitch, e Jessop lembrava-se d'elle. Ao voltar sósinho pelo gelo parou ao pé de Stepan, e a pretexto de lhe pedir lume para accender o cachimbo, dirigiu-lhe umas breves frases.

— Chega-me o seu archote, amigo? Espero que já esteja bom da cara.

— Já estou optimo, meu senhor.

— Estimo, estimo.

— Ahi vae lume, meu paezinho. Não, que eu mereci as vergastadas. E' assim que o pae castiga o filho para seu bem.

Jessop ficou boquiaberto.

— Por Jove! exclamou. Visto que se declara satisfeito, mal me cabe a mim lastimá-lo.

— Tem razão, meu paezinho. Lastime antes aquelles que tem uns servos tão ruins. Desses é que deve ter dó.

A fisionomia inerte e os olhos injectados do mujik faziam lembrar uma esfinge, com a mesma expressão e a mesma vida que podia manifestar qualquer imagem talhada na pedra. O inglés assobiou e rodou por ali fora nos patins. Resolveu arredar da memoria o Stepan, mas dali a dois dias rememorou-se-lhe de modo nada agradável a existencia do camponês.

Sucedeu, pois, andando elle a patinar com o conde, naquelle silencio perfumado que reina nos pinheiraes, até no proprio inverno, tanto elle como o companheiro acharem-se a pique de perder a vida. Kriloff seguira até os confins da lagóa, e o inglés não lhe ia longe, eis que o outro, que levava a dianteira, olhando por acaso para uma balsa de caniços, distante umas cinco braças, feriu-lhe a vista o brilho acerado do cano de uma espingarda a luzir por entre as folhas.

Estacou com magica brevidade, e o haver parado de chofre foi a sua salvação, visto como, no acto de bater com os calcanhares, a explosão de uma caçadeira ecoou vezes repetidas na floresta, esfuziou do canavial um jacto de lume, e uma bala veiu despedaçar a pelle de castor no peito da pellica de Nicolai Kriloff. A bala, posta de infusão por Stepan desde a madrugada numa concha de agua benta, afim de voar mais certa, silvou a uma jarda de Jessop, e este, ao voltar-se, enxergou fumo a pairar acima dos caniços, entreviu de relance o vulto de um homem alto a escoar-se veloz por entre as balsas, e ouviu o conde levantar a voz, clamando, frenetico, já por elle já pelos servos que estavam na choça do pescador.

— Um assassino! Um facinora!

Bondade Divina! Uma polegada mais para a esquerda e era um homem morto! Monsieur Jessop! Ivan! Arkady! Elle lá vae a

fugir por entre os pinheiros. — Persigam-n'o, depressa! Mil rublos ao homem que o agarrar e m'o trazer vivo aqui.

Os serviçaes já tinham avaliado a situação e deitado a correr, ao passo que Jessop, cujos patins eram de aço e não se descalçavam com facilidade, assim que se viu livre d'elles, incorporou-se na montaria. Tomou a dianteira á criadagem, viu então um vulto alto, desingonçado, na sua frente, e correu a dar-lhe caça em carreira desapoderada. O Stepan Trofimitch, comtudo, apesar de ter arremessado de si a espingarda, não era homem para se medir na carreira com o nosso inglês. Em menos de cinco minutos Jessop avantajara-se-lhe umas trinta jardas, ganhando terreno a cada escanchada. Ao mujik não escapou esta circumstancia, e conscio de que outros lhe vinham na trela, desistiu de mais esforços para se escapulir, estacou e voltou-se para trás.

— Entrego-me, exclamou. O destino assim o quer.

— Entregas-te, malvado! Pudera não te entregares, offegou Jessop. E agradece á tua boa estrella se não fôres bailar a uma forca.

— Não, que elles não nos inforcam, respondeu o outro. Era uma morte misericordiosa demais.

Foram chegando os serviçaes, improvisaram umas algemas, e dali a dez minutos Stepan Trofimitch lá ia a caminho do castello de Kriloff com uma escolta de quatro homens. O conde cuspira-lhe na cara assim que o teve ao alcance, acapelando-o de promettimentos qual delles mais barbaro e de pragas e vituperios; todavia, no regresso á residencia, conteve-se na presença de Jessop e expôs-lhe as suas intenções.

— Temos luras para ratos daquella casta em Kriloff, e ali o mandarei encaixar até que dê parte ás autoridades.

— O Estado tomará conta deste desventurado? perguntou Jessop.

O conde Kriloff guardou silencio por instantes, e depois, respondeu:

— O Estado, pois então?

E não obstante, ao entrarem no castello por uma porta escusa, que abria para a floresta, o professor ouviu uma observação feita aos criados, Ivan e Arkady, que não era destinada a ser ouvida por elle.

— Levem-no para a masmorra, e que ninguém neste mundo saiba o que aconteceu ou que se acha aqui. Se a verdade transpirar, arranco-lhes a lingua a vocês todos.

CAPITULO IV

O knut

Aquella noite, quando Ashinka adormeceu, o clarão dos archotes abrasava as gelidas paredes de um recinto escondido nos alicerces do castello de Kriloff, e ali, três homens metiam a tormentos outro homem. Stepan Trofimitch soffria como só uma constituição de ferro podia soffrer e aguentar.

Administravam-lhe o knut com tremenda severidade, acorrentado n'uns grilhões ferrugentos, que se não haviam cerrado sobre carne humana desde a emancipação dos servos, e para ali o deixaram sósinho, estirado no lagêdo da gelida masmorra. O carcere tinha ingresso através de um alçapão aberto no tecto, donde se descia por uma escada de ferro.

Um espiraculo estreito aberto em talude na grossura da parede dava passagem ao ar exterior e a uma tenue claridade nas horas do dia.

A neve e a saraiva varejavam o interior, e o inverno já tinha enfiado uns dedos longos de gelo para dentro do ergastulo. Este era todo de cantaria, e as proprias fungosidades, lividas e semi-geladas, que vestiam as paredes, estavam recamadas de gelo. De dia, um clarão tristonho, crepuscular, contornava as traves do tecto baixo. Pendiam da parede uns fortes grilhões, e a um delles estava prêso por um circulo de metal cerrado em volta da cintura Trofimitch, como um cão de fila no canil. Ali, com um pedaço de pão negro, uma bilha de agua, e roupa sufficiente para o não deixar morrer de frio, jazia o desgraçado no extremo da tortura. Tinha as costas laceradas dos açoites, e os membros entanguidos de frio e de caimbras.

Uma pouca palha, nem tanto como um feixe, fôra espalhada no lagêdo afim de atenuar a gelida rijeza do chão.

John Jessop ignorava tudo isto, mas dali a dois dias, uma mudança nos modos do seu patrono dispertou-lhe surpresa e desconfiança.

O conde estava ausente horas e horas, e mais taciturno do usual. Bebia-lhe bem, todas as noites, e uma vez por outra referiu-se ao castigo reservado para seus inimigos. Com respeito ao Stepan Trofimitch, dissera elle ao professor que o assassino estava aguardando as autoridades, e duas manhãs a seguir manifestou surpresa por não ter vindo ainda a escolta para o transferirem de Kriloff. Ao mesmo tempo, insistia no pedido a Jessop de não abrir boca ácerca do assunto, a quem quer que fosse.

Uma manhã, comtudo, com grande espanto do inglês, veio á teia o assunto, por parte do menino Pavel, ás horas da lição. Também elle tinha conhecimento da secreta prisão de Stepan, e a tinha visitado. E agora, com gaudio infernal, narrou os actos de atrocidade, encobertos aos ouvidos do professor.

— Vou-lhe contar

tudo para o fazer rir, visto que foi o senhor quem o prendeu — aquelle cão queria matar o meu pae. Gostava de que o visse aos pulos, a esticar os grilhões, tal qual uma pulga muito grande. Mas como é coxo, só pode pular com uma perna.

— Mas por que é que elle pula? perguntou Jessop a sentir o sangue a subir-lhe á face, e voltando-se de lado para o encobrir.

— Pula que nem uma pulga, digo-lh'o eu. A cadeia tem seis pés de comprimento, meu pae planta-se-lhe fora do alcance, e vae-o zurzindo e vituperando até elle se ir

abaixo e tentar arrancar o lagedo do chão, com as unhas.

E eu, uma vez por outra, também lhe atiro a minha chicotada. Os olhos injectados quasi que lhe saltam da cara para fora e a mim dá-me vontade de rir. Se os soldados se demoram não é elle que dura muito tempo.

— E quando é que os esperam?

— Só meu pae é que o sabe. Aquella gentalha lá de Ashinka cuidam que o rato está morto. Ninguém suppõe que se acha aqui.

Aquella noite, Jessop, disposto a arrostar o perigo, fosse elle qual fosse, seguiu os passos do conde quando este sahio do bilhar, cerca de duas horas depois do jantar. Tomara a resolução, se acaso isso estivesse em seu poder, de investigar qual a situação do encarcerado, e, com a quasi certeza de que Nicolai Kriloff visi-



AHI TENS! TOMA LA!...

tava todas as noites aquelle desventurado, foi-se escoando escada abaixo pelos extensos corredores, ao clarão da vela que ia na dianteira. Dormia tudo no castello, e Jessop apenas receava que lhe sentissem as passadas. Tal não succedeu, comtudo, e atentando bem no caminho percorrido, o mancebo foi andando com toda a cautela. Até que, num angulo abrupto, depois de haver descido inumeros lanços de escada, ouviu parar o conde e viu-o ajoelhar, deitar ambas as mãos a um argolão de ferro, e puxar para si o alçapão. A pesada tampa da masmorra caiu no chão com fragor, e Kriloff, pegando no castiçal,

desceu a escada e encontrou-se frente a frente com a sua preza.

O nosso inglês, á escuta cá em cima, ouviu um gemido e uma gargalhada. Depois, á voz do prisioneiro, estridula, no silencio da noite, a subir da cava, e Jessop, rojando-se até a abertura, pôs-se á escuta.

— Em nome do Ceu, põe termo á minha miseria! Eu quis matar-te, mas não ás polegadas. Tem dó dos tormentos da fome e do frio, que me alanceiam, e destas carnes laceradas.

— Vil rebutalho da vida! Até que te does, e ganas para ahi como um cão que és! Colhe o que semeaste, Stepan Trofimitch. Não receies que eu te roube a morte a que tens jus. Mas só has de morrer quando eu quiser e o julgar conveniente, e não por teu alvitre. Até lá ensinar-te-ei ainda umas prendas para leares para o outro mundo. Salta, cão, dança!

Jessop ouviu restralar um chicote, uma cadeia a ringir com violencia, e um berro de dôr.

— Uiva, lobo que querias estarrinçar-me a guela; uiva e range os dentes! Assim mesmo! — Que haverá que não mereça o homem que tentou assassinar seu amo?

— Se és um homem e não um demonio,

entrega o caso ao juizo dos homens! O ente mais infimo tem direito á justiça! Em nome da tua salvação, entrega-me á justiça, e ella que faça de mim o que intender.

— Espera por isso, amiguinho; para ti a justiça sou eu. Quem melhor do que eu avaliará o que mereces? O nosso codigo penal ignora a pena de morte, e desperdiça pão ás toneladas com uma cáfila de sevandijas que melhor estavam debaixo da terra. Não consinto que me levem para a Siberia o meu urso bailarino. — Ahi tens! Toma lá! E' para aqueceres esta noite!

Ouviu-se um rugido furibundo, tal qual o de uma fera raivosa, e o tilintar de ferros patenteando que o desgraçado tentava despedaçar os grilhões.

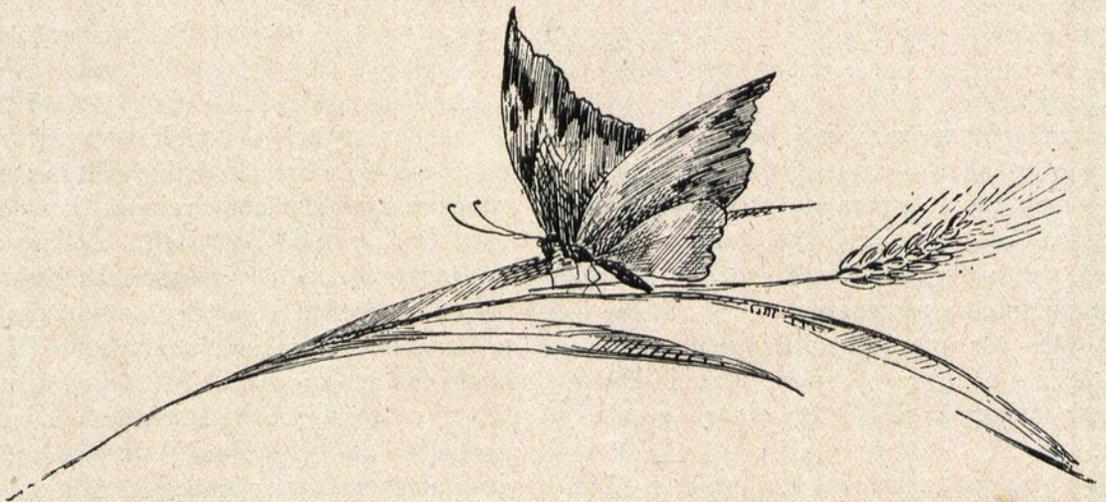
E o conde, á gargalhada.

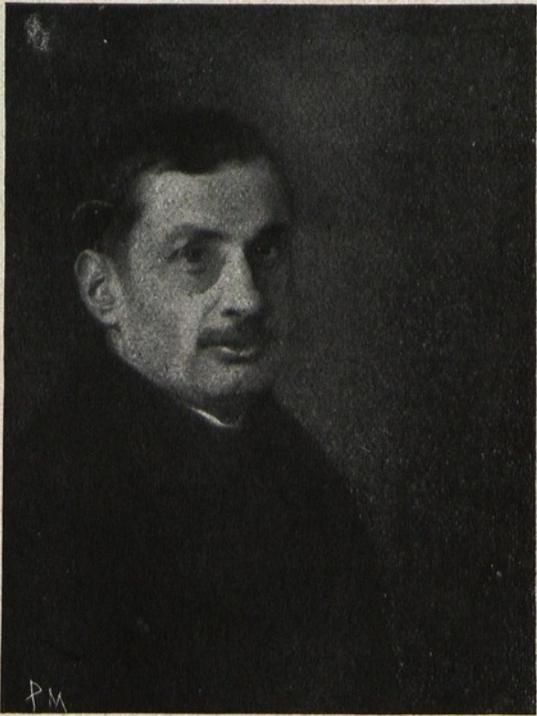
— A ferrugem tem comido esses grilhões um tudo nada, mas ainda assim, são rijos o bastante para prender patifes como tu. Mais depressa farás desabar-te o castello de Kriloff em cima do toutiço do que arrancar esse argolão da parede. Passa bem, até ámanhan.

Gemeu a escada e Jessop escoou-se nas revas. Tinha estudado atentamente o caminho, e quando o conde voltou ao bilhar já ali o encontrou.

(Continúa.)

Versão do inglês de MANUEL DE MACEDO.





QUADRO DE ANTONIO CARNEIRO

Louvor do Ar



(EXCERPTO)

... Muitas vezes o Ar é tragico ... E ha dias
Em que, preñhe de força, inquieto de energias,
Ardente e poderoso,
Traz-nos ao sangue quente o desespero, o gozo
De lutar, de vencer, de matar combatendo.
Ah! seguir simplesmente este ideal que accendo
Dentro do coração ou diante do olhar.
Não ver mais nada, ser uma seta a voar
Para um alvo constante, um desejo fiel!
Calcar aos pés quem o macule, ser cruel
Para quem, sob a marcha altiva da corrida,
Morre e julga talvez que tem direito á vida!
Beber a agitação que no silencio paira,
Ter a febre que exalta, a ambição que desvaira,
E quando a tempestade estalar, uivando,
Relampejando, trovejando, soluçando
No seu desatinado e pánico alvoroço,
Sofrea-la, a espumar, como um cavallo moço
Cujas redeas de fogo apertamos na mão,
E por que é sempre fraco o sonho mais divino
Ante um destino adverso ao nosso coração,
Brandi-la, despenha-la — e esmagar o Destino!

Assim o Ar nos alucina e exaspera,
Ar tragico, onde a vida é aspera e severa,
E tão forte que lembra o receio da Morte!
Depois, como se a alma acaso não comporte
Um desejo tão grande, um amor tão fremente,
Como se fica doloroso e descontente ...
Mas ao menos viveu-se uma hora completa,
Foi-se claro e viril, foi-se heroe ou poeta,
E fez-se ouvir emfim, invioladamente,
Sobre a Terra, que a vence, e as mentiras, que a somem,
Essa contida voz da anciedade do homem!...

Setembro de 1909.

João de Barros.



A disciplina escolar e o castigo

I

Disciplina e educação

Os psychologos e os pedagogistas modernos, quando tractam de castigos, affirmam, em regra, que *elles não educam*.

Essa conclusão produziu uma corrente contraria á applicação do castigo. Se a escola tem por fim educar, e o castigo não educa, para que serve elle? Deve eliminar-se da escola, pelo menos, como inutil.

No entretanto essa guerra ao castigo é injustificada, e deriva da lementavel confusão de dois termos: *disciplina* e *educação*.

Os discipulos de Herbart (Roehrich) parece terem collocado a questão em termos. Comprehenderam que o castigo não se dirige directamente á *educação*; o seu fim é a *disciplina* na escola.

E distinguem com cuidado a educação e a disciplina.

A disciplina refere-se ao comportamento do alumno na aula. Tem por fim reprimir e punir a desobediencia, a falta de respeito ao mestre, á escola e aos regulamentos escolares, e o abuso do poder e da força exercida contra os camaradas. Caracterisa-se pois pela exterioridade da sua acção. Attende ao presente e não ao futuro da creança, e está subordinada ás circumstancias do momento.

Outro é o caracter e o fim da educação. Propõe-se formar o caracter, actua sobre o

espirito e a alma do alumno, tende ao desenvolvimento da intelligencia, do coração e da vontade.

A educação forma o caracter, operando sobre a alma; a disciplina procura obter a ordem exterior, necessaria para o conseguimento daquella.

Portanto, sendo differentes os fins, differentes são os meios. O castigo pode não produzir effeito, quando com elle se pretende educar; mas dá resultado, quando com elle se pretende disciplinar. E, dando resultado, qual o castigo que mantem a disciplina, sem preverter a educação?

II

Necessidade da disciplina

A actividade infantil é naturalmente turbulenta e desordeira. A creança não domina nem reprime as suas inclinações naturaes hereditarias e adquiridas. Não se moderando essa turbulencia instinctiva, reinaria a desordem na escola e na familia. A acção do mestre seria impossivel e a educação não se daria.

E' este um facto que todos conhecem por observação pessoal.

Além disso já desapareceu a crença de que a creança é naturalmente boa. Pelo contrario as suas tendencias são em regra contrarias ao livre desenvolvimento do estado normal.

Por conseguinte aos pais e aos mestres compete primeiro que tudo restabelecer a ordem exterior na familia e na escola, moderando e reprimindo a actividade infantil, sempre que o reclamem os interesses do ensino e os da propria creança.

E' esse o fim da disciplina. Mas os castigos disciplinam?

III

A disciplina e os castigos

Não falta quem condemne absolutamente os castigos, quaisquer que elles sejam. A disciplina deve conseguir-se pelo amor, pelo affecto e pela caridade.

E Tolstoi chega a excluir da escola a disciplina, porque disciplinar e educar é função da familia. O fim da escola para o grande revolucionario russo é *instruir* a creança, quando *ella queira instruir-se*.

A doutrina de Tolstoi no estado actual pelo menos é inaceitavel. A sociedade impõe á escola a obrigação de educar e de instruir. E, competindo-lhe essa função, forçoso é reconhecer que deve disciplinar.

Que os castigos disciplinam, é um facto incontestavel verificado pela observação de todos os dias. Sempre que se constitue uma associação de homens, adopta-se o castigo como meio disciplinar para corrigir faltas e desmandos. Pode a forma do castigo variar; mas com elle a associação não consegue os seus fins.

Disciplinando, o castigo educa indirectamente. No principio é penoso para a creança reprimir-se. Com o tempo esse estado penoso desaparece ou atenua-se. Supprime-se assim a manifestação prejudicial da actividade, e adapta-se o individuo mais perfeitamente ao meio e ás circumstancias em que tem de viver. Ora educar é crear inclinações e habitos que preparam o homem para uma vida mais intensiva e mais expansiva.

Mas esse resultado é só *indirecto*, porque o fim do castigo não é educar, mas disciplinar.

IV

Os castigos na legislação escolar

Na pedagogia acceita-se a necessidade do castigo para obter a ordem e a obediencia. Mas existem divergencias quanto aos

meios que devem empregar-se. O delicado e amavel Guyau chega até aos castigos corporais; d'Amicis não vai além da expulsão da escola. Locke, apesar de inglês, recordando as violencias dos seus mestres, condemna os meios disciplinares rigorosos e energicos, por que humilham a creança, e tornam-na servil, dissimulada e hypocrita.

Modernamente ha quem defenda a doutrina de Locke, appellando para os meios disciplinares suaves, e reputando perigosos todos os outros. A questão é delicada pela facilidade de se confundir disciplina e educação. Esquece-se que o que pode servir para educar, é muitas vezes inutil para disciplinar e reciprocamente.

Quaes os castigos que, disciplinando, não affectam nem prevertem a educação?

O que é certo, é que a disciplina é absolutamente necessaria; e, para a conseguir, não se deve recuar perante os meios reputados indispensaveis.

As nações latinas aboliram dos seus regulamentos escolares o castigo corporal, e só admittem como meios disciplinares a que o professor pode recorrer, os seguintes: a *admoestação*, a *reprehensão*, a *privação do recreio*, a *detenção na escola*, a *suspensão temporaria de frequencia*, e a *expulsão*.

A suspensão e a expulsão applicam-se só aos casos de *excepcional gravidade*. Quais são esses casos? A falta de respeito ao professor e á escola? Offensas aos companheiros? Nenhuma dessas faltas parece um motivo sufficiente que justifique a adopção de medidas tão graves.

Applicam-se essas penas aos que pela sua má conducta se mostram *refractarios á acção educativa da escola*?

Mas elles não podem influir em creanças com tal organização. Geralmente não comprehendem por que é má a sua conducta, e porisso não reputam justa a medida tomada contra elles.

E com que direito se expulsam da escola os que mais precisam da educação? Os partidarios dos castigos corporais aproveitam este facto para justificar a necessidade de introduzir novamente na escola esses processos disciplinares.

Todavia se o alumno é refractario á

acção educativa da escola, não serão os castigos corporais que poderão exercer sobre elles influencia efficaz.

Por outro lado não se deve conservar na escola o alumno com tais tendencias, por que essa conservação representaria um grave prejuizo para todos os camaradas.

Comprehendendo tal situação, os países cultos saíram da difficuldade creando os cursos de anormais.

A *detenção* na escola e a *privação do recreio* deveriam ser abolidos. O recreio é necessario quer como descanso do trabalho da classe, quer como medida hygienica. Alem disso contraria-se a natureza infantil, sempre disposta ao movimento e ao exercicio, e prejudica-se o organismo do alumno.

O mestre que os usar, só o deve fazer em casos muito raros, e quando sejam a consequencia logica das faltas commettidas, isto é: a *detenção*, quando o alumno entrou mais tarde na aula, e a *privação do recreio*, quando o alumno não fez em casa os exercicios dados pelo mestre.

Todavia o mestre privado d'outros meios de correcção usa desses castigos fóra dos casos designados, o que é mau systema, porque a creança não vê a relação entre a pena e a falta commettida; e o fim desejado só se alcança, quando essa relação é percebida, isto é, quando se sente a justiça do castigo.

Nos nossos institutos de ensino estiveram em uso os *pensums* que creio terem desaparecido das nossas escolas. Todavia na Allemanha e na França tem se usado com frequencia desse processo selvagem de castigo. Numa e noutra nação começou uma campanha activa contra o emprego desse meio disciplinar. E o Ministerio da Instrucção Publica em França reprova-o em absoluto, admittindo apenas como *pensums* os exercicios destinados a corrigir as faltas commettidas, ou a rectificar os erros de calculo.

Quando a surmenage está preocupando todos os que se interessam pelo ensino, o uso dos *pensums* chega a ser brutal. O que lucra o alumno quando o professor o obriga

a escrever muitas vezes a mesma phrase? Basta o simples senso commum para eliminar das escolas tal systema.

V

Os castigos corporais e a pedagogia

As nações germanicas e anglo-saxonicas conservaram os castigos corporais nas escolas; mas reduzem-nos ao minimo, e tentam prevenir os abusos por uma regulamentação severa.

Fitch, numa conferencia feita na Universidade de Cambridge, disse: «O castigo do corpo por certas faltas é o castigo disciplinar da Natureza. Não humilha as creanças de pouca idade, nem está em desaccordo com o desenvolvimento mental e moral. Não é o castigo que humilha, mas a falta.»

Admittindo porem os castigos corporais, como «ultimo recurso do mestre», reserva-os só para casos de excepcional gravidade, «para castigar os vicios, para punir actos moralmente degradantes». Por gosto o professor inglés nunca consentiria os castigos corporais, e muito menos a sua systematização. Tolera-os como um *mal necessario*.

Nesta defeza dos castigos corporais está a sua condemnação. Recommenda aos mestres que nunca imponham esses castigos sob a influencia da paixão ou da colera. Mas como conseguir do professor essa serenidade e essa frieza? E, quais os vicios e os actos degradantes que é preciso punir com elles?

Na impossibilidade de resolver esses casos não permite a «existencia de nenhuma lei exterior que limite neste ponto a auctoridade do mestre».

E os abusos?

Herbart, o eminente pedagogista allemão, não crê que seja possivel renunciar completamente aos castigos corporais, mas quer que «sejam applicados raras vezes, pois que devam influir mais pela possibilidade da applicação do que pela propria applicação».

Roerich, discipulo de Herbart, referindo-se aos castigos corporais, diz que quizera não ter necessidade delles, mas que «parece difficil abolí-los completamente nas localidades onde a rudeza dos costumes oppõe á disciplina difficuldades invenciveis».

Vê-se pois que a escola herbartiana, se bem que acceita os castigos corporais, como ultimo recurso, tem mêdo de os aconselhar claramente, e queria não ter necessidade d'elles. E acceitando-os, deseja que elles influam apenas *pela possibilidade da applicação*.

Essa hesitação provem dos abusos a que esses castigos dão origem, e de que elles, disciplinando, prevertem a educação do alumno.

Alexandre Bain, illustre psychologo inglês, concordando em que a palmatoria e a vara inspiraram em todos os tempos um terror salutar, mostra-se um pouco sympathico a essas penas. «Os castigos corporais, quando a lei os sancione, *devem vir no fim da lista.*»

Accrescenta que ha castigos, como os *pensums*, a detenção na escola, a privação do recreio, mais intoleraveis do que a palmatoada e a varada; mas nenhum, como o castigo corporal, é *mais susceptivel de abuso nem tão embrutecedor.*»

Bain ainda observou o principal inconveniente educativo dos castigos corporais, quando diz que «o menor delles deve ser considerado como uma verdadeira *deshonra* para aquelle que o applica e para aquelle que está obrigado a presenciá-lo».

A psychologia infantil não é conhecida. Prematuro é pois tentar formular um systema de castigos escolares. Ha elementos para justificar a condemnação de alguns, como são os *pensums*; mas falham para organizar um systema scientifico de disciplina escolar.

Devem condemnar-se os castigos corporais? Resposta difinitiva não se pode dar ainda no estado de empirismo em que se encontra a psychologia e a pedagogia. Mas

o mais prudente será mantêr a condemnação, pelo menos provisoriamente. Ha um argumento a que se não resiste, é o *abuso*. Na Prúscia o governo, sob a pressão da opinião publica, viu-se forçado a pronunciar-se severamente contra o abuso dos castigos corporais. E regulamentou de tal forma a applicação desses castigos que podem considerar-se como abolidos de facto. A applicação constituirá uma excepção muito rara.

Verifica-se ainda que os que defendem os castigos corporais, se vêem seriamente embaraçados, quando pensam na forma de reprimir os abusos; sentem a necessidade duma regulamentação severa e apertada; reconhecem que não é facil punir as infracções do mestre.

Com tal regulamentação e com tais cautellas, o mestre deixará de os applicar, como fará no futuro o professor prussiano, obrigado a communicar aos seus superiores e a justificar todas as punições que impõe.

O problema porem da disciplina escolar só terá uma solução positiva, quando a pedagogia assentar em bases solidamente scientificas, e quando as familias comprehenderem que devem cooperar com o mestre na obra educativa da escola.

Na Inglaterra, o país classico dos castigos corporais, foi Locke no seculo xvii o primeiro que contra elles se revoltou. Actualmente os ingleses ainda os não aboliram por completo, mas reduziram-nos ao minimo; e, como o aconselhava Locke, reservam-nos para os casos de obstinação irreductivel. Em todo o caso previne-se o abuso por uma regulamentação minuciosa.

Vê-se pois que a tendencia não é para o restabelecimento dos castigos corporais, mas para a sua abolição completa. As nações latinas adiantaram-se neste ponto ás nações germanicas que reconhecem presentemente a necessidade de limitar a applicação desses processos disciplinares, por forma que se podem dizer de facto supprimidos.

MARQUES MANO.





Queremos marinha de guerra



SOBRE a defeza maritima de Portugal um collega d'esta cidade, a *Illustração Portuguesa*, publicou ha dias um artigo que, diz o seu auctor, não teve outra intenção que não fosse attrahir o interesse e a attenção do publico para aquelle problema, que classificou de vital para a nossa nacionalidade.

De ha muito que estamos acostumados a advogar a causa da marinha de guerra portugueza, que carece de uma absoluta e completa reorganisação, não só no que respeita á constituição da armada, como pelo que importa aos estabelecimentos e instituições que com ella se ligam e são seus auxiliares ou complementos.

N'estas circumstancias, não seremos nós que deixaremos de corresponder ao appello do collega, e, envergando a nossa armadura, nos aprestamos para o combate, porque entendemos ser um dever de bons patriotas, e á luz da historia, virmos para a estacada pelear com denodo, contra os infieis que persistem em não olhar para os mais vitaes interesses do paiz.

Basta lançar os olhos para um planispherio, onde esteja representado o territorio metropolitano, os seus dominios e os paizes de colonias portuguezas de livre immigração, para nos convencermos de que, acima de tudo, é indispensavel e de uma urgente necessidade possuirmos, como elemento primordial da nossa defeza e do prevaecimento da nossa alliança, uma armada adequada á nossa situação internacional e que possa attender e manter esses dominios, valorisando-os como bases de operações e pontos de apoio, garantindo essa alliança que deixará

de ser gravosa tutella, para ser incomparavel e mutuo auxilio.

Effectivamente, apesar de muito havermos perdido dos nossos dilatados dominios, ainda conservamos, talvez por insufficiencia de conhecimentos dos que os retalharam, excellentes posições no Atlantico e no Indico, cujo valor os nossos homens publicos nem sequer ainda comprehenderam, não sabendo por consequencia retirar da nossa situação internacional o partido a que temos o maior e mais completo direito.

Essas posições, devidamente preparadas, armadas e bem fornecidas, são de um inestimavel apreço e por si base de um tratado de alliança completa com a Inglaterra, que teremos de fazer, ou pelo menos de renovar por meio do conveniente instrumento diplomatico, previamente bem ponderado, porque boas palavras e melhores promessas de nada valem.

A unir essas posições, essas partes do Reino de Portugal, escrevia-se em 1906, no numero de agosto da *Revista Portuguesa Colonial e Maritima*, «a unica estrada é o mar, que une tambem todos os continentes, e para percorrer esse vastissimo traço de união não existe outro meio senão o da navegação, e para que esta se faça são precisos os navios. Navios de commercio para realisarem o trato mercantil de uns para outros territorios, entre as proprias colonias e entre estas e a metropole; navios de guerra para policiarem, protegerem e defenderem aquelles, garantindo a autonomia a esses territorios, onde a raça portugueza e a sua descendencia exerce a sua actividade».

Pela falta d'estes meios de protecção e de defeza temos bem frisantes exemplos, até re-

centes, de retaliações de territorios, como os de Suafu e Kionga.

E se, entre as posições apontadas atraz, existem as de alto coefferente estrategico, torna-se mais necessario, indispensavel mesmo, collocal-as na situação de se poderem devidamente utilizar, sob o ponto de vista militar naval. Os depositos de abastecimento

deveras pesadas, difficuitando-lhes os movimentos.

No Atlantico norte, centro onde se pódem derimir graves questões navaes, possuimos magnificos pontos de appoio para a armada nacional e para bem servirmos a nossa aliada. E', porém, preciso, como alludimos, valorisal-os, municiano-os e defendendo-os



O POLYGONO ESTRATEGICO LUSO-INGLEZ NO ATLANTICO NORTE

geral, os meios de reparação maritima e os de defeza efficaz, são tudo o que de mais sensato existe para o auxilio do que se chama o dominio do mar. Navios de esquadra, sem estas bases devidamente municiaadas, seriam quasi uma inutilidade, ou então as esquadras deviam acompanhar-se de navios depositos de mantimentos e de carvão, navios hospitaes e navios officinas, o que as tornaria

com obras de effiçencia fixas e moveis. Esses pontos são constituídos pelo porto de Lisboa, pelo da Horta e pelo de S. Vicente de Cabo Verde,

Se, na hypothese que desejaremos ver confirmada pelo diploma internacional a que acima fizemos referencia, de aliados da Inglaterra, combinarmos aquelles tres vertices com os de Plymouth e Halifax, teremos um po-

lygono estrategico luso-inglez de um preponderantissimo valor, a que não será extranho Gibraltar.

N'esta rede estrategica os Açores teem uma importancia capital, e Lisboa será um centro de operações de grande magnitude. Isto é, são dois portos portuguezes que, só por si, são penhor da nossa alliança e a sua maior garantia, quando se dotem convenientemente com as defezas fixas e moveis que a sciencia e a estrategia aconselham.

Não faltam a um e outro lado do Tejo, junto da sua foz, as situações que a orographia do terreno indica para a construcção de baterias de peças de furar couraças e de morteiros raiados, para atirarem sobre os navios inimigos que pretendam forçar o Tejo.

As baterias de Alpena e da Raposeira, devem desalojar a esquadra que, ao sul do Bugio, pretendesse bombardear a parte occidental de Lisboa; mas, para que tudo isto se faça, urge que o artilhamento de todas essas obras seja apto para bater esses navios de fortes couraças e de poderosa artilharia e que o serviço das baterias seja eficiente em justeza de tiro; o que sem pratica se não adquire por maior que seja a pericia dos officiaes.

E será só isto o indispensavel?

Decerto que não!

As defezas submarinas, fixas e moveis, são igualmente necessarias, como são preciosos os torpedeiros, os *destroyers* e os couraçados de defeza.

O que se diz para Lisboa exige-se, guardadas as devidas proporções, para os demais pontos de apoio a nosso cargo.

A conservação d'estes pontos de apoio, só por si, impõe a necessidade de mantermos uma marinha de defeza activa, e a nossa alliança com a Inglaterra não menos o impõe tambem, porque para ella, que tão vastos dominios tem a defender, tão extensas

linhas de communicação commercial a proteger, seria um encargo a mais, se ainda tivesse de, a nós mesmos, nos vir egualmente defender.

Em tal caso decerto nos abandonaria, pois lhe corria o dever de primeiro se defender a si propria.

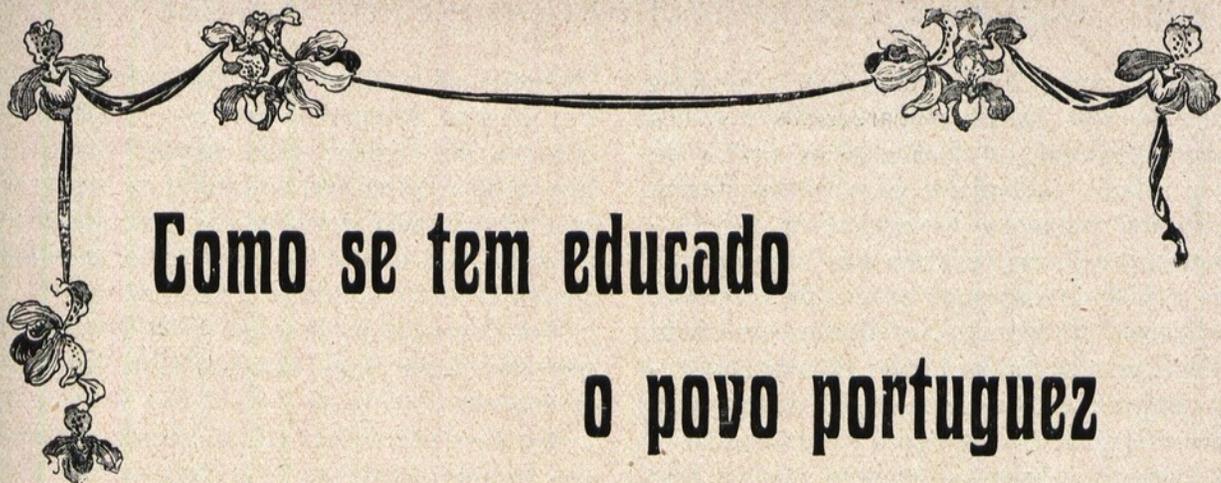
Suppôr que não necessitamos de marinha de guerra, por que a Inglaterra nos hade socorrer, é pôr-mo-nos n'uma situação que a historia do nosso paiz, de tantas tradições e feitos maritimos, aos quaes deveu a sua grandeza, não póde consentir.

Volvamos os olhos para o passado em que fomos grandes e respeitados, exactamente por que possuimos uma marinha activa, e lembremo-nos que é assombrosa a extensão maritima das nossas colonias, recheadas dos mais bellos portos do mundo, alguns dos quaes são hoje testas de linhas ferreas de grande penetração continental e que, perante os perigos que impendem sobre o nosso torrão metropolitano, não devemos hesitar em applicar, de preferencia mesmo, á marinha de guerra, de que tanto carecemos, as verbas para a sua reorganisação.

Mas que isso se faça com o attento estudo de um plano para a sua reconstituição, assentando-se no que ella deva ser e para que a queremos, encarando o problema em face da nossa situação internacional, das nossas necessidades do paiz colonial e de grande fornecedor de mão d'obra para os paizes da America. Das colonias, principalmente das do Oriente, e com estes paizes, é que nos pódem surgir difficuldades, para que precisamos de estar preparados.

Não termos sequer, ao menos, uma unidade naval que seja, para apoiarmos uma simples reclamação diplomatica, é uma situação deploravel e humilhante de que urge sahir e para o que appellamos para o coração e energica vontade do povo portuguez.





Como se tem educado o povo portuguez

A SOLUÇÃO D'UM GRAVE PROBLEMA

I

Os antecedentes da instrucção popular

A instrucção primaria em Portugal ainda hoje não cede a um plano preestabelecido e grande, com um alto e reflectido fim. A sociedade portugueza não creou um ideal conducente a um destino ou fim sufficientemente apprehendido.

A ideia da educação integra e democratica das nações é relativamente nova (1). A civilização classica pôde crear historiadores didacticos como Herodoto ou Tito Livio, poetas como Homero ou Vergilio, oradores como Demostenes ou Cicero, philosophos como Aristoteles ou Marco Aurelio. Mas para elles a humanidade não vivia una e evolucionaria pela democracia e pela liberdade, pela instrucção popular e pela correlação dos espiritos. O christianismo chamou ao espirito de caridade e fraternidade todos os povos; mas com o idealismo theogonico não tratou de resolver os problemas economicos da producção e do consumo da riqueza; não cuidou em resolver os problemas politicos da soberania das nações e da organização dos Estados; não cogitou na solução da educação integra dos filhos de Deus, como Jesus Christo aliás chamou a todos os homens, sem distincção de sexos, de castas, de nações ou de classes (2).

Foi todavia a civilização christã a origem da democracia moderna e das escolas pedagogicas que preconizam o ensino popular, só vulgarisado depois de Pestalozzi. Realmente os chinezes e os indios, os egypcios e os arabes, como os gregos e os latinos, conheceram as vantagens da instrucção e reconheceram a necessidade da educação. Mas viveram fragmentados em castas, em familias, em *clans*, e só os privilegiados entre elles sabiam ler. Os sacerdotes, para conhecerem os livros sagrados, careciam da habilidade de saber ler. Os outros não tinham tal necessidade; eram pastores, caçadores e agricultores. O commercio trouxe a necessidade de saber ler e escrever (1).

Foram os iberos e os seltas pouco propensos a fixarem-se á terra; depois tambem os mouros, os godos e os arabes tenderam á vida associativa com prejuizo da educação do *Self-help*.

No seculo XII, quando se foi constituindo a monarchia portugueza, quando a população se foi fixando em aldeamentos juncto ás quebradas das montanhas, nas planicies fertes, na proximidade dos cursos fluviaes, juncto ao melhor littoral, sob a protecção d'um convento, ou d'um barão enforçado e capataz, o povo portuguez viveu muito da liberdade tradicional, como os homens das ilhas britannicas, mas não careceu de saber ler e escrever. Os padres é que em regra mantinham o monopolio do abecedario, como

(1) ARCHINARD — *Histoire de l'instruction publique dans le Canton Vaud*.

(2) SAFFROY ET G. NOËL — *Les écrivains pedagogues de l'antiquité*.

(1) THERY — *Histoire de l'éducation en France depuis le V siècle*.

meio de ler os livros religiosos, e só mais tarde é que foram apparecendo notarios para redigirem os foraes e os titulos de propriedade, os legistas para interpretarem o direito romano e wisigotico; os commerciantes para escripturarem nas feiras o trafico registado nas suas bancas de mercado.

Com os professores ambulantes, da idade média; com a fundação das escolas de Carlos Magno; com a criação de seminarios e universidades; com a época da navegação e da conquista; com o contacto dos arabes; com o apparecimento das industrias transformadoras e transportadoras, — a arte de saber ler e escrever foi-se generalizando, foi passando dos sacerdotes para os jurisconsultos, para os trovadores, para os commerciantes e para os industriaes (1).

Com a reforma protestante, com o livre exame dos livros sagrados, de que resultou para os christãos a necessidade de saberem ler, crearam-se escolas primarias na Allemanha, na Gran-Bretanha, na Suissa e na França, protegidas pelos propagandistas religiosos. Os catholicos, para se opporem aos jancenistas e aos protestantes, e principalmente os jesuitas e os dominicanos, chegaram a formular principios de pedagogia, que punham em pratica nas escolas mais ou menos sectarias.

E' antiga a concepção pedagogica de que a instrucção é um meio de educação para levar os alumnos a um fim. Ora como o fim do homem é diverso conforme as varias concepções, d'ahi as diversas escolas pedagogicas.

Para os crentes como S. Thomaz d'Aquino, como S. Ignacio de Loyola, a felicidade não se encontra na terra, e para estes a instrucção visa ao fim de educar o homem para o céu.

Os jurisconsultos como Pufendorff e Hugo Grocio, alargaram o ambito da actividade humana, e prepararam as escolas leigas que na idade média já se debateram com a pedagogia mistica. Modernamente os sectarios da instrucção educativa, como Herbart, os proselytos da instrucção intuitiva classica, como J. J. Rousseau, os defensores da pedagogia experimental como Mosso, os preconisadores da pedagogia negativista como

Tolstoï, todos elles defendem a instrucção das classes populares, por meio do conhecimento das coisas, para educar todos os que podem trabalhar, no intuito de preparar uma democracia cosmopolita que conquiste a maior felicidade na terra, pelo trabalho socializado, consciente e livre (1).

Em Portugal os problemas da instrucção popular tem sido lamentavelmente descurados.

Desde o seculo XII até ao seculo XV poucos foram os que em Portugal sabiam ler, e menos os que sabiam escrever. Com a época das descobertas diminue o numero dos analphabetos. Até ao seculo XV só sabiam ler e escrever os padres, os legistas, os conventuaes e o numero restricto dos profissionaes da copia e da escripta em pergaminho com pennas de pato. No seculo XVI as viagens da navegação e da conquista augmentam, pela necessidade e pela imitação, o numero dos que sabiam ler e escrever, e não é raro então que homens do povo registem pela escripta em estilo chão as impressões das suas viagens através do mar tenebroso.

Mas o misticismo e a molleza dos seculos XVII e XVIII tornaram a arte da leitura e da escripta um meio de conhecer os devocionarios e de escrever jaculatorias ou glosas de motes ingenuos.

O mestre escola fôra o frade, depois o clero secular ensinou nas parochias a ler o catecismo por processos da pedagogia dos jesuitas hespanhoes (2).

Ao iniciar-se o seculo XIX não havia escolas primarias no paiz capazes de nos tornarem aptos para acompanhar o movimento popular que se accentuou com a revolução franceza. Só se estudava para desembargador, para frade e para escrivão dos dizimos. As artes e officios aprendiam-se na industria caseira, e por isso, quando os doutrinarios de 1820, aproveitando-se do dessoramento das classes dirigentes, puderam reunir-se a fazer rhetorica nas constituintes de 1821, só se tratou de formar mais douto-

(1) COMPAYRÉ — *Histoire de la pedagogie*. — DAGUET — *Le Peré Girard et son temps*. — GAUFRES — *Horace Man*.

(2) A. HERCULANO — *Historia de Portugal*. — REBELLO DA SILVA — *Historia de Portugal nos seculos XVII e XVIII*. — GAMA BARROS — *Historia da administração publica em Portugal*.

(1) PAROZ — *Histoire de la Pedagogie*.

res metaphisicos, de crear escolas sem um fim pratico.

Não souberam os agitadores do periodo de 1820 a 1834 procurar o filão historico e tradicional do povo portuguez, que é democratico por indole, liberal por impulso e disciplinado por habito. Crearam assim fórmas legaes antagonicas com o dynamismo da nação. D'ahi o grande desequilibrio em que temos vivido. Não se pôdem crear formações sociaes novas para os povos; estudam-se as existentes, e desenvolvem-se (1).

II

Dados estatísticos sobre a instrução primaria

As escolas primarias em Portugal existiram até ao seculo xv como cursos de misteres accessorios, occasionaes e raras; depois as novas necessidades sociaes, com os methodos de leitura dos jesuitas e de Barros, crearam o mestre escola, adstricto ao serviço de Deus, estranho á educação pratica e integra, já quando no centro da Europa se começavam a debater os problemas da instrucção.

A revolução liberal, preocupada com a nova organização da propriedade, das côrtes e da realza, mal cuidou da instrucção popular. Continuou o mestre escola a ser desconsiderado, e a servir apenas para ensinar a ler o catecismo, os devocionarios e as *Cartas de Sentenças*. Como educação pratica chegava-se, quando muito, a ensinar a *superar* uma creança, em caso de perigo de vida e na falta de sacerdote para o baptismo solemne.

Em 1874 ainda o governo adquiriu collecções de pesos e medidas para distribuir pelas poucas escolas regias primarias, e este material de ensino dez annos depois já nem existia. Casas para escolas, se não foram alguns benemeritos, como o conde de Ferreira, ficavam reduzidas aos casebres de locação facil, sem luz e sem conforto. Com a criação das antigas escolas normaes primarias foram apparecendo alguns professores *modernizados*, mas que reduziam o seu saber differencial a descarga de faltas em

cadernos regulamentares, e a preconisarem certos modelos de carteiras, que tinham visto nas escolas normaes. Quando muito liam os *Lusiadas* aos alumnos.

Depois crearam-se mais escolas de ensino normal, que teem sido frequentadas principalmente por alumnas mestras tiradas na maior parte da população das cidades, desconhecedoras da indole, da psychologia, dos habitos e das necessidades das creanças dos campos, que são a grande maioria dos alumnos que é necessario ensinar nas escolas primarias (1).

D'ahi os fracos resultados do ensino primario official, apesar de existirem hoje na metropole 5:215 escolas primarias.

D'estas são 1:020 escolas mixtas nos logares ou povoações de população inferior a 500 habitantes. Existem 2:511 escolas para o sexo masculino, e são 1:684 para o sexo feminino. Encontram-se fechadas, por falta de mobilia, de casa para escola, ou por impossibilidade de professor, 148 escolas.

Ha na metropole, segundo os recenseamentos escolares, 650:000 creanças na idade de escolaridade (dos 6 aos 12 annos), o que quer dizer que corresponde uma escola para cada 105 alumnos, ou seja para cada 955 habitantes. Na Suissa, na França e na Alemanha ha uma escola para cada 500 habitantes. E' certo que a distribuição das escolas primarias em cada paiz não depende só da população, mas tambem da densidade d'esta, da orographia e hydrographia. Não pôde porém um professor ensinar mais que 50 alumnos (2). Na metropole temos, incluindo os professores ajudantes, 5:984 professores primarios, distribuidos pelas escolas mixtas, masculinas, femininas, centraes e annexas ás normaes. E' de facto um professor para cada 90 alumnos, ainda que levemos em conta as faltas médias dos alumnos na idade da escolaridade. Infelizmente, por falta de estimulos, pela pobreza da população rural, pela necessidade que teem os trabalhadores dos campos do auxilio dos seus filhos como pastores, a frequencia real nas escolas primarias nos mezes de verão não vae além de 220:580 alumnos, ou seja uma média de

(1) FROEBEL — *Le éducation de l'homme.*

(2) JOUENCY — *De la manière d'apprendre et d'insigner.*

(1) CARNEIRO DE MOURA — *O seculo XIX em Portugal.*

40 alumnos para cada escola, pois que faltam á escola mais de 60 0/0 das creanças constantes do recenseamento escolar. Nos mezes de inverno, nas populações ruraes e agricolas, esta percentagem desce a 42 0/0. Mas não se deve concluir do que fica exposto não ser necessaria a criação de mais escolas primarias. Pelo contrario. Se se tornar a escola alegre, pela sua apropriada installação e pelo util ensino e educação ali ministrados, se se cuidar da assistencia ás creanças pobres, desde a educação infantil, por meio da educação maternal, dos jardins da infancia, de cantinas escolares; se os filhos dos pobres lavradores forem ensinados a horas apropriadas, e em materias uteis, que os tornem melhores auxiliares dos labores da familia, se a escola primaria fór um meio de felicidade e de riqueza pelo ensino educativo, util e pratico, se as escolas forem melhor distribuidas pelas populações ruraes, — a percentagem das faltas á escola, independentemente da obrigatoriedade do ensino, diminuirá muito (1). Não será excessivo suppor que então, das 650:000 creanças recenseadas, irão á escola pelo menos 500:000. O que quer dizer, dado que seja um professor para cada 50 alumnos, que ainda é necessario crear mais 4:010 escolas primarias.

Mas das 5:215 escolas apenas 978 estão installadas em estabelecimento proprio, e cêrca de 3:000 existem em casas tristes, acanhadas, sem luz adequada, sem campos adjacentes para recreio dos alumnos. Poderia o Estado contrahir um emprestimo de 6:000 contos para construir 3:000 casas de escola, e tal emprestimo seria amortizado com as verbas actualmente destinadas á locação de más casas para escolas.

Crear mais escolas primarias a esmo não pôde ser. As escolas primarias existentes, se fossem melhor distribuidas, seriam bem mais uteis. O norte do paiz é muito montanhoso, e cortado de rios e ribeiros. Ha freguezias com sete e mais povoações que não teem cada uma mais de 100 habitantes, e estas povoações são separadas por montanhas ou rios que as creanças não podem atravessar pelo menos no inverno. Como

ministrar o ensino ás creanças de taes povoações?

Uma escola local é impossivel, por falta de alumnos que ás vezes não excedem a 12. Poder-se-ia lançar mão das escolas moveis, como se faz na Suecia. Como quer que seja muito convem reduzir de futuro a um plano a criação das novas escolas, para que não aconteça, como agora se vê, que ha logares ou povoações com duas escolas para uma população escolar de 70 alumnos, ao passo que ha muitos logares sem escolas, e em situação de não terem as creanças acesso possivel aos logares proximos, separados por montanhas.

Em cada logar que tivesse menos de 500 habitantes dever-se-ia crear uma escola mixta. Em cada logar que tivesse menos de 1:500 habitantes dever-se-iam crear duas escolas, uma para o sexo masculino, outra para o feminino. Nas povoações agglomeradas de mais de 1:500 habitantes haveria uma escola para cada 600 habitantes, considerando cada escola central, para este effeito, como equivalendo a quatro escolas. Segundo este criterio resta crear as 4:010 escolas, como fica exposto.

Mas será inutil este esforço, se as escolas não forem installadas em edificios apropriados, com mobiliario e material de ensino condizentes, e sob a direcção de professores habeis, dedicados, conhecedores das necessidades da região e do espirito das creanças, porque se a pedagogia tende a levar os alumnos a um fim, isto só se pôde conseguir conhecendo-se a sua psycho-physiologia e os processos educativos correspondentes (1).

III

O analfabetismo. — O ensino official e o particular

E' urgente reorganisar as escolas de ensino normal primario; é necessario construir edificios escolares em todas as freguezias ou parochias; é indispensavel fornecer ás escolas, como material de ensino, todos os instrumentos que tornem intuitiva a instrucção, desde o material froebeliano até aos instrumentos da vida pratica geral e regional.

(1) PINLOCHE — *La reforme de l'education en Allemagne*

(1) GIUFFRIDA — *Storia della pedagogia*.

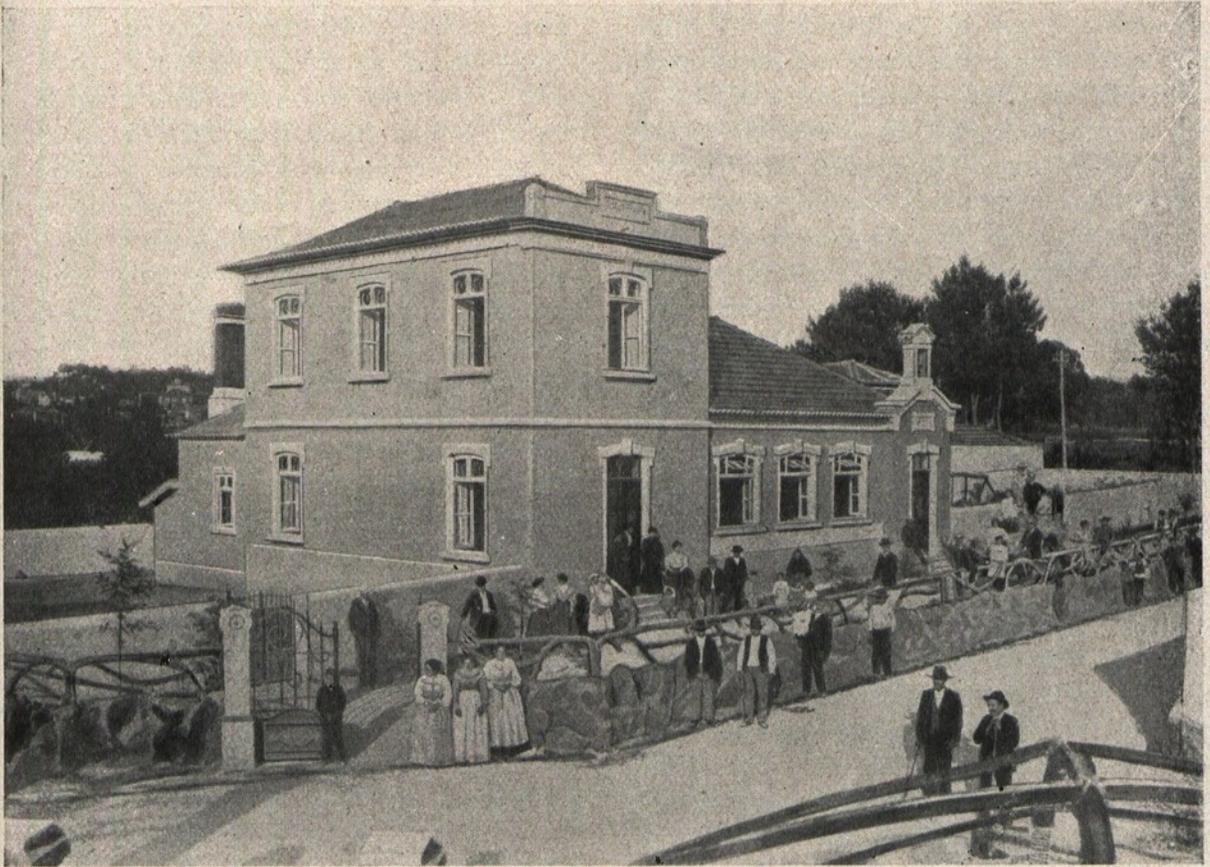
E' necessario chamar á escola as creanças pelo prazer e pela utilidade (1).

E' certo que ainda ha a registar mais a existencia de 875 escolas primarias particulares, frequentadas por 15:200 alumnos, filhos principalmente das classes abastadas ou remediadas, que ainda mantêm o antigo costume de só considerarem bons mestre-escolas os que não são *regios* ou officiaes. Ha tambem escolas de ensino primario nos asylos de beneficencia publica e particular, e até em Lisboa é notavel o desenvolvi-

não havia escola primaria, n'outras só o padre ou o pharmaceutico se entretinha a ensinar a ler os mais curiosos. Hoje a percentagem dos analphabetos é a seguinte, por edades:

Existem individuos de ambos os sexos:

De 1 a 15 annos	1.025.000
» 15 a 30 »	1.140.000
» 30 a 45 »	1.220.000
» 45 a 60 »	984.000
» mais de 60 annos . .	1.120.000



UMA ESCOLA DE ALDEIA

mento que tem tido nos ultimos annos o ensino primario particular, não o dos collegios para as classes abonadas, mas o das associações modernas avançadas, cuja função social é digna de registo e estudo.

Ha alguns annos, quando o numero das escolas officiaes era muito reduzido, a percentagem dos analphabetos elevava-se a 80 0/0, porque em muitas freguezias ruraes

Nos individuos de 1 a 15 annos não de ser excluidos os que não teem mais de 6 annos e que são 498:000. Dos restantes 527:000 a percentagem de analphabetos é de 20 0/0. A percentagem de analphabetos entre os de 15 a 30 annos é de 18 0/0; a percentagem de analphabetos entre os individuos de 30 a 45 annos é de 27 0/0; a dos de 45 a 60 annos é de 62 0/0 e a percentagem de analphabetos dos individuos de mais de 60 annos é de 71 0/0. D'onde se conclue que a média de analphabetos na

(1) GOLDAMMER — *Les dons du jardin d'enfants.*

metropole é hoje realmente de 39 0/0, o que accusa um grande desenvolvimento da instrução primaria nos ultimos vinte annos. Infelizmente a instrução livresca ministrada nas escolas primarias officiaes não pôde ainda corrigir os erros da velha educação do ensino esteril do alfabeto, e o da instrução mnemonica.

Ha professores cheios de boa vontade, mas vivem constrangidos; não teem material de ensino e não podem ensinar, pela intuição dos factos e das coisas, de modo a formarem o character forte, emprehendedor e pratico dos alumnos. Isto torna muitas vezes inane o ensino da leitura e da escripta, que apenas fica sendo um instrumento inutil. E' indispensavel que todos saibam ler e escrever, mas para dirigirem pela contabilidade e pelo conhecimento dos preços e dos generos a economia domestica; mas para lerem em livros de vulgarisação as vantagens da chimica na valorisação productiva da terra; mas para comprehenderem os modernos processos da producção, e para pôrem em pratica, pela educação civica, o esforço individual que fez grande o povo inglez e que tem tornado ricos e prosperos os suissos, os allemães, os suecos, e todos os povos disciplinados, livres e trabalhadores (1).

Para isto é urgente reformar as escolas de ensino primario anormal.

Ha pequenas capitães de districto onde existem, além do lyceu e da escola de ensino normal, uma escola industrial e outra agricola, e em todas estas quatro escolas, que vivem quasi sem alumnos, se professa o ensino de portuguez, mathematica, francez e sciencias naturaes. São quatro professores de francez, quatro de portuguez, quatro de mathematica, quatro de sciencias physico-chimicas, e chega tambem a haver em alguns casos quatro professores de desenho. E' de mais. Não tem sido possivel conseguir tantos professores devidamente habilitados. Com este regimen só se tem conseguido um lyceu de pequena frequencia, sem casa, sem mobilia e sem dotação sufficientes; uma escola de ensino normal com poucos alumnos, e pobrissimamente installada; uma escola industrial ou agricola, esmorecida e abandonada.

Os suissos, que são praticos, souberam resolver com excellente resultado uma situação similhante. Depois de haverem reunido em Genebra, n'uma Universidade moderna, todas as escolas de ensino superior, que ali tinham creado (como em Lisboa e Porto se podia fazer com vantagem para o ensino e para a economia publica), reuniram tambem nos cantões menos ricos e populosos todas as escolas de ensino médio, e substituiram-nas por secções d'uma escola comum, lyceu ou gymnasio (1).

Seguindo nós este util exemplo, poderiamos reunir o lyceu, a escola de ensino normal, a escola industrial, a agricola, a colonial — todas as escolas de ensino médio e profissional, em capitães de districto que não fossem Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, n'uma só escola ou gymnasio, com uma secção para o ensino preparatorio dos cursos superiores (lyceus), com outra secção para o ensino do magisterio primario (escola normal), com outra secção para o ensino agricola, com outra para o ensino industrial, etc., conforme as localidades, as suas tradições e industrias. Assim poderia conseguir-se um edificio bom para um só estabelecimento de ensino, em vez de quatro insufficientes; poderiam conseguir-se melhores professores, porque o professor de francez, o de portuguez, o de mathematica, o de sciencias naturaes, o de desenho seria só um, bom e bem pago, em vez de quatro confrangidos e amesquinhadados, sem alumnos. O material de ensino seria melhor e ficaria mais barato.

IV

O ensino primario normal

Dir-se-ha que não são necessarias as 23 escolas de ensino normal. São; o que é urgente é tornal-as mais uteis. Tem-se notado que n'algumas d'estas escolas os professores dão, por systema, altas classificações de 18, 19 e 20 valores aos seus diplomados, ao passo que n'outras as classificações são de 11, 12, 13 e 14 valores. Como a nomeação dos professores primarios se faz pela preferencia de maior classificação, acontece que são só nomeados professores os diplomados de certas

(1) HIPPEAU — *L'Instruction publique aux Etats-Unis.*

(1) SEIPPEL — *La Suisse au XIX siecle.*

escolas onde por systema se dão altas classificações. Isto, além da injustiça que traduz, tem feito que, á falta de melhor, vão para as escolas dos districtos do norte alumnos-mestres diplomados em escolas de ensino normal do sul do paiz, e *vice-versa*. As desagradaveis condições em que se encontram os diplomados pelas escolas de ensino normal, teem afugentado os alumnos do sexo masculino, e aquellas escolas são de preferencia frequentadas por alumnos do sexo feminino. D'ahi o haver o triplo de professores de instrucção primaria que são do sexo feminino, e na maioria naturaes dos centros urbanos. Muitas das alumnas que frequentam as escolas de ensino normal aproveitariam muito com tres ou quatro annos de internato apropriado, para se habituarem ás qualidades indispensaveis nos professores. Mas não é só isto: as professoras e até os professores que, no systema actual, se vêem obrigados a irem do Alemtejo, sua terra, para uma escola do Minho ou Traz-os-Montes, ou os que do norte se vêem obrigados a irem ensinar no Algarve ou na Extremadura, sentem-se mal no meio extranho, não conhecem a indole das creanças que teem de conduzir até á formação do character, desconhecem as industrias locaes, ensinam de má vontade, ausentam-se das escolas sempre que podem, e assim torna-se insufficiente o ensino. Convem que o professor seja educado na propria região onde tem de ensinar (1). E' pois util que em todas as capitaes de districto haja pelo menos uma secção lyceal ou de gymnasio districtal em que se habilitem os alumnos mestres que hão-de ser professores primarios.

Na escola de ensino normal de Villa Real a média dos alumnos que ali terminam o curso é de 21, na de Bragança é de 23, na de Braga é de 31, na de Vianna é de 11, na de Aveiro é de 16, na de Leiria é de 4, na de Vizeu é de 11, na de Castello Branco é de 12, na da Guarda é de 17, na de Evora é de 6, na de Beja é de 7, na de Portalegre é de 9, na do Funchal é de 8, na da Horta é de 8, na de Ponta Delgada é de 2, na de Angra do Heroismo é de 8. Na escola normal para o sexo masculino de

Lisboa aquella média é de 10, na do sexo feminino é de 29, na do sexo masculino do Porto é de 11, na do sexo feminino é de 36, na do sexo masculino de Coimbra é de 14, e na do sexo feminino é de 22. Como os diplomados pelas escolas de ensino normal excedem as necessidades do ensino official, ha actualmente 1:930 sem collocação, e não podem facilmente ter trabalho entes proletarios, o maior numero dos quaes é do sexo feminino.

Creemos estar o remedio para este mal na reorganisação do ensino normal primario, por secções dos lyceus nas capitaes dos districtos menos populosas. Actualmente as disciplinas que se professam nos tres annos das escolas de ensino normal, excepção feita da calligraphia e pedagogia, são as que se ensinam nas cinco primeiras classes dos lyceus nacionaes que existem em todos os districtos. Assim existem de facto nas pequenas capitaes dos districtos pouco populosos, exceptuando Santarem, dois lyceus ou escolas approximadamente eguaes. Para quê? Para duplicar o numero dos professores, mal pagos? Para ter duas escolas muito mal instaladas, sem material de ensino, quando, se fossem transformadas, ainda com as escolas industriaes e agricolas, commerciaes e industriaes, n'uma só escola, dividida em secções, — poder-se-ia haver um bom mobiliario e material de ensino em todas as capitaes de districto, como o fizeram os suissos (1).

Não ficariam prejudicadas as capitaes de districto porque a população academica continuaria a ser a mesma; não se prejudicariam os professores porque a todos os actuaes seriam garantidos equivalentes logares, pois passariam a ocupar o logar dos professores interinos que todos os annos são pedidos para os lyceus de maior frequencia. Exceptuando Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, nos outros districtos, sem prejuizo dos que já teem lyceus centraes, os actuaes lyceus nacionaes das capitaes de districto teriam mais quatro secções — de ensino normal primario, de ensino agricola, de ensino industrial e de ensino commercial.

A secção de ensino normal primario comprehenderia, todas as disciplinas da 1.^a, 2.^a,

(1) VULLIEMIN — *Souvenirs racontés à ses petits-enfants*.

(1) GINDRÓZ — *Histoire de l'instruction publique dans le Pays de Vaud*

3.^a, 4.^a e 5.^a classes dos lyceus, e além d'isso o ensino da pedagogia primaria, theorica e practica, da hygiene, da calligraphia, da musica e de trabalhos praticos, ensinados pelos professores das secções industrial, commercial e agricola (1). Actualmente, em regra, os alumnos-mestres das escolas de ensino normal entram n'estas escolas com o simples exame de admissão que é como o de instrucção primaria. Depois em tres annos aprendem as disciplinas dos cinco primeiros annos dos lyceus e mais pedagogia. Assim ficam habilitados para o ensino primario.

Apesar de haver muitos professores distinctos, pois que tambem os ha dos que nem estão habilitados com o curso das escolas de ensino normal, a experiencia tem demonstrado a insufficiencia da actual habilitação legal dos professores primarios, classe a que aliás pertencem homens de verdadeiro merito, pela intelligencia e dedicação com que servem a causa do ensino popular primario.

V

O fim e os meios da instrucção educativa

E' certo que os alumnos habilitados com os tres primeiros annos dos lyceus estão dispensados do exame de admissão ás escolas de ensino normal. Os d'esta categoria, que aliás são poucos, ficam com melhor habilitação pois que estudam mais annos: tres nos lyceus e tres nas escolas de ensino normal, onde pouco mais fazem que repetir materias. Preferivel seria que fizessem todos os seus estudos, nas capitaes de districto menos populosas, nos lyceus locaes, onde em cinco annos, em vez de seis, poderiam terminar o seu curso para o magisterio primario, pois que a pedagogia, a calligraphia, a musica, a hygiene, a legislação escolar, e economia domestica, a escripturação agricola, a educação civica, a moral, a modelação, a psycho-physiologia, a methodologia, a processologia, a architectura escolar e os outros trabalhos manuaes e praticos, os poderiam aprender ao mesmo tempo que frequentassem a quarta e a quinta classes do lyceu (ou da secção de ensino normal primario).

Muito conviria que os alumnos que frequentassem a secção de ensino normal primario fossem internados no quarto e quinto annos, tendo a idade minima de 17 annos e a maxima de 22, n'um internato pedagogico districtal, como se faz nos paizes onde se trata seriamente de educar o professor primario (1).

Nas escolas normaes de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga, o curso, claro está, tambem deveria passar a ser de cinco annos, com internato nos dois ultimos annos, e valeria para todos os effeitos para a admissão nas 6.^a e 7.^a classes dos lyceus centraes, como a approvação na 5.^a classe dos lyceus nacioaes.

Assim os diplomados com os cursos de ensino normal primario, quando não quizessem ou não pudessem ser professores officiaes, não teriam a carreira cortada, porque além de terem diplomas de escripturação e practica commercial, além de haverem a sua educação industrial e agricola, professada nas respectivas secções lyceaes, differentes conforme a indole e tradição economica dos diversos districtos, poderiam matricular-se na 6.^a classe dos lyceus centraes, para seguirem as carreiras do ensino superior.

E tambem por tal modo se preparariam professores primarios que, em vez do ensino mnemonico que deforma ou atrofia o cerebro das creanças, ensinariam a chorographia por meio de passeios aos campos, e ministrariam agradaveis noções intuitivas de physica, de mineralogia, de astronomia, de geometria, de zoologia, de moral, de agricultura, de architectura, de botanica, de civismo por meio de observações directas e simples experiencias e trabalhos manuaes, de modelação, de colheita nos hervanarios, de conversação, e de todos os apositos meteorologicos, agricolas e sociaes que se lhes deparassem na vida intra e extra-escolar (2).

Infelizmente entre nós o professor primario tem vivido isolado e desamparado, e assim não póde haver dedicações que vençam as difficuldades.

Os inglezes, apesar de terem vivido n'um

(1) DARIN — *Comment Gertrude instruit ses enfants.*

(1) FRITZ — *Esquisse d'un système complet d'instruction et d'éducation.*

(2) CONTAND — *La pedagogie de Rabelais.*

forte e ethnico regimen de individualismo, ha muitos annos que resolveram este problema com a lei chamada da pobreza e com as casas de trabalho. Ali o professor primario não se sente isolado, antes faz parte d'uma forte organização parochial (1).

A base da organização social entre nós, como na Gran-Bretanha, reside na pequena communa, que se chama a parochia. O desconhecimento official d'esta verdade traz desorganizada a nação portugueza, porque a constituição legal, a organização dos poderes do Estado, não tem base no dynamismo e na tradição nacional. O poder legislativo não funciona regularmente e não tem prestigio porque sáe de eleições districtaes. Ora o *districto* não passa d'uma convenção legal. Não ha portanto poder legislativo organico, e d'ahi a viciação de todos os outros poderes. Só n'uma parochia ha verdadeiros interesses communs; só ali os visinhos se interessam pelos assumptos *publicos-com-munaes*.

E' nas parochias que se originaram as *irmandades*, e até as *misericordias* são de origem parochial.

A centralisação administrativa, obliterando a força e a tradição parochial, anarchisou a sociedade portugueza, creou olygarchias, atrophiou as energias individuaes, desenvolveu a empregomancia, empobreceu o paiz, aniquilou o ensino pratico, originou a oclocracia, e tornou inapto o povo para o trabalho, entregue ao messianismo e á omnipotencia protectora do Estado. D'ahi a actual crise, que creou olygarchias ruinosas.

O povo não sabe trabalhar, e a classe dirigente amorrinha-se em bizantinismos politicos.

Os inglezes, praticos e utilitarios, teem em cada parochia a associação de todos os contribuintes que pagam uma taxa para sustentarem os pobres—os que nada pagam ao fisco. Aquelles contribuintes elegem entre si o *clerk* (o gerente), o *thesoureiro*, o *medico*, o *director* da casa de trabalho (onde são recolhidos os menores abandonados, os invalidos e os sem trabalho), o *professor*, a *professora*, etc.

Assim o professor faz parte d'uma pode-

rosa organização parochial; os contribuintes interessam-se todos pelo bem commum, administram os terrenos do logradouro commum, ninguem deixa de ter pão e trabalho, e todos á porfia tratam de cumprir o seu dever. E o professor é sempre dos que mais trabalham (1).

VI

Como deve organizar-se a instrucção primaria educativa

Entre nós as commissões de beneficencia escolar não deram resultados praticos, porque as leis administrativas não dão vida á parochia.

Melhores destinos teria Portugal se em cada parochia ou grupo de pequenas parochias houvesse um grande edificio, amplo, claro e apropriado para installação da escola, do registo dos nascimentos, casamentos e obitos, para bibliotheca popular, para secretaria dos negocios de administração parochial, onde corresse o serviço do trabalho socializado, para que a ninguem faltasse pão nem trabalho, para que as contribuições não fossem absorvidas na actual esteril centralisação, para que ali se recolhessem os doentes, ensinassem os normaes e anormaes, e educassem todos no trabalho da terra que entre nós é a unica riqueza a desenvolver. As parochias, assim organisadas, sentiriam a necessidade da defeza commum, entregues a si mesmas sem a acção atrophiadora do poder central, cuja funcção seria de simples fiscalisação.

As juntas de parochia, deixariam de ser as insignificantes fabriqueiras da Egreja que teem sido, para cuidar da administração dos bens communs, da assistencia parochial, da instrucção, da arrecadação de impostos, da viação regional, da saude, da illuminação, da estatistica demographica, e da eleição das camaras municipaes que por sua vez teriam no municipio uma simples confederação administrativa de parochias. E as camaras municipaes, além de tratarem da hospitalisação dos invalidos permanentes, da harmonia cooperadora inter-parochial, da criação de escolas industriaes e de anormaes e superiores primarias, elegeriam as

(1) PARMENIER — *Histoire de l'education en Angleterre*.

(1) WILLIAMS — *The history of modern education*.

commissões districtaes e os deputados para que o poder legislativo assim viesse a ter uma base organica regional.

Só n'um regimen organico pôde prosperar a organização do ensino primario sem o qual não ha riqueza nem grandeza nos Estados modernos, e por isso insistimos na remodelação da organização administrativa do paiz, sem a qual é impossivel fazer prosperar o ensino popular primario. E os povos modernos não podem ser grandes sem a democratização pelo ensino popular, que visa a uma poderosa e séria educação nacional (1).

E tambem não poderá haver bons professores primarios se elles desconhecem não só a psycho-physiologia das creanças que teem de educar, mas ainda as tradições, os habitos, os instinctos, as necessidades, a situação social, e a situação mezologica da região onde ensinam.

Por isso nos concursos para o provimento de escolas primarias seria conveniente preferir os candidatos da região districtal da escola a prover.

Na Allemanha tem-se ligado muita importancia ao estudo das estatisticas ergogra-

phicas e das indicações pedologicas. Sem o conhecimento do estado d'alma do alumno, da sua psycho-physiologia, não pôde o professor conduzir o discipulo (1). O oleiro tem de conhecer o barro que hade modelar, posto que a pedagogia revolucionaria sustente que só a creança sabe o que lhe convem e que o professor quasi sempre deforma a alma do alumno e lhe atrophia a individualidade e o valor (2), visto que se tem notado apparecerem alumnos de maior poder intellectual nas regiões abandonadas á vida expontanea.

Nos exames de instrucção primaria do 2.º grau, no ultimo anno, verificou-se serem mais vivas, mais intelligentes e mais sadias e fortes de espirito as creanças da Beira e Traz-os-Montes. A um alumno de Arganil, de aspecto rude e de vida expontanea, vimos nós responder no seu exame do 2.º grau com uma firmeza intellectual como o não faria um quintanista de Coimbra com vocação para addido de embaixada.

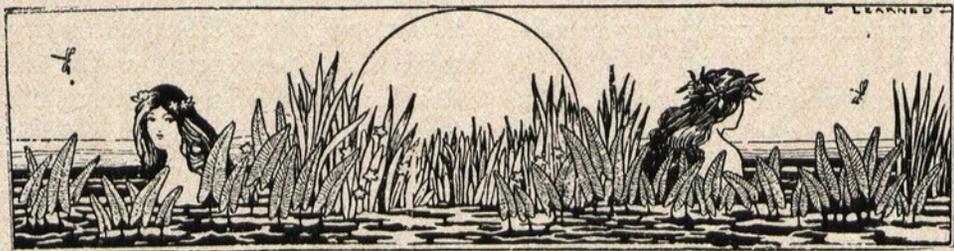
Não se pôdem conhecer as necessidades dos povos sem os estudar na sua vida intima. Não se pôde saber como convem estabelecer a a instrucção primaria popular sem estudar a vida das parochias.

CARNEIRO DE MOURA.

(1) COMPAYRÉ—*Histoire critique des doctrines de l'education.*

(1) BAUMANN—*Einführung in die Pädagogik.*

(2) DUMESNIL—*La Pédagogie révolutionnaire.*



CONVALESCENTES e todos os que necessitem **fortificar o organismo e especialmente o systema nervoso**, curam-se tomando

Somatose

em pó e liquida (de gosto doce e secco).

Vende-se nas *pharmacias e drogarias.*



Senhoras em evidencia

Litteratura

Entre a pleiade de senhoras portuguezas que escrevem para o publico, destaca-se pelo seu talento, pela profunda cultura scientifica, pela actividade assombrosa que a caracteriza, como tambem ainda pela nota prestigiosa de originalidade que auréola a sua vida intellectual, a sr.^a D. Virginia Quaresma.

N'um meio em que todos os esforços fallecem á mingua da persistencia e de fé, em que as verdadeiras individualidades vão rareando para se confundirem na linha inconsciente e suggestionada da rotina, faz pensar, como esse sympathico vultu feminino que, logo n'um relance de vista se accusa ser um feixe de nervos sedentos de movimento, de luz e de impressões, conseguiu libertar a sua individualidade de todas as influencias perniciosas da atmospheria social, que desde o berço a envolvem, para a levantar ao respeito, á admiração, ao interesse e, digamos mesmo, á popularidade portugueza, n'um tão curto espaço de tempo.

Quem é pois a sr.^a D. Virginia Quaresma? O seu nome não anda, decerto, nos reclamos espalhafatosos da imprensa nem em caracteres berrantes de cartazes, nem tão pouco no porta-voz de adulações ridiculas e vans. Mas apesar disto, que já é uma nota original n'um paiz em que os fóros do escriptor se conquistam com a mesma velocidade vertiginosa com que rolam e gemem os prelos, quem não conhece a sr.^a D. Virginia Quaresma?

Ha cêrca de dois annos que esta senhora exerce a sua profissão de jornalista como redactora do *Seculo*. A fórma por que ella desempenha esse logar, a intuição fina e extraordinaria por que faz as suas reportagens, o estylo facil e despertencioso por que as maneja, não ha ahi ninguém, entre politicos e mundanos, entre creaturas abastadas e entes que a miseria prega na cruz do desconforto, da dôr e do desespero, que o ignorem.

Uma grande parte das mulheres portuguezas fez-se politica mais para consolidar sympathias partidarias, para provocar o entusiasmo das multidões, para alcançar emfim triumphos que, de outro processo talvez lhe fossem sonogados do que pelo interesse que lhe deveria merecer os destinos

do paiz. Não precisou porém de se fazer politica a sr.^a D. Virginia Quaresma para tudo isso ter e tudo vencer.

A sua individualidade impõe-se a todas as fracções



D. VIRGINIA QUARESMA

políticas porque é a individualidade d'uma trabalhadora conscienciosa e d'um cerebro privilegiado.

Quando a missão de jornalista lhe ordena a noticia d'uma sessão solemne, d'um comicio, a reunião d'uma collectividade que protesta, ou que se regozija, o acolhimento verdadeiramente carinhoso que lhe é feito sente-se na atmosphera de distincções com que é recebido e apreciado em toda a parte.

E, — ainda um facto curioso! — n'um meio em que muitas das senhoras que andam sós se queixam da selvageria da multidão, é significativo poder em verdade affirmar-se que a sr.^a D. Virginia Quaresma sae todas as noites da redacção do *Seculo* ás três, quatro e cinco horas da madrugada, atravessando uma grande parte da cidade de Lisboa, sem que nunca registasse na sua memoria a origem d'uma queixa.

A sua biografia — apesar de poucos annos lhe irem além dos 20 — já hoje daria algumas paginas de eloquente testemunho do que pode a mulher quando tem a oriental-a um ideal grande, um criterio são e uma tenacidade inquebrantavel.

Alumna do *Curso superior de Lisboa*, depois de successos brilhantes e repetidos no lyceu, a sua passagem por aquelle instituto de instrucção superior ficou assignalado como uma das mais gloriosas.

Aos vinte annos apresentava alli trabalhos de folio, sobre literatura, philosophia e historia, que a fizeram sagrar na opinião de Theofilo Braga, Consigliere Pedrozo e Silva Cordeiro.

E' d'esse tempo o seu pequeno mas intenso trabalho sobre os trovadores portuguezes, e a critica á classificacão hieratica das sciencias de Bacon até Comté e Spencer.

Se o seu primeiro anno da faculdade de letras foi fertil em distincções e legitimos exitos, não foram menos aquelles em que esta senhora foi discipula dilecta de Adolpho Coelho, David Lopes, Silva Telles, Oliveira Ramos e Jo. é Maria Rodrigues.

A par da consideracão que lhe dispensavam os seus mestres, ella tinha o culto dos companheiros. Havia em todos a mesma fervorosa devoção ao preferirem o seu nome ou ao evocarem as suas poderosas faculdades da assimilação e de estudo.

E não obstante isso tudo, esta senhora participava ao mesmo tempo d'uma tarefa ardua imposta pelo espirito da vida pratica.

Comquanto filha do fallecido general de divisão, Julio Cesar Ferreira Quaresma, figura prestigiosa e inolvidavel do nosso exercito portuguez, era por um sentimento de altivez, que muito bem lhe fica, que arrancou á vida do magisterio o que lhe era necessario para custear as despesas dos seus estudos.

Mais tarde esteve para ir como pensionista do governo em missão de estudo ao estrangeiro. E, certamente, o teria feito se algumas das leis que produziram os sonhos de João Franco, não tivessem gorado na acção de outros governos.

Collaboradora assidua dos *Echos da Avenida*, onde as suas chronicas literarias ficaram como algumas e das mais bellas coisas que mãos patricias tem escri-

pto; secretaria da revista *Sociedade Futura*, com a sr.^a D. Olga Sarmiento fez um luminoso apostolado de arte. Tem collaborado nas *Novidades* e no *Jornal da mulher*, essa interessantissima secção do *Mundo*, dedicado ás senhoras portuguezas, e foi no *Jornal da Noite* que fez a sua aprendizagem na imprensa diaria.

Seduzida por todas as variadas manifestações do jornalismo moderno, dentro em pouco ao lado de Paulo Osorio e de Rocha Martins, ella trabalhava ali com denodada facilidade e delicado brilho.

Do mesmo passo dirigiu a *Alma Feminina* e, nas paginas assetinadas d'essa extincta revista se pode bem comprehender o seu jornalismo e simultaneamente a sua logica invencivel na defeza das reivindicacões sociaes da mulher. E' porque a *Alma Feminina* tantas vezes escripta completamente nas suas oito paginas pela sr.^a D. Virginia Quaresma não era mais que a *alma da Virginia*, como lhe chamavam n'uma ironia amiga, as pessoas que de perto conheciam a sr.^a D. Virginia Quaresma. Posto que todas as complexas modalidades e exigencias do jornalismo de hoje lhe falassem por igual ao espirito e ao coração, como dissemos, a *interview* tem tido n'ella uma das suas primeiras e principaes cultoras em Portugal.

Assim as suas *interviews* literarias com Lopes de Mendonça, João Chagas, Borges Grainha, Guerra Junqueiro e com as actrizes Gabriella Réjane, Mercedes Blasco e Adelina Abranches, etc., fariam honra a qualquer das primeiras figuras do nosso jornalismo que ás subscresse.

São innumeradas as campanhas de character social que a sua penna tem sustentado e, decerto com ellas, fariam livros de singular valor se a sua modestia lhe não fizesse até desconhecer os numeros dos jornaes onde existem esses artigos, a fim de os copiar. Em março ultimo foi convidada por uma importante empreza jornalistica ingleza, para organizar uma revista destinada ao Brazil, com sede em Londres, onde esteve durante algum tempo, licenceada pelo *Seculo*.

N'estas rapidas e pallidas linhas julgamos desempenhar *Os Serões* da divida de homenagem que tinha contrahido para com a primeira senhora portugueza, jornalista profissional da nossa imprensa diaria e que Silva Graça, no seu subtilissimo tacto de director do *Seculo* e como espirito avançado que faz dos ideaes modernos o mais ardente sacerdocio, soube chamar para o seu jornal com o applauso do publico, que classifica d'uma honra, merecer a reportagem da sr.^a D. Virginia Quaresma.

A travessia do Tejo a nado

O nosso lindo e vasto Tejo é um excellente ponto para grandes festas, que de ha muito devia sêr mais desenvolvidamente aproveitado, não só para torneios de *sport*, como ainda para festas decorativas, a que a sua imponencia daria um tão brilhante realce. O seu estuario immenso, a tranquillidade ordinaria das suas aguas, os lindos panoramas que o ladeiam, tudo

está a lembrar a necessidade de o tornar o ponto escolhido das festas de Lisboa. Infelizmente assim não acontece, pois que emquanto nas nossas avenidas e parques se exhibem batalhas de flôres, que parecem enterros; emquanto em recintos fechados a população asphixia em divertimentos que não a educam nem fazem prosperar, o Tejo continúa abandonado, á espera d'algum que se lembre de lhe aproveitar os merecimentos, que são tantos, e o utilize para mais alguma cousa do que para as necessidades materiaes da vida de todos os dias.

Entre as muitas instituições de educação phisica que, felizmente, hoje existem em Portugal, destaca-se pelo fim a que visa e pela tenacidade dos seus propositos, a *Liga de Natação*, composta de briosos officiaes da nossa armada e exercito, e que todos os annos realisa as suas provas entre praças de terra e mar, levando-os a atravessar o Tejo a nado, na intenção de conquistarem uma Taça riquissima, que ficará durante um anno na posse do regimento ou

Ná Trafaria, ponto de partida e em Pedrouços, ponto de chegada, a multidão era compacta. Discutia-se a maior ou menor probabilidades d'este ou d'aquelle, sendo recebidos, na chegada, com grandes applausos, os vencedores de tão notavel *performance*.

A commissão organizadóra da excellente próva deve ter ficado satisfeita com o exito obtido, pois que, como propaganda se não póde obter mais, nem melhór. A largada realisou-se com toda a regularidade; sendo, tanto o serviço de fiscalisação como o de auxilio, feitos d'uma maneira verdadeiramente modelar por varios barcos, que, no seu conjuncto davam ao Tejo, n'aquelle ponto, um aspecto encantadór.

A largada realisou-se á hora marcada no programma, entrando os concorrentes na agua com extraordinaria violencia, denunciando perfeitamente a sua entranhada vontade de vencêr. Infelizmente o mar e o vento não os ajudavam sendo dois elementos difficeis de vencêr na travessia, tão asperos estavam n'aquelle hora. No torneio tomava parte o vencedor do anno transacto, que pertencia ao crusadór *D. Car-*



A CHEGADA DOS NADADORES

navio a que o vencedór pertencer. Tal torneio representa, além d'uma prova de valor phisico, um grande incentivo moral, pois que estimula o amôr proprio e o interesse pela gloria dos regimentos ou unidades a que a Taça couber.

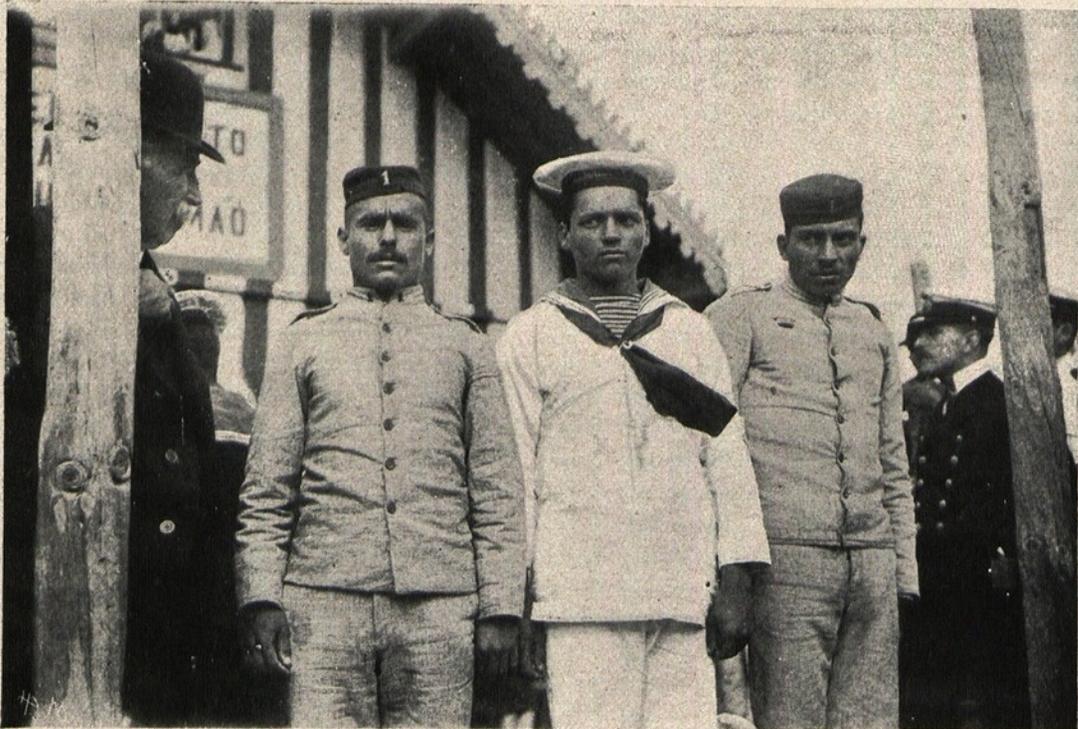
A travessia revestiu este anno a mesma imponencia e brilhantismo dos annos anteriores. Realisou-se a 12 de setembro, presenciando a travessia do Tejo, por soldados e marinheiros, milhares de pessoas.

los, em podêr de quem estava a Taça. Todos imaginavam que o valente marinheiro conseguiria manter o seu predominio, tal a coragem com que avançava, mantendo a deanteira, pelo menos até meio do rio. Tinha, porém, este anno um grande competidór n'um soldado de infantaria 1, que, nadando de *aguilha*, rompia d'uma maneira vertiginosa as aguas do Tejo. O valente soldado manteve essa primasia até ao ponto em que o grumete José Teixeira de Miran-

da, da fragata *D. Fernando*, collocando-se entre dois barcos, que o livravam da impetuosidade do vento e do mar, deu um avanço extraordinario sobre todos os contendores, conseguindo chegar a terra com um avanço de 9 minutos sobre os restantes competidores.

si no momento critico em que a patria necessite dos seus serviços.

E', pois, incontestavelmente, uma obra benemerente a que põe em pratica a patriótica *Liga de Natação*.



OS TRES VENCEDORES DA TRAVESSIA

A travessia fizera-se em 1 hora, 15 minutos e 10 segundos. Os vencedores foram por sua ordem: José Teixeira de Miranda, grumete da fragata *D. Fernando*, medalha de prata, e a Taça para posse do seu navio; soldado d'infanteria 1 João Ribeiro, medalha de cobre; soldado d'infanteria 1, Diogo Fernandes, medalha de cobre.

Em Pedrouços, onde os vencedores foram recebidos festivamente, foram-lhes collocadas no peito pela menina Queriol Macieira as respectivas medalhas. O capitão de fragata, sr. Ernesto de Vasconcellos, fez n'essa occasião um brilhante e patriotico discurso, elogiando a valentia dos concorrentes. O jury compunha-se dos srs. Ernesto de Vasconcellos, capitão-tenente Ivens Ferraz, D. José de Noronha, tenentes da armada, Joaquim Athias, Carlos Villar, Joaquim Costa, Duarte d'Almeida, Annibal Pinheiro e capitão de engenharia Fernando de Magalhães.

As provas foram, como se vê d'este curto e succinto relato, brilhantissimas, e oxalá o continuem sendo para maior desenvolvimento da educação phisica dos nossos soldados, ponto primacial nas suas funções.

O estímulo, a coragem, a confiança em si proprios, vêm-lhes d'estas provas, repetidamente postas em pratica, e servem a tornal-os mais senhores de

Chronica da moda

A missão da boa dona de casa — O reinado das tapeçarias vencido pelo bom senso e pela hygiene — Os quartos das meninas — O falso chic de não se fazer nada — Maneira de engommar os cortinados — Vestidos curtos para o inverno.

Estão quasi terminadas as ferias. A successão de viligiaturas com que temos alegrado a vida, vae terminar.

Todos voltam á normalidade do seu viver mais ou menos cheio de cuidados e fadigas.

E para a dona de casa, mais do que para ninguem, se avolumam os affazeres. Não é facil nem leve a sua tarefa, como muita gente suppõe.

A casa abandonada tanto tempo, precisa cuidados especiaes, ha mil cousas a pôr em ordem, a substituir, umas estragadas pelo tempo outras inutilizadas pela moda, que as tornou antigas...

E' preciso tudo prevenir, tudo providenciar para que o *home* offereça á familia o bem estar, a commodidade e a elegancia desejadas.

E nem sempre é facil decedir e comprar logo tudo quanto é preciso.

Não se muda tão facilmente de cortinas, repos

teiros, alcatifas, tapetes, como d'um vestido desbotado.

A boa dona de casa tem sempre em vista, em primeiro lugar a hygiene, depois o seu orçamento; porém, raras vezes, como agora, é facil pôr d'accordo



VESTIDO DE SARJA BORDADO COM GALÃO PRETO

a hygiene, o orçamento e a moda na escolha dos cortinados, actualmente a moda admite todas as côres leves e frescas em percale ou batiste, em *linon* ou *mousseline*.

O reinado das pesadas tapeçarias que tiram o ar e guardam os microbios vae acabar, vencido pelo bom senso e pela hygiene. Todos os cortinados devem poder lavar-se com tanta frequencia como as roupas brancas, pois como estas elles estão sugeitos a enxovalhar-se.

Rejubilemos pois com esta alliança da moda deco-

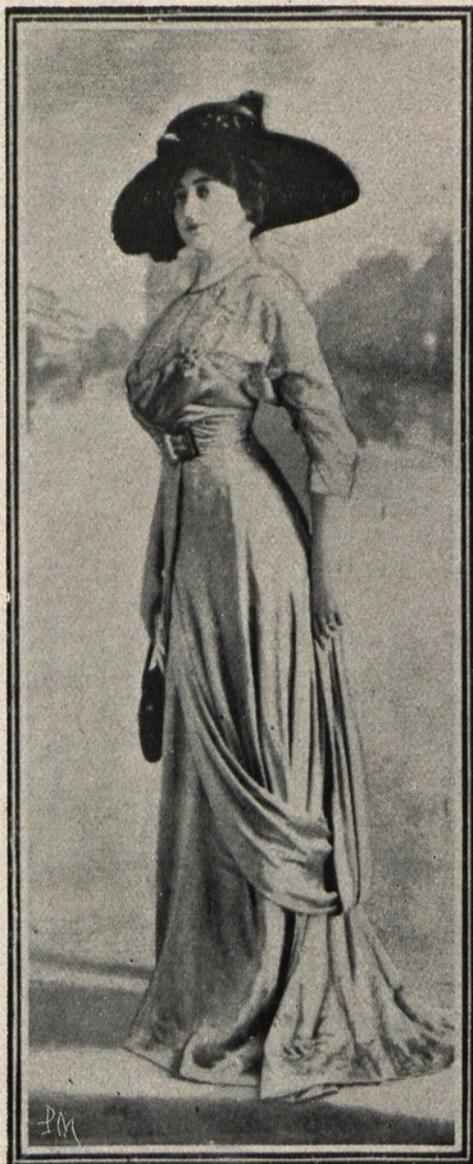
Senhoras anemicas, creanças pallidas e sem appetite, recuperam a saude e augmentam o peso do corpo, tomando **SOMATOSE**.

rativa e da hygiene, visto que com ella se tem a ganhar a elegancia e a saude.

Não ha nada mais bonito e alegre para guarnecer um quarto virginal, como a leve *mousseline*, nem ha nada mais delicioso para um perfumado *boudoir* como as ramagens floridas dos tecidos de Jony.

Muitas donas de casa acham-lhe porém o inconveniente das côres se fanarem depressa e de reclamárem lavagens frequentes, tornando-se por isso dispendiosas.

Todavia, tudo se pode harmonisar, se a dona de



VESTIDO DE SETIM AZUL COM CORPETE DE RENDAS

casa fôr condescendente e as filhas quizerem ser razoaveis e úteis.

Ha algum inconveniente em que as meninas que desejam ter os seus quartos confortaveis e guarnecidos, corram a ferro pela suas proprias mãos e armem

com os seus finos dedos os cortinados cuja limpeza se torna tão dispendiosa feita por mãos mercenarias?

Ha mesmo certos trabalhos de lavagem de bordados e rendas finas que não deve ser feito senão pela propria dona que as aprecia e lhe sabe dar o valor material ou estimativo.

As mãos mercenarias estragam por descuido, quando não é pelo prazer malevolo de rasgar...

Ha certas senhoras ricas ou nobres que teem ainda o preconceito de que é *chic* não fazer nada, sobre tudo não se occuparem d'estes trabalhos domesticos.

Se é por *snobismo*, por imitação a certas damas das altas espheras, dir-lhe-hemos que essas damas nem sempre merecem ser imitadas; mas, n'este ponto, por accaso, ha n'essas espheras damas dignas de imitação, como, por exemplo a filha do imperador d'Allemanha. E' ella que pelas suas proprias mãos se occupa de todos os delicados trabalhos de roupa branca, orgulhando-se em ser uma das melhores *ménagères* do mundo.

Para não ficarmos apenas no campo das theorias, vamos dar algumas indicações praticas:

Pode dar-se aos cortinados a côr que se quizer em tons creme mais ou menos escuros, juntando á gomma cosida, chá, açafraão, café, etc.

Assim, poder-se-ha engommar do mesmo modo as *cretonnes* de ramagens, os estofos de côr, etc.

O emprego do amido d'arroz é preferivel para engommar as saias de baixo cheias dos espumosos folhos que iremos usar este inverno; porque, segundo se diz, os vestidos vão usar-se curtos, e para que mantenham o bonito rodado que torna a marcha graciosa, é preciso que a saia de baixo seja ligeiramente gommada, deixando-se adivinhar branca e limpa sob os movimentos ondulantes do caprichoso vestido.

Iremos enfim poder caminhar descuidosamente com as mãos agasalhadas nos nossos regalos, dispensadas da pesada tarefa de trazer os vestidos suspensos?

Se assim fôr!...

Oh! supremo ideal da comodidade e do asseio! Se conseguirmos emancipar-nos das caudas dos vestidos... com razão poderemos afirmar então, muito ter avançado no campo das emancipações femininas...

Mr. William Taft



Mr. William Taft, successor de mr. Roosevelt na presidencia dos Estados-Unidos, acaba de *bater o record* da eloquencia na sua recente viagem. Orou todos os dias e muitas horas em cada dia.

Aspectos populares



OS CÃES AMESTRADOS NA PRAIA D'ALGÉS

Sport

O verão é sempre fértil em manifestações de *sport*. Entre essas mais recentes manifestações devemos re-

cebidos e dr. Manoel Espregueira 1 dado e 6 recebidos.

A egualdade do numero de toques d'alguns atiradores obrigou a uma lucta severa e apertada de *carrage* depois da qual se estabeleceu a classificação definitiva: 1.º Frederico Paredes, 2.º Alexandre Paredes, 3.º Basto Correia, 4.º Mario de Noronha, 5.º dr. Camillo Castello Branco, 6.º Antonio Penha e Costa, 7.º João Sassetti e 8.º dr. Manuel Espregueira.

A distribuição dos premios realisa-se no dia seguinte ás 9 da noite, no salão do Grande Casino Internacional do Estoril, seguida de *cotillon*.

Em Cascaes houve tambem diversas festas sportivas sendo as principaes os jogos athleticos, corridas de bicyclettas, corridas de pucarás, etc.

Infelizmente houve um ponto negro n'essas diversões. Foi a morte desastrosa de Alexandre Paredes. Com o seu curso de infantaria terminado, cheio de esperanças no futuro, estremecido pela familia, um

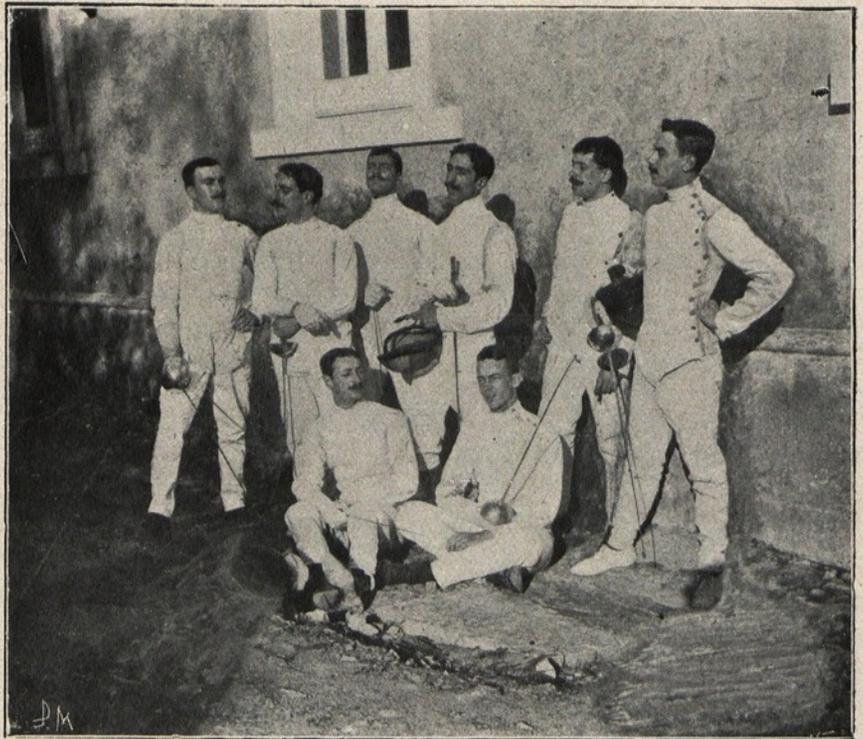


NA FESTA DO SPORTING CLUB DE CASCAES

gistar o certamen de esgrima realizado no Monte Estoril. A concorrência foi numerosa no parque Vianna onde elle se effectuou.

O jury da *poule final* era formado pelo professor Carlos Gonçalves, conselheiro E. Villaça, Carlos Ferreira, tenente Veiga Ventura e engenheiro Arthur Bual. Houve-se com impecavel correcção e muito a contento dos concorrentes, pela sua excepcional imparcialidade e gentileza.

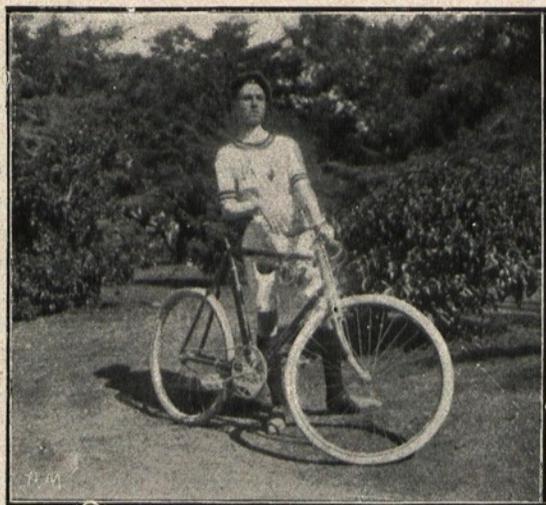
Foi o seguinte o resultado da primeira volta da *poule final*: Frederico Paredes proclamado campeão e vencedor da *Taça* com 6 toques dados e 2 recebidos, Alexandre Paredes o infeliz moço, 4 dados e 3 recebidos, Mario Noronha 4 dados e 3 recebidos, Basto Correia 4 dados e 3 recebidos, dr. Camillo Castello Branco 4 dados e 3 recebidos, Penha e Costa, 4 dados e 4 recebidos, J. Sassetti 2 dados e 5 re-



CAMPEONATO DE ESPADA NO ESTORIL

De pe: Alexandre Paredes, Basto Correia, Frederico Paredes, dr. Camillo Castello Branco, Antonio Penha e Costa e Mario Monteiro. Sentados: Dr. Espregueira e J. Sassetti.

d'estes desastres que poucas vezes acontecem, lançou-a a elle na cova e a desolada familia na desesper-



FRANCISCO CASTRO

O vencedor da corrida de bicyclettes em Cascaes



O VENCEDOR NA CORRIDA DE AN-
DAS, E O SR. GUILHERME PINTO
BASTO.



A CORRIDA DE PUGARAS

ração. Quando jogava com seu irmão Frederico, a espada d'este, armada com um *pointe d'arrêt* penetrou-lhe no peito. Uma infecção que sobreveio tornou-o cadáver em poucas horas. Ajuizase do pesar do causador involuntario do desastre e do luto de todos, parentes e amigos.

Mortos illustres



JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

Finou-se este illustre escriptor em plena maturidade. Espirito esclarecido, immensamente culto, deixa funda perda nas letras portuguezas.

Narrativas navaes

O sr. João Braz de Oliveira, a par de um official de marinha brilhante, é um desenhador de merito e um escriptor de largo folego.



JOÃO BRAZ DE OLIVEIRA

As suas *Narrativas navaes* são quadros desenhados por mão de mestre, impregnados do cunho especial do homem do mar e com a subtileza e delicadeza de um poeta que tanto sabe ler nos mysterios da natureza como na alma humana.

Theatros

Trindade. — Ainda não perdeu os seus fóros de primeiro theatro d'opera-comica a elegante casa de espectaculos de Francisco Palha, onde Affonso Taveira continúa a tradição do bom gosto, do saber e

da actividade artistica, que tem sido a melhor qualidade dos seus antecessores. Taveira acaba de conseguir um verdadeiro *tour-de-force*. Depois de ter feito uma época brilhantissima com a opera portugueza, durante o inverno, conseguiu ter aberto por todo o verão o seu theatro, levando á scena a conhecida e formosissima peça *A viuva alegre* e por ultimo, com um exito

enorme, a primeira revista do anno, *O paiz do vinho*. O successo com este trabalho, foi de tal ordem que com elle acaba de abrir a época de inverno, continuando a ter repetidas enchentes que demonstram perfeitamente o merecimento da peça.

Na ultima época as revistas do anno pulularam e tantas fóram e de tal ordem que por certo já não ha ninguem que lhes recorde os nomes por completo. E'



LEANDRO NAVARRO

um genero excessivamente explorado e, digamos a verdade, pessimamente explorado. Sendo, infelizmente, o que mais agrada e atrae o povo e por consequencia o que melhor influencia educativa podia exercer sobre elle, exhibe de ordinario um amontuado de obscenidades sem reboço, umas graça:as sem gosto, e tem servido apenas, (ha excepções, é claro) para mais augmentar este espirito de desordem, de incorrecção, de falta de brio, que tem sido de ha tempos a esta parte o caracteristico do nosso meio. Nada lhes merece respeito, nem os mais intimos recatos da familia, nem os mais simples deveres sociaes. E' uma verdadeira devastação moral que só serve para alimentar os maus sentimentos, que par ahí pululam por toda a parte e a cada momento. O theatro educa sempre ou bem ou mal.

E' com prazer que exceptuamos d'esta triste classificação a nova revista *O paiz do vinho*, letra dos srs. Leandro Navarro e André Brun, musica dos srs. Luiz Filgueiras e Filippe Duarte. Quando outro merecimento não tivesse, — que os tem e muitos! — bastar-lhe-ia o quadro do segundo acto, em que se faz a apologia da obra maravilhosa de Bordallo Pinheiro, para a consagrar como um trabalho de valôr, de patriotismo e de educação.

De resto toda a revista é primorosa, contendo espirito ás carradas, lindos versos e musica deliciosa. Destacaremos, entre os varios numeros, o duetto da *Vassoura* e do *Abanador*, dois trabalhos muito conhecidos de Bordallo, em que a musica e a letra são d'uma propriedade inexcitavel; o lindo soneto *A missa do Loreto*, que Etelvina Serra diz encantadoramente; os *couplets* dos funcionarios publicos, com muito espirito e observação; etc. Seria um nunca acabar se quizessemos notar aqui o que de bello e perfeito tem o trabalho dos srs. Navarro e Brun.

Da empresa não ha que regatear-lhe louvores. Taveira é um mestre na maneira como sabe



ANDRÉ BRUN



COLYSEU DOS RECREIOS — TROUPE DEONZO

pôr as suas peças e na perfeição com que as ensaia e dirige. Guarda-roupa de muito bom gosto e rico, scenario brilhantissimo, uma *mise-en-scene* muito cuidada, lindas mulheres, que de ordinario são uma condição imprescindivel n'este genero de espectaculos, a revista *O paiz do vinho* deve dar ainda a Taveira, e com justiça, muitas casas cheias, e aos seus distinctos auctores muitas noites de alegria.

Principe Real. — O velho theatro da rua da Palma, foi este anno, o primeiro a abrir as suas portas, com uma peça de Victorien Sardou, *L'affaire de poisons*, traduzida por Accacio Antunes e Marçal Vaz, com o titulo *A questão dos venenos*.

A peça decorre na época e na côrte do Rei-Sol e desenvolve-se sob o conhecido facto da tentativa de envenenamento de Luiz XIV pelas suas favoritas, dando motivo a uma pomposa exhibição de guarda-roupa, *mise-en-scene* e scenographia, que por assim dizer são o mais atrahente d'este novo trabalho de Sardou, o carpinteiro por excellencia das cousas theatraes.

Entre as diferentes personagens ha apeuas a destacar o abbade Guiffard, creado por Coquelin *Ainè*, e entre nós desempenhado com aquella correcção que lhe é peculiar pelo sr. Pato Moniz. De resto a peça é um conjuncto de superfluidade e só explica o seu successo no theatro das Portas Saint-Martin pelo escandalo que se fez em redor do seu thema.

Entre nós o desempenho foi correcto, destacando-se, como acima apontamos, no papel do Guiffard, o sr. Pato Moniz, que dia a dia vae conquistando os seus fóros de artista.

A empresa Ruas que ha tantos annos traz ligado o seu nome a esta casa de espectaculos, esmerou-se em pôr em scena, com todo o rigor a peça de Sardou, que não é n'esse ponto nem das mais baratas nem das mais faceis. Com uma riqueza de guarda-roupa, a que não estamos habituados nos theatros da capi-

tal, com um scenario rigoroso e bello, a empresa Ruas, pode dizer-se que abriu a sua época com chave d'ouro, o que explica cabalmente a affluencia do publico que todos os dias enche o seu theatro.

Além de tudo isto, a antiga casa de espectaculos, por onde passaram tantas gerações illustres de artistas, apresentou-se este anno muito renovada, com melhoramentos materiaes, que certamente o publico de Lisboa compensará.

Coliseu dos Recreios. — Lisboa tem seus dias e logares consagrados. Como o Senhor dos Passos da Graça, á sexta feira; a procissão da Saude, n'um dia quente d'abril, ou a primeira tourada no Campo Pequeno, a abertura do Coliseu, no ultimo sabbado de setembro, reveste a attitude d'um grande acontecimento na capital. Póde a companhia ser melhor ou peor, póde mesmo não conhecer-se um só dos trabalhos que allí vão exhibir-se, que o mais importante é ir ao Coliseu na noite da inauguração da época, fiando-se da incontestavel reputação do empresario, sem duvida uma auctoridade no assumpto, a qualidade da Companhia que é, de ordinario, das melhores que se apresentam nos palcos da Europa e da America.

Por isso n'essa noite só por si constitue um espectáculo emocionante o aspecto da vastissima sala das portas de Santo Antão, onde, com todo o rigor da expressão popular, não cairia uma mosca. E' uma massa enorme que se agita, que grita, que discute e que, terminado o espectáculo, enche a rua d'uma grande sombra que parece nunca ter fim.

A abertura da época do Coliseu d'este anno confirmou mais uma vez os creditos do seu illustre empresario, sr. commendador Antonio dos Santos, que tão bem conhece os gostos do publico de Lisboa e tantas celebridades tem trazido ao seu theatro, accentuando-se dia a dia o valor da excellente companhia que allí trabalha.

FARINHA
LACTEA

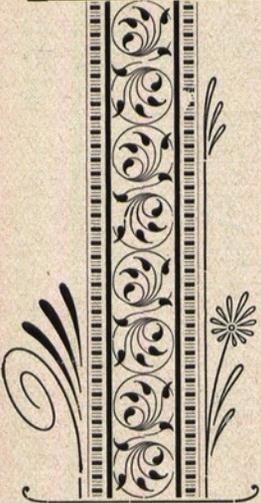
NESTLÉ

Alimento completo para crianças e
pessoas edosas.



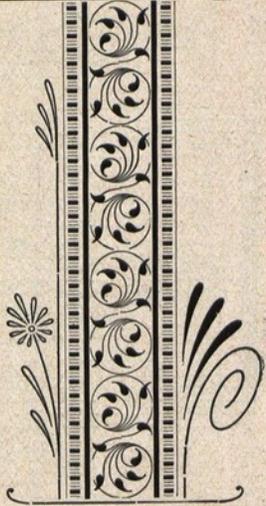
Musica
dos
SERÕES

VISÃO D'AMOR



MUSICA DE
ISIDRO PERES

VERSOS DE
M. COSTA ESTEVES



VISÃO D'AMOR

Musica de Isidro Peres

Versos de Costa Esteves

Valsa. lenta

Handwritten musical notation for the piano introduction, consisting of three staves. The first staff is the treble clef, and the second and third are the bass clef. The music is in 3/4 time and features a series of chords and melodic lines.

Handwritten musical notation for the first line of lyrics. The top staff is the vocal line with the lyrics: "A mor! En le vo das al mas! Sa - bes tu o". The bottom two staves are the piano accompaniment.

Handwritten musical notation for the second line of lyrics. The top staff is the vocal line with the lyrics: "que é a mor? Sopro s'inspira çõ - es cal - mas a gi tar as ver des". The bottom two staves are the piano accompaniment.

Handwritten musical notation for the third line of lyrics and the Coda. The top staff is the vocal line with the lyrics: "pal - mas - a bro tar em rose a flor?". The bottom two staves are the piano accompaniment. Above the final measure, there is a bracketed section labeled "Coda" with "1.º ver." and "2.º ver." written above it.

mor e for ca ri ren te que em ex tare nos a tra e e'a

The first system of the handwritten musical score consists of two staves. The upper staff is a vocal line with lyrics: "mor e for ca ri ren te que em ex tare nos a tra e e'a". The lower staff is a piano accompaniment with chords and moving lines.

luz in can des cen te on de a phalaenai mu den te

The second system of the handwritten musical score consists of two staves. The upper staff is a vocal line with lyrics: "luz in can des cen te on de a phalaenai mu den te". The lower staff is a piano accompaniment with chords and moving lines.

e tri a no giro em fin ca - e

Na. m. ca. Vito

The third system of the handwritten musical score consists of two staves. The upper staff is a vocal line with lyrics: "e tri a no giro em fin ca - e". Above the staff, there are handwritten annotations: "Na. m. ca. Vito". The lower staff is a piano accompaniment with chords and moving lines.

The fourth system of the handwritten musical score consists of two staves. Both staves contain piano accompaniment with chords and moving lines.

The fifth system of the handwritten musical score consists of two staves. Both staves contain piano accompaniment with chords and moving lines. The word "Ped" is written at the bottom of the system.



Visão d'amor

Amor! Enlevo das almas!
Sabes tu o que é amor?
Sopro de inspirações calmas,
a agitar as verdes palmas,
a brotar em roséa flor?

Saudade que doce affaga,
ás tardes a suspirar,
quando o sol além se apaga
e uma tristeza vaga
nos enche o peito a scismar?

Amor é força virente
que em extase nos attrae,
é a luz incandescente,
onde a phalena imprudente,
ebria no giro emfim cae.

Encantada fóрма viva
do Bello — effluvio a surgir,
que o ser todo nos captiva,
como debil sensitiva,
em paixões a reflorir.

E' o vibrar insondavel
das cordas do coração,
numa harmonia adoravel,
mesto prazer ineffavel —
alma solta na amplidão.

Emanação quente e pura
de perfumes sensuaes,
que em segredo nos murmura
uma languida ternura,
arrulhando madrigaes.

A natureza aviventa,
pulula na criação,
a vida em tudo alimenta,
em todo o germen fermenta —
e dormita no embryão.

Córa de verde as paisagens,
ondas ethereas de azul,
são crystallinas miragens
suas hyalinas imagens,
no espelho do mar do sul.

Amor é a voz que em mim clama
orchestras que vêm do ceu,
é o calor, é a chamma,
que os estos de luz derrama,
que o meu ser unem ao teu!

M. Costa Esteves.

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. **Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS**

BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

RHEUMATISMO

~~~~~  
**GOTA**  
~~~~~

NEURALGIAS

D^r BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO

BARBA

PESTANAS

SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na *Academia de Medicina de Paris* contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabelludo

L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

Em LISBOA, 15, Rua dos Sapateiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratuitas

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

As nossas capas de luxo

Com o n.º 48, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 8.º volume da 2.ª serie.

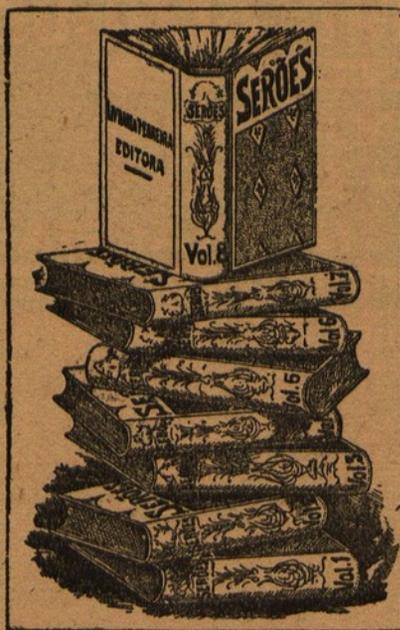
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

Serões das Senhoras

Capas de luxo para a **SEPARATA** dos
primeiros 7 volumes

CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.



Capas de luxo para a **SEPARATA** dos
primeiros 7 volumes
CADA ENCADERNAÇÃO 400 RS.

Serões das Senhoras

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escriptulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre...	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca)	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

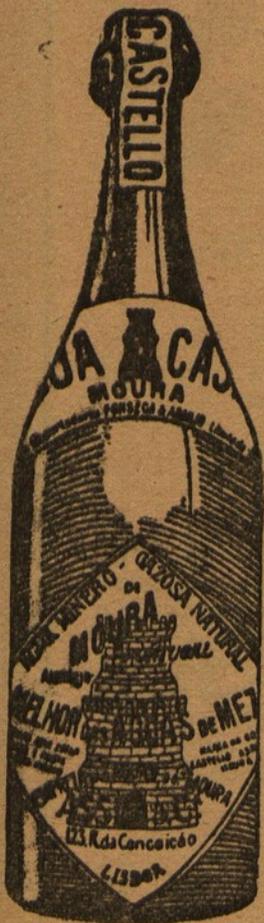
Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazoza, lithinada natural

— DE —

— MOURA —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.